

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**ANA PAULA CAMPOS MARINHO DIAS**

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA DIANTE DA  
CONJUGALIDADE: UM ENFOQUE JUNGUIANO**

**Mestrado em Psicologia Clínica**  
**Núcleo de Estudos Junguianos**

**São Paulo**

**2017**

**ANA PAULA CAMPOS MARINHO DIAS**

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA DIANTE DA  
CONJUGALIDADE: UM ENFOQUE JUNGUIANO**

Dissertação a ser apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

**São Paulo**

**2017**

**ANA PAULA CAMPOS MARINHO DIAS**

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA DIANTE DA  
CONJUGALIDADE: UM ENFOQUE JUNGUIANO**

Dissertação a ser apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria.

Aprovada em:

---

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria – PUC-SP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Silvia Pessoa

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliana Liviano Wahba

A todas as mulheres guerreiras que lutam por seus relacionamentos.

À memória de meu falecido pai, Dalton. Que Deus o abençoe onde ele estiver!

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação São Paulo pelo subsídio oferecido, que foi fundamental para a conclusão deste estudo.

À minha querida mãe, sem a qual não seria possível a realização desse sonho. Sou grata por tudo que me proporcionou, por acreditar em mim, no meu talento, e por investir na minha carreira e no meu aprendizado.

A meu marido Daniel, que foi a minha segurança e o meu refúgio nos momentos difíceis. Sou grata pelas horas em que estive ao meu lado, grata pelas conversas, grata por todo amor, carinho, apoio e incentivo.

À minha terapeuta Áurea Gitahy, quem, com toda a paciência, acolheu-me e me incentivou a continuar em meu processo de autoconhecimento e a desenvolver meu potencial.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, pelos conselhos e orientações.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em especial, à professora Liliana Wahba, pelas aulas e reflexões que proporcionaram ampliação de consciência e de conhecimento.

A Maria Sílvia Pessoa, por ter aceitado participar da banca de avaliação e pela criteriosa análise que muito contribuiu para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos meus mestres e professores de Kung-Fu, Walter Alípio, *shifu* Antônio Carlos, mestre Luiz Fabiano e mestre Gabriel Pires de Amorim, cujos ensinamentos valiosos também me ajudaram a ampliar minha consciência sobre mim mesma.

À psicóloga Helena Carvalho, por todas as contribuições e reflexões que fizeram parte da realização deste trabalho.

A todas as amigas que fiz no Núcleo de Estudos Junguianos da PUC de São Paulo. Em particular, Ísis Fabiana de Oliveira e Patrícia de Conti, cuja contribuição foi fundamental para a consecução deste estudo.

Aos meus queridos amigos Átila Almada, Hévila Gárgia e Elizeu Diniz, pelas horas de lazer e reflexão.

A todas as mulheres que, de bom grado, aceitaram fazer parte desta pesquisa, pela generosidade e oportunidade de aprendizado.

## RESUMO

MARINHO-DIAS, A. P. C. **Aspectos psicológicos da mulher contemporânea diante da conjugalidade: um enfoque junguiano.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho teve por objetivo investigar os aspectos psicológicos da conjugalidade de mulheres adultas e estudar como a mulher atual lida com as expectativas e dificuldades que se apresentam durante o relacionamento conjugal, verificando quais recursos são utilizados para enfrentar tais dificuldades. O referencial teórico que norteia este estudo é o da Psicologia Analítica de Carl G. Jung e outros autores junguianos. O método eleito foi a pesquisa qualitativa, com utilização de entrevista semidirigida e de técnica expressiva (desenho) como instrumentos de investigação. Participaram deste estudo mulheres heterossexuais, na faixa etária de 32 a 39 anos, pertencentes à classe sociocultural média, com grau de escolaridade superior e que já haviam vivido pelo menos uma experiência de conjugalidade. Os resultados obtidos sugerem que, para as participantes, a conjugalidade é a união entre duas pessoas que desejam viver a vida juntos, coabitando e construindo uma história de vida em comum. Para algumas participantes, o desenvolvimento do campo conjugal é mais importante que o desenvolvimento do campo individual. Entre as expectativas identificadas, podemos relacionar a possibilidade de vivência dos afetos como: amor, alegria, felicidade e companheirismo. As dificuldades encontradas foram relacionadas a: interferência da família de origem, tédio no relacionamento afetivo e ausência de comprometimento do companheiro.

**Palavras chave:** Mulher. Conjugalidade. Psicologia Analítica.

## **ABSTRACT**

**MARINHO-DIAS, A. P. C.. Psychological aspects of contemporary women in the face of conjugality: a Jungian approach.** Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

This study aimed at investigating the psychological aspects of conjugality of adult women and to study how nowadays women deals with the expectations and difficulties that arise during the conjugal relationship, searching to identify what resources are used to face these difficulties. The theoretical framework that guides this study is that of the Analytical Psychology of Carl G. Jung and other jungian authors. The method chosen was the qualitative research, using semi-directed interview and expressive technique (drawing) as research instruments. Participants were heterosexual women aged between 32 and 39 years, belonging to the middle socio-cultural class, with a high educational level and who had already experienced at least one experience of conjugality. The results suggest that for participants conjugality is the union between two people, who wish to live together and to build a history of a life in common. For some participants the development of the conjugal field is more important than the development of the individual field. Among the expectations found, we could mention the possibility of experiencing affects as: love, joy, happiness and companionship. The difficulties identified were related to: interference from the family of origin, boredom in the affective relationship and absence of partner's commitment.

**Key-words:** Women. Conjugality. Analytical Psychology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Diagrama de Verda Heisler .....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 2 – Investimento maciço na individualidade com base no diagrama de Verda Heisler .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 3 – Investimento maciço na conjugalidade com base no diagrama de Verda Heisler .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 4 – Desenho das expectativas de Deborah .....</b>	<b>119</b>
<b>Figura 5 – Desenho das dificuldades de Deborah.....</b>	<b>120</b>
<b>Figura 6 – Desenho das expectativas de Hannah.....</b>	<b>125</b>
<b>Figura 7 – Desenho das dificuldades de Hannah .....</b>	<b>125</b>
<b>Figura 8 – Desenho das expectativas de Miriam .....</b>	<b>129</b>
<b>Figura 9 – Desenho das dificuldades de Miriam.....</b>	<b>130</b>
<b>Figura 10 – Desenho das expectativas de Sarah.....</b>	<b>133</b>
<b>Figura 11 – Desenho das dificuldades de Sarah .....</b>	<b>134</b>
<b>Figura 12 – Desenho das expectativas de Esther.....</b>	<b>137</b>
<b>Figura 13 – Desenho das dificuldades de Esther .....</b>	<b>138</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Grupos temáticos e temas .....</b>	<b>85</b>
<b>Quadro 2 – O que é conjugalidade – Tema 1 .....</b>	<b>86</b>
<b>Quadro 3 – O que é conjugalidade – Tema 2 .....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 4 – O que é conjugalidade – Tema 3 .....</b>	<b>91</b>
<b>Quadro 5 – O que é conjugalidade – Tema 4 .....</b>	<b>93</b>
<b>Quadro 6 – Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 1 .....</b>	<b>94</b>
<b>Quadro 7 – Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 2.....</b>	<b>96</b>
<b>Quadro 8 – Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 3.....</b>	<b>97</b>
<b>Quadro 9 – Dificuldades conjugais – Tema 1 .....</b>	<b>99</b>
<b>Quadro 10 – Dificuldades conjugais – Tema 2 .....</b>	<b>102</b>
<b>Quadro 11 – Dificuldades conjugais – Tema 3 .....</b>	<b>104</b>
<b>Quadro 12 – Superação das dificuldades conjugais – Tema 1 .....</b>	<b>106</b>
<b>Quadro 13 – Superação das dificuldades conjugais – Tema 2 .....</b>	<b>108</b>
<b>Quadro 14 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade – Tema 1 .....</b>	<b>111</b>
<b>Quadro 15 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade – Tema 2.....</b>	<b>113</b>
<b>Quadro 16 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais – Tema 1 .....</b>	<b>115</b>
<b>Quadro 17 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais – Tema 2.....</b>	<b>117</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE PESQUISAS .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>Pesquisas sobre conjugalidade e relacionamentos amorosos sob a perspectiva dos casais contemporâneos .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>Pesquisas sobre conjugalidade e relacionamentos amorosos sob a perspectiva da mulher contemporânea .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>Pesquisas sobre as expectativas e dificuldades nos relacionamentos amorosos.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4</b>	<b>Pesquisas sobre relacionamentos amorosos e conjugalidade na perspectiva da Psicologia Analítica .....</b>	<b>25</b>
<b>2.5</b>	<b>Pesquisas sobre o trabalho com casais e a elaboração de conflitos conjugais na perspectiva da Psicologia Analítica .....</b>	<b>27</b>
<b>2.6</b>	<b>Síntese das pesquisas .....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1</b>	<b>Definições de conjugalidade .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2</b>	<b>Tensões entre individualidade e conjugalidade.....</b>	<b>37</b>
<b>3.3</b>	<b>O estabelecimento da conjugalidade e o desenvolvimento psicológico.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3.1</b>	<b>Anima e animus em busca do relacionamento amoroso .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3.2</b>	<b>A mulher apaixonada .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3.3</b>	<b>A formação da conjugalidade nos relacionamentos.....</b>	<b>49</b>
<b>4</b>	<b>A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANIEDADE .....</b>	<b>53</b>
<b>4.1</b>	<b>Aspectos culturais e a construção da conjugalidade .....</b>	<b>53</b>
<b>4.2</b>	<b>Amor romântico na atualidade .....</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>A MULHER E A CONJUGALIDADE .....</b>	<b>64</b>
<b>5.1</b>	<b>Ser mulher na contemporaneidade .....</b>	<b>64</b>
<b>5.2</b>	<b>A mulher autônoma e o relacionamento amoroso.....</b>	<b>69</b>
<b>6</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>72</b>
<b>7</b>	<b>MÉTODO .....</b>	<b>73</b>
<b>7.1</b>	<b>Características do estudo .....</b>	<b>73</b>
<b>7.2</b>	<b>Participantes .....</b>	<b>73</b>
<b>7.3</b>	<b>Instrumentos .....</b>	<b>74</b>

7.3.1	Questionário sociodemográfico .....	74
7.3.2	Aplicação de técnica de desenhos .....	74
7.3.3	Entrevistas semidirigidas individuais.....	75
7.3.4	Gravador.....	75
<b>7.4</b>	<b>Procedimentos.....</b>	<b>75</b>
7.4.1	Procedimento de seleção da amostra.....	75
7.4.2	Local da pesquisa.....	76
7.4.3	Procedimentos de coleta de dados.....	76
7.4.4	Procedimentos de análise dos dados .....	77
<b>7.5</b>	<b>Cuidados éticos .....</b>	<b>80</b>
<b>8</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISE.....</b>	<b>82</b>
<b>8.1</b>	<b>Descrição das participantes .....</b>	<b>82</b>
8.1.1	Deborah.....	82
8.1.2	Hannah.....	83
8.1.3	Miriam.....	83
8.1.4	Sarah.....	83
8.1.5	Esther.....	84
<b>8.2</b>	<b>Análise das entrevistas – Grupos temáticos.....</b>	<b>84</b>
8.2.1	Grupo temático 1– O que é conjugalidade.....	86
8.2.1.1	<i>Tema 1 – Aspectos afetivos da conjugalidade.....</i>	<i>87</i>
8.2.1.2	<i>Tema 2 – Formas de construção da conjugalidade .....</i>	<i>89</i>
8.2.1.3	<i>Tema 3 – Individualidade e conjugalidade.....</i>	<i>91</i>
8.2.1.4	<i>Tema 4 – Valores adquiridos da família de origem.....</i>	<i>93</i>
8.2.2	Grupo temático 2 – Expectativas em relação à conjugalidade .....	94
8.2.2.1	<i>Tema 1 – Aspectos afetivos.....</i>	<i>95</i>
8.2.2.2	<i>Tema 2 – Construção de uma nova família .....</i>	<i>96</i>
8.2.2.3	<i>Tema 3 – Conquista de bens materiais .....</i>	<i>97</i>
8.2.3	Grupo temático 3 – Dificuldades conjugais.....	98
8.2.3.1	<i>Tema 1 – Dificuldades afetivas.....</i>	<i>100</i>
8.2.3.2	<i>Tema 2 – Carreira e finanças .....</i>	<i>102</i>
8.2.3.3	<i>Tema 3 – Outras dificuldades .....</i>	<i>104</i>
8.2.4	Grupo temático 4 – Superação das dificuldades .....	105
8.2.4.1	<i>Tema 1 – Superação e solução dos conflitos .....</i>	<i>106</i>
8.2.4.2	<i>Tema 2 – Mudança de comportamento .....</i>	<i>108</i>

8.2.5	Grupo temático 5 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade .....	110
8.2.5.1	<i>Tema 1 – Características dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade .....</i>	<i>112</i>
8.2.5.2	<i>Tema 2 – Valores dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade ..</i>	<i>114</i>
8.2.6	Grupo temático 6 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais .....	115
8.2.6.1	<i>Tema 1 – Características que os homens buscam nos relacionamentos conjugais.....</i>	<i>116</i>
8.2.6.2	<i>Tema 2 – Características que os homens buscam nas mulheres .....</i>	<i>117</i>
<b>8.3</b>	<b>Apresentação e análise dos desenhos .....</b>	<b>119</b>
8.3.1	Os desenhos de Deborah .....	119
8.3.1.1	<i>Análise dos desenhos de Deborah.....</i>	<i>120</i>
8.3.2	Os desenhos de Hannah .....	124
8.3.2.1	<i>Análise dos desenhos de Hannah .....</i>	<i>126</i>
8.3.3	Os desenhos de Miriam .....	129
8.3.3.1	<i>Análise dos desenhos de Miriam.....</i>	<i>130</i>
8.3.4	Os desenhos de Sarah .....	133
8.3.4.1	<i>Análise dos desenhos de Sarah.....</i>	<i>134</i>
8.3.5	Os desenhos de Esther .....	137
8.3.5.1	<i>Análise dos desenhos de Esther .....</i>	<i>138</i>
<b>9</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>142</b>
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>160</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>164</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro de pesquisa.....</b>	<b>170</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>171</b>
	<b>APÊNDICE C – Folheto de divulgação da pesquisa .....</b>	<b>173</b>
	<b>APÊNDICE D – Comunicado de pesquisa .....</b>	<b>174</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As sociedades ocidentais vivem um momento caracterizado pelo paulatino declínio dos padrões de relacionamentos tradicionais e pela emergência de novas configurações relacionais, que podem interferir de maneira significativa na construção da conjugalidade.

Estudiosos do mundo ocidental contemporâneo apontam para essas transformações que incluem os valores da igualdade, da liberdade e da laicidade, mas, por outro lado, distanciam o ser humano da vivência dos afetos ao enfatizar as lógicas do individualismo e do consumismo. Conforme a perspectiva do sociólogo Zygmund Bauman (2004), as novas configurações sociais caminham para a construção de relacionamentos superficiais. Em suas palavras, relacionamentos líquidos. Os relacionamentos líquidos, na visão desse autor, são pouco providos de afetividade e a relação é comparada a uma mercadoria de consumo que pode ser descartada a qualquer momento. Nesse sentido, a busca por um relacionamento estaria atrelada ao preenchimento de um vazio interior e à satisfação imediata dos prazeres.

Na compreensão de Graubart (2014), a evolução tecnológica, a globalização e a facilidade proporcionada pelos meios de comunicação, favorecem a construção de relacionamentos conforme a perspectiva de Bauman (op. cit.), pois esses fatores propiciaram a aproximação entre as pessoas e, conseqüentemente, entre os pares afetivos, facilitando o envolvimento em relacionamentos de curta duração. Nesse tipo de relacionamento, o contato é momentâneo e, por vezes, não existe interesse em desenvolver um projeto de vida ou desejos em comum, e não há a pretensão de construção da conjugalidade. Tal estado de coisas afeta os relacionamentos amorosos, que se tornam menos presos a padrões e assumem múltiplas formas.

Simultaneamente à ascensão de valores individualistas, observa-se a transformação do valor e dos papéis atribuídos às mulheres. No início do século XX, a maioria das mulheres era educada visando o desenvolvimento de atributos voltados para o universo afetivo e familiar. Praticamente inexistia espaço para a autonomia ou para o desenvolvimento intelectual feminino. Todavia, em meados do século passado, o controle da concepção, a legitimação do trabalho assalariado feminino e a valorização daquelas que perseguem uma carreira fizeram surgir uma nova geração de mulheres que passou a ansiar não somente pela realização afetiva,

mas também por liberdade de escolha e realização profissional (BIASOLI-ALVES, 2000). Em resumo, nas palavras de Lipovetsky, “nosso meio século mudou mais a condição feminina do que todos os milênios anteriores” (LIPOVETSKY, 2000, p. 11).

Ainda que seja importante considerar que as demandas relacionadas ao encontro amoroso sofrem a influência do contexto histórico e da cultura, autores que estudam a condição feminina ressaltam que as mulheres ainda têm expectativas que os encontros amorosos, em algum momento, levem à construção da conjugalidade. Assim, mesmo diante desse cenário repleto de desafios no que diz respeito à construção da intimidade e que facilita a formação de relacionamentos superficiais e fugazes, os estudiosos do feminino encontram que, em grande parte, as mulheres ainda anseiam por construir relacionamentos nos quais residem todo o fascínio e toda a dificuldade de ser casal. Desejam compartilhar suas vidas com alguém que tenha vontade de construir uma vida em comum, porém não aderem ao romantismo excessivo e dependente nem desejam, necessariamente, viver apenas vínculos afetivos superficiais (PALACIO, 2012). Desse modo, se, por um lado, tem-se a “atração fatal”, que pode levar a uma aproximação apenas momentânea, por outro, parece subsistir o desejo da manutenção dos afetos e do estabelecimento de relações baseadas em um propósito de vida em comum.

As mulheres representantes da contemporaneidade, em sua maioria, buscam não somente o desenvolvimento intelectual e a liberdade de escolha, mas também os cuidados e o carinho que podem ser proporcionados por meio de relações amorosas satisfatórias. Lipovetsky (2000), filósofo francês, faz referência a esse duplo anseio ao comentar que, mesmo em uma época de contestação dos papéis tradicionais femininos, em que as mulheres aceitam cada vez menos sacrificar estudos e carreira, não se observa o “recuo das esperanças amorosas, mas a rejeição das convenções ‘falsas’, bem como a promoção dos valores de proximidade e de intimidade, a intensificação da necessidade de uma comunicação mais autêntica” (LIPOVETSKY, 2000, p. 28). Nesse sentido, para a mulher moderna, não bastaria apenas relacionar-se de modo a atender convenções sociais.

Em minha carreira como psicóloga clínica, atendi inúmeros casos de pacientes com queixas amorosas. Em sua maioria, eram mulheres que traziam como questão principal a escolha do parceiro ou a qualidade do relacionamento em que estavam envolvidas. De certo modo, pareciam também desorientadas e inseguras em relação àquilo que desejavam viver em um relacionamento amoroso. Os vínculos

afetivos que haviam construído pouco favoreciam a estruturação da conjugalidade, embora, muitas vezes, esse fosse o principal desejo dessas pacientes. Muitas não estavam, aparentemente, prontas para um efetivo relacionamento conjugal, dado que, repetidas vezes, escolhiam, de modo aparentemente inconsciente, estar em relacionamentos que não lhes traziam benefícios e proporcionavam, ao contrário, sofrimento.

Ficou patente, nesses atendimentos, que a maior parte das pacientes parecia desconhecer o significado, a vivência e a construção de uma identidade conjugal, ou seja, não se davam conta da contribuição que a vida em comum poderia oferecer tanto para o amadurecimento individual dos integrantes do casal quanto para a consolidação e evolução do vínculo afetivo existente (VARGAS, 2004).

Vale ressaltar que algumas demonstravam a vontade consciente de construir um relacionamento afetivo, mas uma força inconsciente parecia impulsioná-las a evitar o envolvimento necessário para a constituição da conjugalidade. Conjecturei, então, se o medo de perder a própria individualidade e as dificuldades para construir uma identidade em comum com seus parceiros seriam o pano de fundo das queixas apresentadas.

Nos atendimentos clínicos, tenho notado que as pacientes descrevem inúmeras imagens estereotipadas do amor, imagens associadas a inúmeras fantasias a respeito dos relacionamentos afetivos e da conjugalidade. São representações que se referem a um “amor idealizado”, ideal esse que, muitas vezes, tem como premissa a aproximação mágica entre as pessoas e que, ademais, depende do encontro de um homem “perfeito”, responsável por solucionar todos os problemas e proporcionar a completa felicidade (GRAUBART, 2014), satisfazendo todas as necessidades afetivas e sexuais da mulher. Em geral, esse homem idealizado reflete determinados padrões sociais relacionados à aparência e a modos de conduta estereotipados.

Outras fantasias dizem respeito ao que seriam as expectativas masculinas do ponto de vista dessas pacientes: o homem apenas escolhe como parceira aquela mulher que reúne certas características emocionais – segurança afetiva, maturidade, estabilidade – ou físicas – uma beleza inigualável e um apelo sexual que farão valer a pena o sacrifício masculino de abdicar de outras possibilidades de relacionamento.

É de se supor que tais fantasias possam suscitar na mulher não somente a expectativa de um encontro prazeroso e romântico com um parceiro magistral, como

também o anseio de se tornar uma pessoa fisicamente atraente a fim de conquistar tal companheiro. Muitas se impõem a beleza como condição para se relacionar e se, de acordo com determinados critérios e padrões, não a possuem, então se consideram desmerecedoras de um relacionamento afetivo estável.

Deparei-me, também, com mulheres que se tornaram “vítimas” de seus próprios julgamentos. Muitas vezes, cobranças em demasia, somadas ao julgamento e às exigências da sociedade, haviam levado essas pacientes a criar múltiplas defesas e a afirmar, inclusive, não precisar de um relacionamento. No meu modo de entender, algumas delas ainda não estavam prontas para construir uma relação em que pudessem compartilhar com seu companheiro os prazeres e os desprazeres da vida.

A experiência clínica e as reflexões existentes sobre a contemporaneidade levaram-me a refletir sobre expectativas femininas em seus relacionamentos amorosos. Para a mulher atual o que seria a conjugalidade? Como ela se constitui em meio a tantas formas atuais de relacionamentos? Seria possível afirmar que existem, nos dias de hoje, expectativas comuns relativas à conjugalidade entre as mulheres modernas? Se existem, quais seriam? Como teriam se constituído? Qual o impacto de tais expectativas no desenvolvimento e eventual continuidade das relações amorosas?

Ainda não se tem deparado com estudos no campo da filosofia e da sociologia sobre a vivência feminina da conjugalidade, foram escassas as pesquisas encontradas no âmbito da Psicologia Analítica que oferecessem uma melhor compreensão sobre o assunto.

Com base na convicção de que a exploração desse tema é de relevância para o atual estágio de desenvolvimento teórico da Psicologia Analítica, o presente trabalho visa investigar os aspectos psicológicos de mulheres adultas diante da conjugalidade, a partir do referencial da Psicologia Analítica. Para tanto, será adotado o conceito de conjugalidade como sendo a identidade do casal que se constrói a partir do relacionamento amoroso entre duas pessoas. Especificamente, esta pesquisa tratará das expectativas e dificuldades femininas em relação à conjugalidade que se constitui a partir do relacionamento com um homem, em uma relação de caráter heterossexual.

Pretende-se que este trabalho aponte novos caminhos para a compreensão da conjugalidade sob o ponto de vista da mulher contemporânea, o que irá favorecer

a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos nas configurações atuais de relacionamento e servir como base para novas pesquisas no campo junguiano.

Entende-se, ainda, que os resultados obtidos podem vir a ser subsídio para o aprimoramento das estratégias de atuação na clínica junguiana que se proponha a dar suporte tanto em situações individuais que envolvam relacionamentos afetivos quanto naqueles casos em que a terapia de casal é a mais indicada.

A partir dessas ideias introdutórias, o presente estudo está assim composto:

No segundo capítulo, serão apresentadas as pesquisas sobre conjugalidade e relacionamentos amorosos sob a perspectiva dos casais e mulheres contemporâneos, com especial destaque para aqueles estudos que adotam a perspectiva psicológica e, sempre que possível, a Psicologia Analítica como base teórica. Serão apresentadas, igualmente, pesquisas sobre expectativas e dificuldades conjugais e sobre métodos terapêuticos para a solução dos conflitos entre o casal.

No terceiro capítulo, apresentam-se a definição de conjugalidade e como se dá seu desenvolvimento. Abordam-se, ainda, as tensões existentes entre conjugalidade e individualidade. No quarto capítulo, serão apresentados os aspectos culturais da conjugalidade e dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade. No quinto capítulo, faremos um breve ensaio sobre a mulher contemporânea, a conjugalidade e os relacionamentos amorosos. O sexto capítulo será formado pelos objetivos desta pesquisa. Os resultados obtidos e a análise dos dados encontrados serão apresentados no sétimo capítulo. O oitavo capítulo é composto pela discussão, sendo seguido pelo nono capítulo que traz a conclusão deste estudo. Seguem-se, ao final, as referências e os apêndices que compõem este trabalho.

## **2 REVISÃO DE PESQUISAS**

Este estudo começou a ser pensado a partir da busca por pesquisas atuais que contemplassem os seguintes assuntos: conjugalidade, relacionamentos amorosos, bem como as suas expectativas e dificuldades. O levantamento bibliográfico incluiu a busca em meios eletrônicos, como a Medline, Pubmed, Bireme, Pepsic, Scielo, Lilacs, a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o *Journal of Analytical Psychology*. As palavras chaves utilizadas para tal fim foram: conjugalidade, conjugalidade expectativas, conjugalidade dificuldades, relacionamentos amorosos, casamento e casal. Foram consideradas as pesquisas que sugeriam dados obtidos por meio de entrevistas com voluntários participantes. Procurou-se, neste levantamento, trazer os dados mais relevantes de acordo com o apresentado pela população.

### **2.1 Pesquisas sobre conjugalidade e relacionamentos amorosos sob a perspectiva dos casais contemporâneos**

Em primeiro lugar, serão apresentadas as pesquisas, dentro das diversas abordagens psicológicas, realizadas com casais, sobre conjugalidade. A escolha dessas pesquisas teve como objetivo trazer a compreensão da conjugalidade e dos relacionamentos amorosos sob o olhar dos casais contemporâneos.

Vieira e Stengel (2010), em “Os nós do individualismo e da conjugalidade na pós-modernidade”, realizaram um trabalho de pesquisa qualitativa com o objetivo de demonstrar a relação entre conjugalidade e individualidade. Para atingir os objetivos propostos, os autores entrevistaram, separadamente, três casais que moravam juntos em regime de união estável ou casamento, sendo dois casais heterossexuais e um casal homossexual. A faixa etária dos entrevistados variava entre 28 e 40 anos, e todos pertenciam à classe socioeconômica média de Belo Horizonte. Os resultados sugerem que os participantes compreendem os relacionamentos amorosos como um aspecto de suas vidas que provê uma estrutura de identidade, proporcionando um sentimento de estabilidade. Nesse sentido, entendem que a conjugalidade deve ser construída à medida que o relacionamento vai se

desenvolvendo e que esta possui uma identidade própria, formada pelos objetivos comuns do casal. Os participantes afirmaram querer mais do que promessas de felicidade eterna, desejando a construção de objetivos em comum com seus parceiros.

No que diz respeito ao quesito individualidade, os entrevistados demonstraram que as relações consideradas estáveis ainda causam certo receio, pois a maioria ainda mencionou o medo de não suportar a rotina do relacionamento e de que esse pudesse conflitar com seus projetos pessoais. Sendo assim, os autores concluem que a conjugalidade ainda está em conflito com a individualidade.

Silva, Trindade e Silva Júnior (2012), analisaram as representações sociais da conjugalidade em casais recasados. Para cumprir tais objetivos, foram realizados dois grupos focais: um com cinco mulheres, com idades entre 35 e 60 anos, e outro com quatro homens, com idades entre 47 e 61 anos. Os participantes possuíam pelo menos um filho do primeiro casamento e moravam em bairros considerados de classe média ou média alta. Das entrevistadas, apenas uma afirmou estar em união estável e morar em casa separada. Essa união estável foi contabilizada pelos pesquisadores como casamento, pois a participante afirma que o casal se encontra todos os dias e possui uma vida conjugal. Os autores utilizaram, como instrumentos de pesquisa, as entrevistas semiestruturadas. Os resultados sugerem que a conjugalidade se configura como um novo sistema representacional, que contém aspectos formados pela individualidade de cada um dos integrantes do casal. Além disso, existiria, por parte das pessoas separadas, o desejo de buscar novos vínculos afetivos e reconstruir sua vida conjugal de forma satisfatória. Segundo os autores da pesquisa, a relação conjugal, no recasamento, tende a ser mais igualitária com relação aos papéis de gênero. Também foi identificado que os participantes tinham a concepção de que o casamento seria um lugar onde se encontraria a felicidade, o que demonstraria que a conjugalidade é um aspecto importante para o relacionamento amoroso. De acordo com os dados obtidos, as mulheres entrevistadas atribuíam a felicidade no casamento ao companheirismo e à cumplicidade que o homem poderia lhes proporcionar. Os homens entrevistados buscavam, na mulher, segurança e cobravam uma atuação feminina mais ativa

dentro do casamento. Sobre a felicidade no casamento, os dois grupos, reconhecem que essa não é tão fácil ou simples de ser alcançada, devido a fatores como a dificuldade de lidar com o outro cônjuge e de negociar compromissos entre os membros do casal.

Ao mencionarem a negociação entre os casais, os autores relatam que esse é um elemento que indica o aumento da igualdade entre homens e mulheres no casamento (SILVA, TRINDADE & SILVA JÚNIOR, 2012).

## **2.2 Pesquisas sobre conjugalidade e relacionamentos amorosos sob a perspectiva da mulher contemporânea**

As pesquisas a seguir abordadas são aquelas encontradas a respeito do tema conjugalidade e relacionamentos amorosos, dentro das diversas abordagens psicológicas, cuja amostra era composta por mulheres. A escolha desses estudos teve como objetivo trazer a compreensão da conjugalidade e dos relacionamentos amorosos sob o olhar das mulheres contemporâneas.

Duarte e Rocha-Coutinho (2011), em seu artigo “‘Namorado’: uma forma contemporânea de conjugalidade”, realizaram estudo qualitativo que tinha como objetivo entender o fenômeno, denominado “namorado” pelas autoras. Nesse tipo de relacionamento, o casal, após um curto período de namoro, decide morar junto, sem necessariamente planejar uma futura oficialização. A amostra foi composta por cinco mulheres de classe média da zona sul do Rio de Janeiro, com idades entre 27 e 37 anos. Todas trabalhavam extradomiciliarmente e moravam junto com o companheiro há pelo menos um ano, compartilhando as responsabilidades da casa. Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada individual, com roteiro previamente definido.

De acordo com as autoras, os resultados desse estudo foram ao encontro do que propõe Giddens (1993) e Bauman (2004), ou seja, demonstrariam que a exacerbação do individualismo favorece o surgimento de novas formas de se relacionar afetivamente, mais confluentes e/ou líquidas. Automaticamente, com o surgimento dessas novas formas, também surgem novos modelos de conjugalidade. Na coabitação precedida por um curto período de namoro, haveria a realização rápida do desejo de estar com o parceiro. Todavia, o relacionamento terminaria quando o desejo acaba e a relação não traz mais satisfação. Além disso, as autoras

constatarem que, hoje, o casamento ou a coabitação são relações iniciadas em razão da satisfação emocional que os cônjuges sentem quando em contato próximo com o outro, e não com base em convenções familiares e sociais, como acontecia há algumas décadas atrás. A aprovação dos pais e a existência de filhos de outros relacionamentos deixam de serem fatores importantes para a manutenção do casamento. Nos dias atuais, o que importa é a satisfação amorosa, independentemente de a união ser registrada em cartório.

O artigo de Cunico e Arpini (2014), “Conjugalidade e parentalidade na perspectiva de mulheres chefes de família”, teve como objetivo compreender as questões que perpassam o fim do relacionamento conjugal e as diferenças atribuídas ao desempenho de papéis parentais sob o olhar de mulheres chefes de família. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual a amostra foi composta por 10 mulheres que tinham filhos e que eram provenientes da periferia de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. As idades variavam entre 22 e 49 anos, sendo sete das participantes solteiras, uma separada e duas divorciadas. Não houve restrição quanto ao estado civil das participantes, porém, como critério de inclusão, elas não poderiam morar com o pai do(s) filho(s) ou outro companheiro. O estudo se dividiu em dois momentos. No primeiro, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais. No segundo, foi realizado um grupo focal no qual apenas seis participantes compareceram. As autoras discutem que uma das principais dificuldades para a realização da pesquisa residiu na distinção entre os aspectos referentes à conjugalidade e aqueles relacionados à parentalidade. Na visão das mulheres participantes dessa pesquisa, os ex-casais encontravam dificuldades no modo como se relacionavam com os filhos da união. Embora tenha se constatado que o recasamento dos pais tanto pode afastá-los quanto aproximá-los ainda mais dos filhos da relação passada, um relacionamento conflituoso ou com resquícios de sentimentos negativos nutridos por um dos genitores pode impedir a convivência com os filhos. A nova companheira do homem separado teria um papel fundamental e interferiria diretamente na relação entre pais e filhos, pois tanto podem apoiar quanto desaprovar tal relação. Isso indicaria o quanto as dimensões da conjugalidade e da parentalidade podem seguir integradas, mesmo após a dissolução do vínculo amoroso entre os cônjuges.

Diante desse contexto, em que o espaço da conjugalidade interfere no espaço da parentalidade, as autoras ressaltam que é importante buscar ações que

acompanhem os pais quanto ao exercício da parentalidade após a dissolução conjugal. Seria necessário, ainda, desenvolver espaços para a escuta dos casais em processo de separação, para que, assim, eles possam refletir sobre os desdobramentos que surgem com o fim do relacionamento do casal, a fim de que possíveis conflitos não venham a interferir negativamente no relacionamento entre pais e filhos.

### **2.3 Pesquisas sobre as expectativas e dificuldades nos relacionamentos amorosos.**

A seguir, são apresentadas as principais pesquisas, no campo da psicologia, a respeito do tema expectativas e dificuldades nos relacionamentos amorosos e na conjugalidade.

Em seu trabalho “Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento”, Zordan, Falcke e Wagner (2009) realizaram pesquisa exploratória sobre os fatores que, na contemporaneidade, estão envolvidos na escolha pelo casamento entre jovens adultos. A amostra foi composta por jovens com idade média entre 20 e 31 anos e contou com 197 participantes – 120 mulheres e 77 homens. Com relação à escolaridade, 57,9% da amostra tinha ensino médio completo e 42,1% tinha ensino superior completo. Do total, 77,2% estava trabalhando. A maioria da amostra ganhava entre um e três salários-mínimos. A religião católica predominou, sendo que 51% dos católicos afirmaram ser praticantes. Em relação à condição amorosa, 66,7% das pessoas (123 participantes) tinham namorado ou namorada, o que indicou que a maioria tinha um relacionamento estabelecido. Sobre o tempo de namoro, as autoras informam que dos 123 participantes que tinham parceiros fixos, 69,1% tinham entre um e quatro anos de namoro, o que caracterizaria uma relação duradoura.

As autoras utilizaram, como instrumento de pesquisa, questionário composto por questões sociodemográficas e duas perguntas relacionadas aos projetos de vida e aos motivos que levaram ao casamento, que foram elaboradas com base na revisão de literatura. Tais perguntas possibilitaram a exploração de fatores como: aspectos que envolviam os projetos vitais, os motivos para o casamento, a influência das famílias e dos amigos e as expectativas com relação ao futuro e ao casamento. O estudo sugere que o casamento, na contemporaneidade, continuaria a ser

desejado, embora não esteja entre os principais projetos de vida dos jovens solteiros. A prioridade dos jovens solteiros, tanto dos homens quanto das mulheres, seria a carreira e a formação profissional. Uma explicação para a priorização da carreira profissional em relação ao casamento seria o fato de que, atualmente, a possibilidade de liberdade sexual está disponível para ambos os sexos, não havendo necessidade de casar para ter uma vida sexual ativa. Assim sendo, o casamento não é compreendido como um objetivo, mas sim como algo que pode ser conquistado no decorrer da vida e que pode acontecer espontaneamente, a qualquer momento. Entre os motivos pessoais para casar, apareceram os fatores vinculados à relação amorosa e à afinidade entre o casal. Já com relação aos motivos familiares, os jovens indicaram a importância que os pais dão ao fato de seus filhos contraírem matrimônio. Com relação aos motivos socioeconômicos, existiu uma concordância entre os jovens pesquisados sobre a importância de oficializar a relação perante a sociedade. Entre os motivos religiosos, apareceu a valorização do casamento pelas diferentes religiões e o pressuposto de que a religião considera o casamento um ato sagrado. A pesquisa também reforça as conclusões de outras investigações, que sugerem que o casamento, na atualidade, é baseado no desejo, nas expectativas de companheirismo, amor e segurança emocional e na satisfação dos cônjuges. “Assim, a escolha pelo casamento na contemporaneidade é motivada, principalmente, por fatores subjetivos, predominando as expectativas referentes à qualidade da relação conjugal” (ZORDAN, FALCKE & WAGNER, 2009 p. 71).

Coutinho e Menandro (2010) concentraram seu trabalho de pesquisa na conjugalidade e na família. Em seu artigo “Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: ‘Que seja eterno enquanto dure’.”, as autoras buscaram verificar se a vivência conjugal e familiar sofreu modificações ao longo de três décadas, entre 1960 e 1990. Para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas vinte entrevistas narrativas, semiestruturadas, com mulheres de classes social média e baixa, divididas em dois grupos: a) dez mulheres, que tiveram filhos na década de 1960, consideradas pelos autores como da primeira geração. Em sua maioria donas de casa, essas participantes tinham idades entre 60 e 74 anos, sendo duas viúvas, cinco casadas e duas divorciadas; b) dez mulheres, filhas das mulheres do primeiro grupo, consideradas pelos autores como da segunda geração. Essas participantes tinham idades entre 34 e 45 anos e, em sua maioria,

trabalhavam fora. “A entrevista permitiu às participantes falarem de suas experiências e práticas cotidianas em relação aos contextos familiar e conjugal.” (COUTINHO & MENANDRO, 2010, p. 83).

Os resultados obtidos sugerem que as expectativas da primeira geração de mulheres, na maioria das vezes, oscilavam entre ter um lar para cuidar, constituir uma família, libertar-se da opressão dos pais e ficar casada para sempre. Mesmo que essas expectativas não se realizassem, cabia à mulher suportar o relacionamento em nome do bem estar dos filhos e da sua reputação. O estudo igualmente sugere que a regra social que estabelecia que o casamento devesse ser mantido a qualquer custo e que teria levado as mulheres a assumir uma posição submissa, tolerando o domínio masculino, estaria paulatinamente perdendo força entre as gerações. As expectativas das mulheres da segunda geração oscilaram entre liberdade de escolha e respeito mútuo entre os cônjuges, demonstrando que a maioria das mulheres entrevistadas nesse grupo esperava ter um relacionamento amoroso com a finalidade da construção da conjugalidade e não manter o papel imposto pela sociedade, como acontecia com as participantes da primeira geração. As representantes da primeira geração de mulheres tinham a concepção de que o casamento era a única alternativa para as suas vidas, pois revelaram não ter objetivos de carreira ou estudos, e temiam o estigma de solteironas ou de separadas. Por essas razões, tentavam, a todo custo, manter a harmonia e a paz conjugal. As representantes da segunda geração incluíam o casamento em seus projetos de vida, mas deixaram claro o desejo de vivenciá-lo com amor, com diálogo e com afeto, sendo que a separação era uma possibilidade sempre presente. Estava explícito no relato das participantes o desejo de construir uma vida conjugal diferente da vida de suas mães, o que confirmaria o surgimento de novos contornos para a relação conjugal.

As autoras portuguesas Sofia Raquel Alves Fonseca e Cidália Maria Neves Duarte (2014) analisaram os significados de casamento e do amor, as expectativas para o casamento e a emergência e resolução de conflitos em duas fases: o namoro e o casamento. Os entrevistados foram cinco casais heterossexuais, com idades entre 26 e 37 anos, com, no mínimo, dois anos de casamento, ausência de coabitação prévia antes do casamento, primeira experiência matrimonial e ausência de filhos. O tempo de namoro variava entre dois anos e meio e nove anos, e o tempo máximo de casamento era de cinco anos. Os participantes eram portugueses.

O instrumento usado foi a entrevista semiestruturada, composta por 29 perguntas que foram elaboradas segundo a literatura existente.

De acordo com os resultados da pesquisa, os participantes exibiam a consciência de que a relação não era feita apenas de momentos bons, mas que também pressupunha esforço, resolução de problemas e superação dos desafios. O casamento, na fase de namoro, era entendido pelos participantes como um projeto que representava a afirmação do parceiro ou da relação.

Nessa pesquisa, o valor atribuído ao casamento oscilou entre dois polos: o religioso – o amor como sacramento – e o contratual. O casamento, para a maioria, não era visto como uma extensão do namoro, mas como um período pelo qual os casais amadureciam um compromisso e passavam por dificuldades mais do que por prazeres. Na fase do namoro, o casamento era esperado como uma fonte de apoio, refúgio, lugar para a construção de um projeto em comum entre o casal e a construção de uma família. Em última instância, a expectativa era de felicidade. As autoras concluem que, após o casamento, os casais conseguiram realizar suas expectativas e, até mesmo, superá-las. Com relação aos conflitos, as autoras verificaram que esses ocorreram em maior número na fase inicial do casamento. As diferenças de gênero também foram consideradas dificuldades na visão dos casais, pois muitas vezes não havia confluência de visões, e os papéis da mulher e do homem no casamento eram percebidos de modo estereotipado. Na fase de namoro, os maiores conflitos estavam relacionados a diferenças nas características pessoais de cada parceiro, a diferenças de necessidades e ao tempo na relação, às experiências relacionais anteriores e às famílias de origem, enquanto que, durante a fase do casamento, os maiores conflitos estavam relacionados à profissão e à sexualidade. Quanto às estratégias de enfrentamento, as autoras concluem que, em alguns casos, seriam necessários afastamento, comunicação, oração e bom humor.

#### **2.4 Pesquisas sobre relacionamentos amorosos e conjugalidade na perspectiva da Psicologia Analítica**

Passa-se a relatar as pesquisas encontradas a respeito dos relacionamentos amorosos e da conjugalidade, dentro da abordagem da Psicologia Analítica. Vale ressaltar que poucas foram as pesquisas encontradas sob o tema, nessa abordagem.

A pesquisa de Bertaglia (2012) teve como objetivo compreender os conteúdos psíquicos envolvidos na excessiva dependência feminina, bem como analisar as fantasias sobre os relacionamentos amorosos e conjugais, presentes nos discursos de mulheres. A autora realizou entrevista semiestruturada e aplicação de desenhos, que foram analisados segundo a leitura da Psicologia Analítica. As participantes foram três mulheres adultas heterossexuais, com dificuldades conjugais. Todas possuíam grau de escolaridade superior e classe econômica e cultural média. A idade do grupo variou entre 30 e 45 anos. Os resultados sugerem que, em sua maioria, os problemas das mulheres entrevistadas estavam relacionados com a autoimagem, com limites e com perturbações de natureza erótica. Também foram constatadas preocupações excessivas relacionadas à opinião pública e familiar. Bertaglia (2012) concluiu que as entrevistadas eram pessoas independentes, mas a necessidade de manter a imagem social, somada à falta de autoconhecimento e às projeções do animus nos parceiros, possivelmente as tornou dependentes do relacionamento.

Em outra pesquisa, Palacio (2014) entrevistou doze mulheres adultas, com idades entre 21 e 36 anos, com grau universitário e/ou trabalhando, que moravam em repúblicas da cidade de São Paulo e não estavam casadas. O objetivo da pesquisa foi compreender o relato subjetivo dessas mulheres a respeito das relações íntimas amorosas com os homens. A autora procurou, do mesmo modo, identificar o que as participantes valorizavam nos relacionamentos íntimos, assinalar os ganhos e conflitos e apontar a avaliação que as participantes faziam sobre si mesmas, sobre os parceiros e sobre as relações íntimas. Os instrumentos utilizados foram entrevista semiestruturada e aplicação de desenhos-estória, com tema. Os resultados desse estudo revelaram que as fantasias e os ideais das participantes estariam intimamente ligados ao papel da heroína disposta a viver os seus sentimentos e ir atrás dos seus objetivos. O ideal amoroso das entrevistadas seria baseado em um relacionamento psicológico que enfatiza os opostos como: união-separação, afinidade-diferenças, partilha-liberdade, sexo-amor.

A autora concluiu que a imagem ideal do amor ainda se mantém, mas a mulher moderna descobre outras formas de vivê-lo, por exemplo, por meio da modelagem das expectativas relacionadas à imagem do parceiro ideal, de forma que esse não se torne aquele que irá salvá-las de todos os seus problemas e que se disponibilize apenas a amá-las com carinho e respeito, mas sim que haja a resolução dos problemas, de forma que os dois possam ser construtores do relacionamento e se amarem mutuamente.

## **2.5 Pesquisas sobre o trabalho com casais e a elaboração de conflitos conjugais na perspectiva da Psicologia Analítica**

Seguem-se pesquisas, na abordagem da Psicologia Analítica, que se constituem referência para o trabalho com casais e para o aprofundamento das questões da conjugalidade e a elaboração de conflitos conjugais. .

Susan Albert (2008), em seu trabalho, *Infertilidade na relação conjugal: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com sandplay*, buscou compreender os conflitos que surgem no relacionamento de casais que receberam o diagnóstico de infertilidade e os conflitos que estão subjacentes à queixa. A pesquisa da autora também teve como objetivos:

- a) compreender como os conflitos relativos à infertilidade estavam sendo elaborados na conjugalidade;
- b) estabelecer possíveis relações entre a infertilidade e o processo de individuação conjugal;
- c) verificar a utilização do Sandplay como recurso para compreender os conflitos de casais inférteis.

A pesquisa sugeriu que a infertilidade, embora, se analisada superficialmente, seja apenas um problema físico, interfere diretamente na relação conjugal, gerando conflitos e repercussões para os dois cônjuges. Durante o processo com o Sandplay, os casais conseguiram nomear os seus sentimentos e elaborar os conflitos gerados pelo diagnóstico de infertilidade, tanto no plano individual quanto no conjugal. Nesse sentido, pode-se dizer que o *setting* terapêutico foi propício à elaboração desses conflitos. Observou-se, também, que os cônjuges haviam desenvolvido dinâmicas de comunicação que camuflavam os conflitos e que

levavam a crer que a relação estava em perfeita harmonia, mesmo diante do diagnóstico de infertilidade. A autora entende que camuflar os conflitos seria uma defesa contra os sentimentos de impotência de ambos os parceiros.

No ano de 2015, a mesma autora publicou, no *Journal of Analytical Psychology*, um estudo de caso (ALBERT, 2015a), realizado com um casal que estava casado há mais de trinta anos e pensava em se separar e um segundo casal, que tinha o diagnóstico de infertilidade. Esse foi um estudo de caso realizado em 20 sessões, nas quais foram realizados seis cenários em Sandplay, com os dois casais, separadamente. O objetivo do artigo foi demonstrar o processo de terapia dos casais e comunicar a eficácia da técnica de Sandplay para a solução de conflitos conjugais. Em razão dos resultados alcançados, a autora referenda a sua pesquisa anterior, datada de 2008, e apresenta o Sandplay como um método eficaz para explorar os conflitos conjugais e torná-los conscientes. Além disso, foi possível verificar as reações subjetivas do casal e as emoções que evidenciavam cada conflito. As cenas criadas trouxeram à tona conteúdos intrapsíquicos tanto para a autora quanto para o casal. A técnica levantou claramente questões sobre comportamento, escolhas e atitudes entre os parceiros, que talvez, não fossem levantadas sem o uso da técnica. Na visão da autora, os dois processos, terapia verbal e terapia com uso de Sandplay, complementaram-se mutuamente de modo a acelerar a transformação e o processo de resolução dos conflitos conjugais. Assim, enquanto a psicoterapia verbal junguiana envolveria o trabalho com complexos, sonhos e projeções, o uso concomitante do Sandplay na terapia de casal encorajaria uma regressão criativa, por meio da qual os complexos poderiam ser tornados conscientes, na medida em que são apresentados em uma imagem tridimensional, que encorajaria a transformação. A autora teoriza que, nesse caso, a expressão mais livre dos conteúdos inconscientes se torna possível, porque as interpretações são adiadas e o pensamento racional não é encorajado. Assim, por meio da utilização do método, teria surgido a oportunidade de os casais entenderem a sua dinâmica conjugal e pensarem em uma solução conjunta para as suas dificuldades.

Maria Silvia Pessoa (2011), em sua pesquisa de doutorado, propõe um método de trabalho com sonhos na terapia de casal e elucida como o trabalho proporcionaria, aos participantes, *insights* em relação aos conflitos conjugais e à dinâmica conjugal. Os participantes desse trabalho foram dois casais heterossexuais, de classe econômica média/superior, que mantinham um

relacionamento estável, não consideravam a possibilidade de rompimento, residiam há mais de um ano juntos e possuíam projetos de vida em comum. Para alcançar os objetivos propostos, a autora realizou, primeiramente, uma entrevista inicial e, na sequência, 12 a 16 sessões em psicoterapia breve, em que foram trabalhados os sonhos dos casais. No trabalho com os sonhos dos casais o foco foi a conjugalidade. Como resultado a autora, propôs um método de análise dos sonhos de casais construído em três fases: a) sonho do casal; b) apreciação e c) reflexão.

- a) **sonho do casal:** propõe-se que o casal olhe conjuntamente os sonhos dos parceiros, em uma perspectiva que parte do nível individual para o conjugal;
- b) **apreciação:** essa fase envolve a apreciação dos aspectos dos elementos dos sonhos, de modo a abordar os sonhos em sua totalidade, considerando todos os detalhes;
- c) **reflexão:** nessa ultima fase, o casal é convidado a refletir sobre as imagens dos sonhos, em maior aproximação com o seu parceiro e com o relacionamento.

A pesquisa sugere que o trabalho com os sonhos contribuiu para a elaboração dos conflitos, trabalhando os problemas centrais do relacionamento e tocando em aspectos tanto individuais como conjugais. De acordo com a autora, o trabalho com os sonhos permitiu alcançar um nível mais profundo de compreensão das situações que os parceiros enfrentavam, ajudando a transformar as defesas e resistências iniciais, para que pudessem entrar em contato e lidar com os conflitos de maneira criativa e funcional, por meio do diálogo.

## **2.6 Síntese das pesquisas**

Por meio das pesquisas supracitadas, pode-se compreender o olhar de homens e mulheres diante da conjugalidade. Hoje, os modelos de relacionamento estão muito diversificados, porém há o consenso de que os relacionamentos conjugais da atualidade são motivados pelos afetos e pelo prazer que podem proporcionar ao casal, e não por imposição social ou familiar.

Lipovetsky (2000) escreveu que a importância do amor na vida das mulheres já esteve ligada a um destino social, marcado pelo confinamento doméstico, pela dependência e pela impossibilidade de desenvolvimento de projetos, tanto de vida como profissionais, por isso as expectativas femininas estavam relacionadas à paixão e se enraizavam no desejo de se casarem e terem uma família. Esse tipo de configuração pode ser notado na pesquisa com a primeira geração de mulheres dos autores Coutinho e Menandro (2010), em que os ideais femininos giravam em torno do casamento, da construção da família e da libertação proporcionada pela saída da mulher da casa dos pais.

Giddens (1993) afirma que a experiência das mulheres mais velhas quase sempre foi estruturada em termos do casamento, mesmo quando a pessoa em questão não tivesse se casado. Para esse autor, isto contrasta com o esperado por aquelas que fazem parte de uma faixa etária mais jovem.

Ao contrário do que ocorria nas décadas de 1960 a 1990 (COUTINHO & MENANDRO, 2010), as mulheres não estão mais aceitando o casamento por convenção ou um casamento que não as satisfaça. Para a mulher da década de 90 em diante, segundo a pesquisa de Coutinho e Menandro (op. cit.), ter uma vida dedicada apenas às atividades domésticas tornou-se uma das opções possíveis, pois a mulher passou a ter uma nova perspectiva de vida, ou seja, passou a considerar a carreira e os estudos como uma alternativa à vida familiar e a ter outras possibilidades de escolha, que vão além da vida familiar e doméstica.

A pesquisa de Zordan, Falcke e Wagner (2010) enfatiza que o casamento está no plano dos jovens adultos, porém, não é a sua primeira escolha, o que referendaria o que foi dito pelas mulheres da segunda geração – década de 90 em diante – entrevistadas por Coutinho e Menandro (op. cit.).

As pesquisas analisadas contrastam com a afirmação de Lipovetsky (2000), de que o futuro do amor, e possivelmente da conjugalidade, estaria intimamente ligado à obtenção de autonomia por parte das mulheres. Isso não somente diz respeito aos campos financeiro e profissional, mas também às expectativas amorosas femininas, que segundo o autor, são análogas às dos homens. É de se considerar, contudo, que não se pode afirmar que as exigências de amor femininas são, de fato, semelhantes às dos homens, uma vez que a mulher, sendo necessariamente diferente, possui características que lhe são próprias.

A pesquisa de Silva, Trindade e Silva Júnior (2012) apontou que o casamento é um lugar para a construção da felicidade conjugal entre mulheres e homens. Contudo, os participantes concordam que essa felicidade não vem sem as diversas dificuldades encontradas no dia-a-dia. Dentre essas, estão a dificuldade de lidar com os comportamentos do outro e a dificuldade em negociar compromissos. A pesquisa ainda sugeriu que o casamento é um lugar para a construção da conjugalidade e que esta se mostra importante nesse tipo de relação.

Para Vieira e Stengel (2010), a conjugalidade é capaz de prover uma estrutura de identidade para o casal. Essa construção é paulatina e ocorre a partir do desenvolvimento do relacionamento afetivo, que pode estar abarcado pelo casamento ou por qualquer outro tipo de relacionamento.

As pesquisas também sugerem que se configura um momento em que o significado da conjugalidade estaria se modificando. Nessa transição, não se pode afirmar que há um modelo correto de relacionamento, mas parece certo que existe uma ressignificação da conjugalidade que tende, em última instância, a afetar a sociedade como um todo.

As pesquisas de Zordan, Falcke e Wagner (2009) e de Duarte e Rocha-Coutinho (2011) tratam do significado dos relacionamentos para a sociedade atual. Na pesquisa de Zordan, Falcke e Wagner (op. cit.), os casamentos oficializados constituiriam um contexto mais favorável à construção da conjugalidade, pois não se valorizaria tanto a individualidade entre os parceiros, enquanto que a pesquisa de Duarte e Rocha-Coutinho (op. cit.) aponta existir uma maior valorização da individualidade nas relações de coabitação.

Todavia, as pesquisas indicam que a manutenção das relações só continua enquanto ambas as partes consideram que a relação lhes traz satisfação suficiente para que cada um possa nela permanecer (GIDDENS, 1993), seja no casamento oficial ou na coabitação. Casais e mulheres teriam como intenção a construção de um vínculo caracterizado por objetivos em comum com o parceiro, pela troca de experiências de vida e pela vivência do amar e do ser amado, em um contexto em que há espaço para o desenvolvimento da própria individualidade, no qual mulheres e homens participam das decisões relativas à família e ao próprio relacionamento.

Sobre as expectativas, as pesquisas sugerem que os casais, em geral, teriam a expectativa de construir junto com seus parceiros um relacionamento repleto de harmonia, felicidade, cumplicidade e amor. Por outro lado, as mulheres não

esperariam que o homem viesse a resolver todos os seus problemas, mas buscariam, sim, a cumplicidade que o homem pode lhes proporcionar. Os homens, por seu turno, estariam em busca da segurança e cobrariam uma atuação mais ativa da mulher no relacionamento.

Nesta revisão de pesquisas, pode-se notar que foram escassas as pesquisas sobre relacionamentos amorosos e conjugalidade, envolvendo participantes, na abordagem da Psicologia Analítica. Isso demonstra existir uma lacuna teórica a ser preenchida e a necessidade que se tem de construir novos saberes contando com a participação dos públicos aos quais a teoria se refere. Por meio das pesquisas que envolvem participantes, pode-se apreender o fenômeno de forma mais realística, entendendo com maior facilidade o que está acontecendo com os indivíduos e com a sociedade, de uma forma geral.

Todavia, as poucas pesquisas encontradas naquela abordagem serviram para compreender a posição da mulher contemporânea diante da conjugalidade e dos relacionamentos afetivos, bem como esclareceram a posição da Psicologia Analítica sobre os temas envolvidos neste estudo. As pesquisas de Bertaglia (2012) e Palácio (2014) apontaram, respectivamente, alguns fatores que mantêm as mulheres dependentes de um relacionamento e os aspectos envolvidos na busca feminina de um relacionamento afetivo satisfatório.

As pesquisas de Pessoa (2011) e Albert (2008) demonstraram algumas formas de trabalho terapêutico com casais, na abordagem junguiana. Pessoa (op. cit.) propôs um método para a interpretação dos sonhos de casais, que se mostrou eficaz na elaboração de conflitos conjugais. Albert (op. cit.), por sua vez, apresentou um método terapêutico, com uso do Sandplay, que também se provou eficiente no que diz respeito à resolução dos conflitos dos casais participantes. Tais pesquisas são especialmente importantes, uma vez que podem nortear o trabalho terapêutico dos inúmeros psicólogos clínicos que atendem casais na atualidade.

## 3 A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE

### 3.1 Definições de conjugalidade

O conceito de conjugalidade é relativamente recente e está sujeito a várias definições. Faz-se, assim, necessário, para efeito deste trabalho, explicitar o que se entende por conjugalidade, tendo como base as análises de autores consagrados por sua atuação na clínica de casais.

Terezinha Féres-Carneiro considera ser conjugalidade um processo complexo, que passa pela “construção psicossocial” de cada sujeito e engloba as trocas de experiências significativas em um contexto comum ao casal. Esse contexto seria constituído pela criação de um campo específico e particular, formado por meio de elementos da personalidade de cada membro do casal. Dessa forma, pode-se entender que a conjugalidade é um espaço que possui identidade própria dentro de algum tipo de relacionamento amoroso (FÉRES-CARNEIRO, 1998, e FÉRES-CARNEIRO & DINIZ-NETO, 2010). A autora trabalha com a abordagem sistêmica, linha diferente da proposta neste estudo. Todavia, seus diversos artigos sobre o assunto são referência em nível nacional e internacional, razão pela qual não se pode deixar de citar sua importante contribuição para os estudos na área de casal e família.

Dentro da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung apresenta, ao longo de sua obra, trechos que se referem ao casamento, ao amor e aos relacionamentos amorosos. Alguns desses escritos podem ser encontrados, compilados, na obra *Sobre o Amor*, (JUNG, 2005) que traz uma seleção de textos curtos e citações, demonstrando o essencial do pensamento de Jung sobre esses temas.

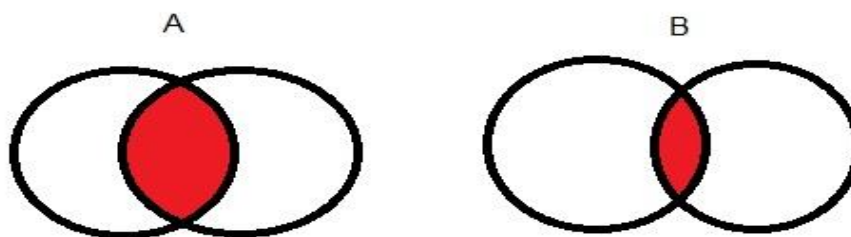
No volume 17 das Obras Completas – *O desenvolvimento da personalidade* (2011a) – no capítulo intitulado “O casamento como relacionamento psíquico” (1925/2011b), Jung discute o matrimônio como um relacionamento psíquico; não apenas como uma função social, mas sim como um espaço para o desenvolvimento psíquico dos parceiros. Para esse autor, o casamento é um espaço que permite ao casal, por meio do espelhamento, integrar aspectos desconhecidos que foram projetados no outro. Jung aprofunda a compreensão dos aspectos que dificultam o relacionamento amoroso, citando, entre eles, a ligação inconsciente dos jovens com os pais, ligação essa pouco favorável à diferenciação entre o indivíduo e a família de

origem, e prejudicial para o desenvolvimento da consciência do eu e do outro. Tal estado de coisas levaria, frequentemente, a conflitos nos relacionamentos. Nessa mesma obra, Jung avalia como um relacionamento difere na primeira e na segunda metade da vida de casados, além de ampliar os conceitos de anima e animus, arquétipos que, na Psicologia Analítica, seriam os responsáveis pela aproximação entre os pares. Trataremos desses conceitos mais adiante neste estudo.

Guggenbühl-Craig (1980), autor importante dentro da Psicologia Analítica, propõe que a construção do casamento é marcada, acima de tudo, pelos confrontos que existem entre os cônjuges. Para esse autor, o casamento é um espaço onde os cônjuges devem conhecer a si próprios e superar os embates existentes, ingressando, assim, no processo de individuação. Quando os cônjuges escolhem o casamento como meio de individuação, é inevitável o encontro dialético com o parceiro, mesmo quando as situações se apresentam desagradáveis e difíceis. Guggenbühl-Craig (op. cit.) propõe que, para o casamento se manter vivo, é necessário que se dê o encontro inteiro e real entre os cônjuges, proposta que envolve a retirada da idealização do outro e o enfrentamento das dificuldades que se apresentam no decorrer do relacionamento conjugal.

Sanford (1986) também escreveu sobre a dinâmica dos relacionamentos amorosos. Sua perspectiva contempla que o verdadeiro relacionamento somente ocorrerá se houver o desenvolvimento individual dos parceiros, o que implicaria a discussão das diferenças entre o casal e também o estabelecimento de pontos em comum. Em suas palavras: “todo relacionamento é uma mistura de áreas, em que as pessoas se encontram, e de áreas em que não se encontram, porque as duas pessoas são diferentes” (SANFORD, op. cit., p. 42).

Para representar essa composição de áreas, Sanford (op. cit.) utiliza o diagrama proposto por Verda Heisler (1970), em seu artigo “Individuation through marriage”, que está representado a seguir:

**Figura 1– Diagrama de Verda Heisler**

De acordo com Sanford (1986), os espaços em vermelho representam as áreas em que o casal compartilha interesses, metas e aspirações, enquanto as partes em branco representam a individualidade de cada parceiro. O diagrama A demonstra um relacionamento em que existe mais vida psíquica comum ao casal do que acontece na situação retratada no diagrama B.

Note-se que os autores junguianos até o momento citados não utilizaram a palavra conjugalidade para se referir aos aspectos psíquicos comuns a um casal e que formam a sua subjetividade. Todavia, o conceito central de conjugalidade, que inicialmente foi apresentado nos artigos de Féres-Carneiro (1998) e Féres-Carneiro e Diniz-Neto (2010), também foi abordado por consagrados autores da Psicologia Analítica, de modo a contemplar os postulados de Jung. Assim, entende-se que, desde a época em que Jung estava escrevendo suas obras, já existiam pequenos ensaios sobre a dinâmica psíquica dos relacionamentos e o desenvolvimento de um espaço psíquico em comum entre o casal.

No Brasil, Nairo de Souza Vargas e Vanda Lúcia di Yorio Benedito são alguns dos pioneiros a desenvolver trabalhos com casais, na área de Psicologia Analítica. Esses autores conseguiram enxergar a necessidade de, por meio da prática clínica com casais, ampliar o arcabouço teórico de modo a ajudar futuros terapeutas que viessem a escolher a Psicologia Analítica como base para a prática clínica no atendimento a casais.

Em 2004, Nairo de Souza Vargas escreveu o livro *Terapia de casais: uma visão junguiana*, em que traça um panorama dos relacionamentos e descreve a atuação do terapeuta de casal na resolução dos conflitos que podem permear o estabelecimento da conjugalidade. Nessa obra, o autor diferencia o casamento da conjugalidade, propondo que o casamento é um dos meios de construção da

conjugalidade. Esta seria associada às experiências vividas por pares que, em seu relacionamento, definem uma área comum entre o casal, composta por aspectos como a sexualidade, o livre desejo de viverem juntos, bem como alguns ideais básicos de vida e solidariedade recíproca.

Vanda di Yorio Benedito escreve o seu primeiro livro voltado para terapia de casais, intitulado *Amor conjugal e terapia de casal*, em que explica a profundidade da vivência da conjugalidade e as diferentes dinâmicas psíquicas do casal, por meio da análise das passagens do filme de Arnaldo Jabour, *Eu sei que vou te amar*. Nessa obra, Benedito (1996) começa a introduzir a palavra conjugalidade para se referir aos aspectos psíquicos comuns ao casal. Todavia, no livro *Terapia de casal e de família: teoria e prática*, de 2015, pode-se encontrar uma definição mais atualizada a respeito da conjugalidade:

A conjugalidade é um dos possíveis sistemas nos quais diferentes imagens arquetípicas orquestram percepções e comportamentos que medeiam o encontro entre dois adultos por uma relação que busca satisfação de várias necessidades, desde afetivas até econômicas. (BENEDITO, 2015, p.18)

É importante ressaltar que a conjugalidade não é simplesmente a interação das características individuais dos parceiros. É um espaço próprio, onde ocorrem trocas afetivas e se estabelece a intimidade. Como tal, contém a soma de todos os conteúdos psíquicos, incluindo a identidade do ego e do outro, no consciente e no inconsciente (BYINGTON, 2003). Para denominar a soma desses conteúdos psíquicos, Albert (2015b) utiliza o termo “self conjugal”.

Para a composição deste estudo, adotaremos o entendimento de que a conjugalidade se estabeleceria, portanto, como um campo que, sendo construído a partir dos traços individuais dos integrantes do casal, adquire características próprias e, por sua vez, colabora para o desenvolvimento da personalidade daqueles que a constituíram. Esse espaço também é composto por imagens arquetípicas que permitem que haja atração, não somente sexual, mas também afetiva entre os cônjuges.

Nesse momento, vale ressaltar que este estudo compreende que a conjugalidade só poderá se constituir a partir de um relacionamento entre dois seres humanos, que se sintam mutuamente atraídos e motivados a compartilhar as suas vidas, em diferentes graus (VARGAS, 2004). Não necessariamente necessitam

estar casados, ou morar juntos, pois a conjugalidade pode se constituir a partir de um namoro. Todavia, há que se considerar que esse relacionamento entre os pares deve implicar um compromisso com o outro. Não se trata de estar com a pessoa para um relacionamento esporádico. Para fins deste estudo, chamaremos de casamento o relacionamento com intuito de construção da conjugalidade.

### **3.2 Tensões entre individualidade e conjugalidade**

Embora o individual e o conjugal possuam espaços diferentes, que deveriam ser respeitados para que as dificuldades nos relacionamentos fossem amenizadas, isso não exclui o fato de que são instâncias que afetam uma à outra.

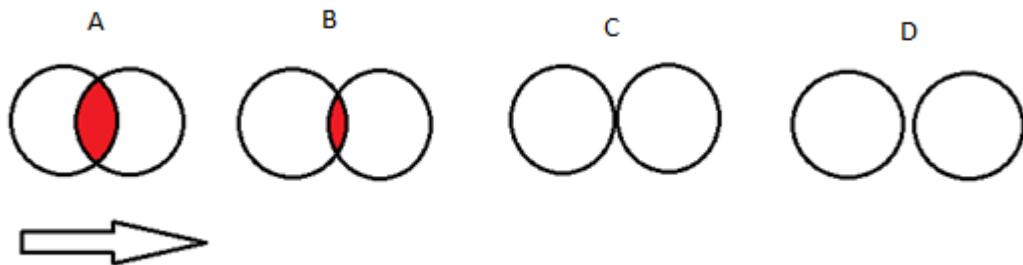
Entende-se que conjugalidade e individualidade ocupam campos diferentes, que se influenciam mutuamente. O gráfico de Verda Heisler (1970), que foi adotado por Sanford (1986) e está apresentado na Figura 1, ajuda a visualizar a configuração dos espaços relativos à conjugalidade e à individualidade. Esses, de acordo com Caillé (1994), são determinados pelos parceiros, que criam um modelo único de ser casal.

Questiona-se, todavia, o que aconteceria se o casal se interessasse mais pela individualidade do que pela conjugalidade e vice e versa?

Primeiro, entenderemos o que acontece com um casal que investe excessivamente no campo da individualidade e, logo em seguida, vamos procurar compreender o que se passa com um casal que assume a posição contrária. Vale ressaltar que esses são casos extremos e que, na maioria das vezes, o casal procura equilibrar os espaços entre a conjugalidade e a individualidade.

A figura a seguir mostra a representação de um casal que dedicou maciçamente os seus esforços ao campo da individualidade, levando à possível anulação do casamento.

**Figura 2– Investimento maciço na individualidade com base no diagrama de Verda Heisler**



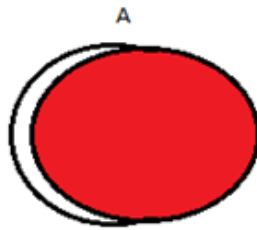
Nota-se, primeiramente, que o casal possui um espaço em comum, representado em vermelho. A partir do momento em que cada componente do par passa a se interessar somente por sua individualidade e deixa de se preocupar com o campo da conjugalidade, esse vai, paulatinamente, diminuindo. Isso leva à separação do casal, pois é nítido que não há mais espaços em comum entre os dois constituintes do par, ou seja, a construção de objetivos, metas e aspirações comuns ao casal não estão mais sendo desenvolvidas.

Vieira e Stengel (2010) afirmam que o investimento excessivo na liberdade individual leva as pessoas a pensar em si mesmas e apenas em suas necessidades, desconsiderando um projeto de vida em comum com o seu parceiro. Muitos se preocupam mais com o seu bem-estar pessoal, procurando gerenciar a própria vida sem a interferência do parceiro ou de terceiros. Por outro lado, procuram se relacionar afetivamente de maneira rápida e sem muitos comprometimentos, pois, nos dias atuais, impera a liberdade individual que é supervalorizada e entendida como viver o que bem se quer e ter várias opções para a livre escolha.

De acordo com Féres-Carneiro (1998), a ênfase na satisfação individual é decorrente de uma necessidade de autonomia que pode gerar conflitos e tensões. Para fortalecer o campo da conjugalidade, os membros do casal devem tomar as decisões juntos e ceder quando for necessário. Contudo, nem todos estariam dispostos a fazer concessões. A autora complementa o seu raciocínio, afirmando que, quando existe a ênfase na satisfação individual, os espaços conjugais podem se fragilizar.

Contrastando com a ideia anterior, temos o modelo que representa o casal que investe maciçamente no campo da conjugalidade. Esse modelo pode ser representado pela seguinte figura:

**Figura 3 – Investimento maciço na conjugalidade com base no diagrama de Verda Heisler**



Na representação acima, o espaço da conjugalidade (em vermelho) invade o espaço da individualidade, não permitindo a identificação do que pertence a cada um dos componentes do casal. Essa representação destaca a excessiva dedicação ao campo conjugal, o que pode acarretar, em casos extremos, à perda da individualidade.

Jung (1949/2011c) entende que a individualidade é a originalidade, a peculiaridade do indivíduo sob todos os aspectos psicológicos. Segundo esse autor, é o que pertence a um único indivíduo e não a um grupo. A perda da individualidade pode acarretar um processo de identificação com o outro, pois não há o reconhecimento das próprias peculiaridades. Pode-se dizer que o casal vive um estado de simbiose.

Vargas (2004) utiliza o termo simbiose para descrever a dependência entre os parceiros, seja em maior ou menor grau. A dependência entre os cônjuges, quando extremada, pode levar o casal a estabelecer um vínculo não conflitivo e de total complementação. Nesses casos, o par sente-se pleno e completo e não procura ajuda para conhecer as suas particularidades. Todavia, em um relacionamento conjugal que já esteja estabelecido há muito tempo, esse tipo de dinâmica pode ser contraproducente para o desenvolvimento da personalidade dos membros do casal, levando à paralisação do processo de individuação.

Individuar-se significa, para Jung (1934/2011d), tornar-se um ser único por meio da compreensão da unicidade íntima, única e incomparável do ser. Significa

tornar-se si mesmo. Para o autor, ingressar no processo de individuação significa ter como objetivo a melhor e mais completa realização das qualidades individuais do ser humano; é a consideração adequada das peculiaridades individuais, fator determinante de um melhor rendimento social. A particularidade do indivíduo deve ser compreendida como uma combinação única ou, ainda, como uma diferenciação gradual das funções ou faculdades que, em si mesmas, são universais.

A individuação caracteriza-se, desse modo, pela autorrealização do ser humano mediante o resgate de suas potencialidades conscientes e inconscientes e a descoberta de sua identidade própria, distinta. Em outras palavras, a pessoa passa a se conhecer melhor e a explorar diferentes possibilidades de ser. Contudo, esse processo não se refere somente à possibilidade do ego conhecer-se a si mesmo mais amplamente, mas também ao estabelecimento de uma relação mais profícua com outro fator psíquico, o Si-mesmo ou Self (HANNAH, 2003). Quando isso acontece, o indivíduo diferencia-se do coletivo, tornando-se aquilo que é como ser único e particular.

Vargas (2004) postula que o ser humano nasceu para se individuar, para encontrar a si próprio e atingir os seus potenciais. Em outras palavras, nasceu para ser livre e para realizar os seus potenciais arquetípicos, em todos os níveis, na medida das suas possibilidades. O autor vê, na conjugalidade, um possível caminho para a realização desse processo, desde que esta não se transforme em um lugar de paralisação e fixação. Casais que investem exageradamente no campo da conjugalidade fecham-se a qualquer possibilidade de desenvolvimento psíquico, pois impedem a criatividade dentro da relação. Isso porque estão presos a suas projeções, evitando entrar em contato com seus aspectos inconscientes,

Jung entende que “projeção é um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado ao objeto” (JUNG, 1949/2011, par. 870). De acordo com o autor, pela projeção a pessoa se liberta de conteúdos dolorosos, mas também pode se livrar de valores positivos que, por qualquer motivo, por exemplo, a baixa-autoestima, encontram-se inacessíveis.

Muitas projeções, principalmente entre casais, fazem com que os parceiros não consigam se distinguir claramente do objeto, alvo de suas projeções. Dessa forma, encontram-se ligados um ao outro por relação direta, que pode ser chamada de identidade parcial. A esse tipo de vinculação, Jung (1949/2011c) chamou de *Participation mystique* ou participação mística. A participação mística, segundo o

autor, é um fenômeno melhor observado nos assim chamados primitivos que, todavia, também pode ser observado entre os que são considerados civilizados. Consiste, em geral, em uma relação de transferência, em que o objeto detém uma influência mágica, quase absoluta, sobre o sujeito (JUNG, 1949/2011c). Por isso, é que muitos casais não conseguem desenvolver o equilíbrio ótimo entre conjugalidade e individualidade, na medida em que os parceiros não conseguem escapar à influência mágica que o outro exerce.

Assim, é importante que os casais procurem desenvolver certo nível de equilíbrio entre os espaços da conjugalidade e da individualidade, pois, de acordo com Sanford (1986), o casamento significa a união entre duas pessoas promovida por aspectos que tendem a aproximá-las, como o desejo de estarem juntas. Por outro lado, existem os aspectos que tendem a separá-las e que também fazem parte do relacionamento conjugal. Esses aspectos não podem ser considerados negativos, mas sim como pertencentes à individualidade. Desse modo, o desejo de união permeia a aproximação entre os pares, enquanto o desejo de separação requer a acentuação de uma personalidade individual.

Esses embates entre conjugalidade e individualidade geram tensões entre os casais, pois essa dinâmica encerra, ao mesmo tempo, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções de mundo, duas identidades individuais, duas histórias e dois projetos de vida que, no casamento, convivem com a história de vida a dois, o projeto de vida do casal e a identidade conjugal. Além disso, os desejos individuais promovidos pela sociedade que enfatiza que o casal deve viver para cada um contrastam com os desejos de aproximação entre os pares, que sugere a vivência da conjugalidade e dos desejos e projetos em comum do casal (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

É, destarte, importante reconhecer não somente os aspectos comuns ao casal, mas os aspectos próprios e aqueles que pertencem ao parceiro, tentando desenvolver não somente o campo da conjugalidade, mas também o da individualidade, da forma mais igualitária possível.

### 3.3 O estabelecimento da conjugalidade e o desenvolvimento psicológico

Uma vez estabelecido um relacionamento que permita a criação de um espaço de intimidade e de trocas afetivas, a convivência contribuiria para o desenvolvimento das potencialidades de cada um dos indivíduos que forma o par. Isso porque se entende que não apenas aspectos conscientes, mas também aqueles mais afastados da consciência estão presentes na constituição do vínculo afetivo existente entre o casal.

É comum que o início de um relacionamento amoroso seja marcado por um fenômeno chamado paixão ou apaixonamento. O apaixonamento se constitui em um estado de emoção e admiração intensas, em que existe a sensação de ter encontrado a completude por meio do encontro com o outro. Esse estado, conforme explana Neumann (2006), é resultado de processos que ocorrem no interior da psique e que operam tanto em nível inconsciente quanto entre o inconsciente e a consciência, alimentando projeções. Para esse autor, tais processos têm um caráter arquetípico, promovendo fascínio e se apoderando da personalidade como um todo.

As atrações passionais teriam, portanto, como base, fatores inconscientes de alta carga emocional (JUNG, 2005), sendo o apaixonamento – ou a paixão – um fenômeno de natureza arquetípica.

#### 3.3.1 Anima e animus em busca do relacionamento amoroso

Para entender o processo de apaixonamento, no encontro a dois e na possível formação da conjugalidade, é necessário primeiramente nos aprofundarmos com relação aos conceitos de anima e animus. A literatura analítica apresenta algumas definições para esse conceito. Para efeito do presente estudo, serão utilizadas aquelas apresentadas a seguir.

De acordo com Jung (2005), animus e anima são dinamismos arquetípicos que contêm as estruturas básicas do apaixonamento e da conjugalidade. Anima e animus podem ser considerados tanto aspectos contrassexuais de homens e mulheres, quanto psicopompos que fazem a ponte entre o ego e o inconsciente coletivo. Esses arquétipos também são responsáveis pela formação das projeções.

De acordo com Humbert (1985), as figuras de animus e anima são modelos do masculino e do feminino, não correspondendo a arquétipos de homem ou mulher.

Para o autor, Jung entendia que são disposições para a relação com o outro sexo formada com a humanidade mesma.

Na visão clássica, Jung (1934/2011d) descreve a anima como a figura feminina que compensa a consciência masculina, enquanto o animus seria, na mulher, a figura compensadora de caráter masculino. Em seu texto, “O casamento como relacionamento psíquico”, Jung reafirma que “cada homem sempre carregou dentro de si uma imagem da mulher; não é a imagem desta determinada mulher, mas a imagem de uma determinada mulher” (JUNG, 1925/2011b, par. 338) e, da mesma forma, a mulher carrega dentro de si a imagem de um determinado homem.

Stein (2006) concorda com Jung, quando propõe que todos os seres humanos têm qualidades tanto femininas como masculinas, e atribui isso ao fato de que homens e mulheres possuem material genético tanto masculino quanto feminino. Em sua perspectiva, as mulheres são dadas a se relacionar; seu ego e sua persona mostram-se receptivos e impressionáveis. Por outro lado, inconscientemente, são firmes e contundentes. Os homens, por sua vez, são duros e agressivos conscientemente e no exterior, enquanto que, em seu inconsciente e interior, são brandos, serenos e comunicativos. Entretanto, para o autor, ambos, homens e mulheres, têm a oportunidade de viver tanto o masculino quanto o feminino dentro de si.

Von-Franz (2008) explica, mais detalhadamente, o conceito de anima e animus no capítulo “O processo de individuação”, que é parte integrante do livro: *O homem e seus símbolos*. Para a autora, a anima é o arquétipo que personifica todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem. É a responsável pelos humores e sentimentos do homem, bem como por sua capacidade de amar, sua sensibilidade e, por fim, pelo seu relacionamento com o inconsciente. Suas manifestações estão relacionadas à influência exercida pela mãe. Sendo assim, se o homem sente que sua mãe exerceu uma influência negativa sobre ele, sua anima irá se manifestar, na maioria das vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta e insegura. Se, por outro lado, as experiências de um homem com sua mãe forem positivas, sua anima poderá ser afetada de outro modo, manifestando-se por meio de comportamentos efeminados, da submissão a mulheres e da incapacidade de lutar face às dificuldades da vida. Todavia, caso consiga dominar esses aspectos e integrá-los à consciência, o homem terá mais condição de compreender seus próprios sentimentos e fortalecer o seu ego.

Vale ressaltar que, conforme explana Humbert (1985), a anima não é resultado da interiorização da imagem materna pelo homem. Mas a mãe é a primeira atualização da disposição inata existente.

Jung (1950/2012) postula que a anima é uma produção espontânea do inconsciente e não uma figura que substitui a mãe. Jung entende que, de fato, as qualidades numinosas, que tornam a imago materna tão perigosamente poderosa, derivam do arquétipo da anima, reencarnado em cada criança de sexo masculino.

Em seus aspectos positivos, a anima atua na escolha da parceira, no discernimento de fatos ocultos do inconsciente. Sintoniza a mente masculina com seus valores interiores positivos, abrindo caminho para um conhecimento interior mais profundo.

Para Von-Franz (2008), a anima possui quatro estágios de desenvolvimento, sendo o primeiro simbolizado pela figura de Eva e associado ao relacionamento instintivo e biológico; o segundo personifica um relacionamento romântico e estético, caracterizado por elementos sexuais; o terceiro representa o amor e a grandeza espiritual; o quarto, que é raramente alcançado, representa a sabedoria transcendente, a santidade e a pureza.

A personificação do aspecto masculino inconsciente na mulher é o animus. Diferentemente, porém, do que ocorre com o homem, o animus não costuma se manifestar por meio de fantasias, sensibilidade e humores. Surge mais como uma opinião convicta, quase impossível de ser questionada. Quando a mulher anuncia essa convicção, ela o faz de forma masculinizada e insistente e a impõe sobre outras pessoas, por vezes de forma violenta. Nesse estado, é fácil o reconhecimento do masculino inconsciente na mulher. Da mesma maneira que ocorre com o homem, a influência do animus na mulher está condicionada à percepção que esta desenvolveu sobre seu pai, durante sua vida. É o pai que dá ao animus da filha as convicções e opiniões incontestáveis que raramente têm a ver com a pessoa real daquela mulher (VON-FRANZ, op. cit.). Da mesma maneira que a anima, o animus também é uma produção espontânea do inconsciente, sendo o pai a primeira atualização da disposição inata existente (HUMBERT, 1985).

O animus também pode personificar reflexões frias, semiconscientes e destruidoras, especialmente quando a mulher deixou de realizar alguma obrigação ditada por seus sentimentos. A passividade, a paralização de todos os sentimentos, a insegurança e a sensação de nulidade podem ser frutos de uma opinião do

animus, mas, se a mulher se der conta dessa influência, poderá enfrentar a realidade e o animus passa a se tornar um companheiro interior precioso e capaz de contemplá-la com uma série de atributos que estão no campo do masculino como: iniciativa, coragem, objetividade e sabedoria espiritual (VON-FRANZ, 2008.).

Assim como a anima, o animus também possuiria, segundo Von-Franz (op. cit.), quatro estágios de desenvolvimento. O primeiro está relacionado à força física; o segundo, à capacidade de planejamento; o terceiro está relacionado à comunicação e ao ensinamento; o quarto é a encarnação do pensamento.

Jung (1950/2012) também define anima e animus como arquétipos responsáveis pela relação entre ego e inconsciente coletivo. Nesse sentido, eles seriam psicopompos e fariam a ponte entre consciência e inconsciente. Na qualidade de conteúdos inconscientes, suas figurações poderiam ser projetadas no mundo externo, tomando forma por meio de outro ser humano, que as espelharia. Jung escreveu:

A autonomia do inconsciente coletivo se expressa nas figuras do anima e do animus. Eles personificam os seus conteúdos, os quais podem ser integrados à consciência, depois de retirados da projeção. Nesse sentido, constituem funções que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a consciência. Aparecem os que se comportam como tais só na medida em que as tendências da consciência e do inconsciente não divergem em demasia. (JUNG, 1950/2012, par. 40)

De acordo com Humbert (1985), animus e anima fazem a ponte entre ego e inconsciente coletivo quando aparecem, em sonhos e fantasias, na forma de personagens masculinos e femininos, respectivamente. Ainda segundo esse autor, tais representações não se mostram como personagens conhecidos do sonhador, mas parecem pertencer ao seu mundo íntimo. Em suas palavras:

Às vezes mudam de roupas, de papel, de aspecto ou de idade, e quando aplicamos essas transformações às mudanças da vida afetiva, descobrimos até que ponto as figuras oníricas dão um rosto aos fatores inconscientes ativos na existência diurna (HUMBERT, 1985, p. 62).

De acordo com Humbert, é pela relação com a anima e com o animus que homem e mulher, respectivamente, integram sua capacidade de ligação, que

acontece, particularmente, na consciência do desejo. Para esse autor, Jung reconhece, na anima e no animus, figuras do desejo:

A anima de que fala em “Minha Vida” não lhe inspirou uma obra, propôs-lhe um sabor. Para ela, como para o animus, o objeto e a satisfação que oferecem não são senão um meio para uma intensidade e um gosto. O gosto pelo rigor, pelo heroísmo ou pelo prazer, o gosto de amar o amor (HUMBERT, 1985, p. 65).

Dessa forma, anima e animus personificariam mais do que aspectos masculinos e femininos inconscientes em homens e mulheres. Também seriam responsáveis pela intensidade da vida conjugal e pelas fantasias de prazer e gosto relativas ao relacionamento a dois e ao amor.

Ainda segundo Humbert (op. cit.), o animus busca a lógica e a verdade pela segurança e o poder que encontra na fantasia e projeta no mundo exterior, enquanto a anima faz uma ideia ser bem sucedida em razão de seu senso estético. Arrastam a personalidade que dominam para um autoerotismo em que a pessoa se sente presa por uma ideia e que talvez não tenha objeto e nem sujeito.

No apaixonamento, homens e mulheres projetam os arquétipos da anima e do animus, respectivamente, em potenciais parceiros. Falando especificamente da mulher apaixonada, ela projetará aspectos inconscientes positivos de seu animus, ou seja, as qualidades de seu homem interno, somadas à ideia do prazer que gostariam de viver em sua vida afetiva. Tais qualidades e fantasias podem ser a força física, a iniciativa, a coragem ou o modo como o homem deve se comportar para conquistá-la. Assim, sentir-se-á atraída por aquele que, em sua psique, corresponda tanto ao seu ideal de homem quanto à vida que ela imagina que ele possa lhe proporcionar. Claro que essa vida não precisa ser uma vida dependente do homem, mas seria uma vida repleta de completude e aventura, pois, como postula Lipovetsky (2000), a mulher não é mais aquela que aceita as convenções e os papéis que lhe foram impostos, mas é aquela que busca a própria independência.

Na projeção do animus, o homem, alvo de tais projeções, exercerá sobre a mulher um grande fascínio (VON-FRANZ, 2008). O mesmo acontece com os homens que projetam os seus aspectos femininos inconscientes e seu ideal de vida afetiva em determinada mulher. Considerando-se a projeção de anima durante o processo do apaixonamento, pode-se dizer que o homem tenderá a se sentir atraído de imediato pela mulher que corresponda a esse ideal, projetando suas emoções,

sentimentos e desejos sexuais naquela que acolher essas projeções (SANFORD, 1986; E. JUNG, 2006).

Temos, assim, que anima e animus podem atuar de duas maneiras: facilitando a união dos casais, por meio da projeção de aspectos positivos em determinados parceiros; ou, ainda, separando, quando projetados em seu aspecto negativo, criando conflitos entre os casais e em situações do dia a dia.

Hart (2011) considera crucial entrar em harmonia com as figuras do animus e da anima, pois, como mediadoras do inconsciente, podem tanto enganar e frustrar, em seu modo negativo, como, em seu modo positivo, levar à descoberta do verdadeiro eu e à experiência de contato com o Self.

Esses fatores inconscientes irão interferir na escolha do parceiro e na construção da conjugalidade, pois, da mesma maneira que um aparelho cinematográfico projeta uma imagem que está atrás do espectador na tela à sua frente, os conteúdos inconscientes são “projetados indiretamente no mundo exterior e não vivenciados diretamente como conteúdos do inconsciente” (NEUMANN, 2006, p. 32).

Apesar de anima e animus fazerem parte da construção do relacionamento, precisam ser integrados à consciência de modo que cada integrante do casal reconheça em si os aspectos que foram projetados. Somente dessa maneira é que seria possível viver um relacionamento genuíno, em que se poderia conhecer a individualidade de cada par. Com o conhecimento da identidade de cada parceiro, o casal poderia vir a construir uma identidade em comum.

### 3.3.2 A mulher apaixonada

A mulher apaixonada é aquela cujo ideal inconsciente de homem e cujas fantasias relacionadas ao que deseja para sua vida afetiva se manifestam por meio de projeções em possíveis parceiros, parceiros esses capazes, justamente, de espelhar tal ideal e alimentar tais fantasias.

No estado de apaixonamento, há mulheres que não conseguem ver os defeitos dos parceiros e, por que não dizer, também não veem adequadamente as qualidades, uma vez que estariam presas à ilusão do seu próprio animus (BENEDITO, 1996). Dessa forma, pode-se dizer que a mulher se encontra em um

estado de *participation mystique*, em que ela não consegue se distinguir do objeto alvo de suas projeções (JUNG, 1949/2011c).

A projeção do animus, principalmente de seus aspectos mais fascinantes, leva a mulher a não conseguir distinguir claramente o objeto de sua paixão, considerando que são do parceiro aspectos que, na verdade, a ela pertencem.

Não existe um período exato que determine a duração desse estado: para algumas mulheres, o apaixonamento perdura por anos, para outras, apenas por dias. Todavia, seja qual for a extensão desse período, é de se supor que, nessas circunstâncias, as expectativas da mulher em relação ao seu parceiro sejam moldadas à semelhança das imagens inconscientes.

Sob outro aspecto, a projeção do animus também pode ocorrer de forma que o parceiro seja visto apenas em seus piores aspectos. É possível, pois, que, a partir de um determinado momento, tendo vivido apenas as qualidades, a mulher passe a projetar as características negativas do animus, dado que, sendo esse um arquétipo, possui tanto o polo positivo quanto o negativo (JUNG, E., 2006).

Vale notar que o parceiro ainda continua desconhecido, mantendo-se apenas como espelho, mas, agora, refletindo aqueles aspectos menos favoráveis do animus. As projeções dessa natureza geram sentimentos de decepção e conflitos no relacionamento (BENEDITO, 1996).

A retirada das projeções positivas pode levar ao confronto com o parceiro real e implicar o término do relacionamento. Nesse caso, pode-se afirmar, como Moraes (1994), que algumas mulheres procuram por um homem que esteja à altura de suas fantasias, mas acabam se deparando com uma realidade que, por vezes, não condiz com as expectativas. Todavia, esse movimento pode também contribuir para o processo de individuação por meio da ampliação da consciência.

A integração de algumas características ligadas ao animus, que até então permaneciam apartadas da consciência, configuraria, assim, a possibilidade de enriquecimento, quer da personalidade individual feminina, quer da identidade conjugal. De acordo com Humbert (1985), o ego feminino pode se transformar, e a personalidade como um todo se tornar mais amadurecida, se houver uma tomada de consciência de qualidades do animus até então projetadas no outro.

Vale ressaltar que a fase do apaixonamento é uma etapa que pode conduzir o casal à conjugalidade, pois é por meio dela que animus e anima podem ser projetados, permitindo a aproximação entre os pares. Nessa fase, é esperado que os componentes do casal não reconhecessem, ainda, os seus aspectos individuais que permanecem inconscientes.

### 3.3.3 A formação da conjugalidade nos relacionamentos

Apesar do entendimento de que a conjugalidade e a individualidade são necessárias dentro do casamento, também se considera que, para a formação da conjugalidade, basta que haja o desejo de um encontro dialético entre o par que almeja simplesmente estar juntos, e que tem a intenção de estabelecer um vínculo duradouro. Albert (2015b) afirma que o casamento oferece, talvez, a melhor possibilidade para a construção da conjugalidade, não sendo, contudo, o único modo de constituí-la. Nesse sentido, e tendo em vista a finalidade deste trabalho, entende-se que será uma via para a constituição da conjugalidade qualquer relacionamento que prevê o encontro entre duas pessoas que, em um primeiro momento, estão apaixonadas, desejam ficar juntas e pretendem compartilhar a vida por um longo período de tempo.

Para Benedito (1996), a escolha de um parceiro e do casamento representaria, assim, um caminho criativo possível para a ampliação da consciência dos envolvidos. Em se tratando especificamente da mulher, esse mesmo processo contribuiria para que viesse a adquirir uma maior consciência dos aspectos de seu animus e das fantasias prazerosas que ela poderia viver.

Uma relação na qual os parceiros estão comprometidos com a construção de um vínculo duradouro proporcionaria, destarte, o conhecimento de si mesmo e do outro, com reflexos na formação da identidade própria de cada membro e, conseqüentemente, na constituição da conjugalidade, formando-se, assim, um círculo virtuoso (BENEDITO, 1996; GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980).

Em seu estudo, Vargas (2004), que entende ser a conjugalidade um espaço para a realização do processo de individuação, aborda o desenvolvimento das potencialidades humanas em uma das formas de vivência da conjugalidade, o casamento.

Segundo Vargas (2004), o encontro entre duas pessoas que leve ao estabelecimento do casamento é entendido como uma união não somente de corpos, mas também de almas, ou seja, uma relação profunda, rica e que implicará a constelação dos arquétipos de anima e animus, no início do relacionamento, e o incentivo à criatividade e ao desenrolar do processo de individuação.

Guggenbühl-Graig (1980) alerta para o fato de que, nos relacionamentos amorosos como na vida, o caminho da individuação não é isento de dificuldades e percalços. Os atritos entre personalidades diferentes e as demandas da intimidade são uma oportunidade para ampliar o conhecimento sobre si mesmo e aprofundar a compreensão sobre o outro. Nesse sentido, o parceiro se torna necessário para o autoconhecimento. Todavia, o processo de individuação também requer que, de certo modo, o indivíduo se liberte do outro para se tornar um ser único. Para esse autor, o vínculo que se estabelece no relacionamento conjugal tem um aspecto paradoxal.

Entende-se que a manutenção do casamento pode estar atrelada à maneira criativa como o casal se relaciona, como lida com as dificuldades do dia a dia. Para Quallis–Cobert (1990), o matrimônio perdurará enquanto as duas pessoas não somente estiverem abertas aos sonhos ou as desesperanças do parceiro, mas também enquanto estiverem em uma experiência compartilhada, na qual a vulnerabilidade é considerada preciosa e a crença no outro, admitida. É mais do que saber que haverá dificuldades. É estar preparado psicologicamente para enfrentar os problemas que, porventura, surgirão na vida a dois. Segundo a autora, isso só será possível se cada elemento do casal tiver conseguido alcançar a união dos opostos psíquicos, pela integração à consciência de aspectos da anima, no caso do homem, e do animus, no caso da mulher.

Vale lembrar que nem todos os casais alcançam esse estágio de desenvolvimento por não conseguirem superar as dificuldades do processo, o que, eventualmente, leva à separação. Quando há a conciliação dos opostos, todavia, os impulsos criativos começam a se desenvolver no sentido das ações, a responsabilidade em relação ao próprio desenvolvimento é assumida e mantida, e não mais se culpam as circunstâncias externas por eventuais erros ou fracassos.

Byington, por sua vez, propõe a atuação de três arquétipos significativos para a configuração dos relacionamentos amorosos e da identidade conjugal. Tais arquétipos exerceriam uma função estruturante, tanto na psique masculina quanto

na feminina, e se expressariam em diferentes combinações nas personalidades de homens e mulheres, indistintamente (BYINGTON, 2008). Seriam eles o Arquétipo Matriarcal, o Arquétipo Patriarcal e o Arquétipo da Alteridade, responsáveis por padrões de relacionamento distintos.

O primeiro – Arquétipo Matriarcal – expressar-se-ia nas atitudes de cuidado, de preservação de si e do outro. Seria relacionado à fertilidade, à sensualidade e ao prazer. Associado a tudo que une e acolhe, que nutre e devolve ao outro algo bom e fértil, assim como a semente que, plantada na terra, devolve a planta para o universo (BYINGTON, op. cit.). Compreende tanto a possibilidade de integração quanto a de indiferenciação e, nesse sentido, é o arquétipo que pode estar ligado à paixão, pois, no estado de apaixonamento, nem sempre se distingue o que pertence a si e o que pertence ao outro (REIS, 2007).

O segundo – Arquétipo Patriarcal – constituir-se-ia, eminentemente, em um padrão diferenciador e organizador, englobando os aspectos ligados à lei, à ordem, à disciplina, ao desenvolvimento e à objetividade. Sob a influência desse arquétipo, o relacionamento pode se desenvolver com base na ampliação da consciência dos membros do casal. Todavia, em razão da ênfase em organização, hierarquização e controle, a dominância do Arquétipo Patriarcal pode implicar o estabelecimento de conflitos de poder que levam à separação do casal (BYINGTON, op. cit.).

O arquétipo da Alteridade seria aquele “capaz de abordar o mistério da igualdade dos opostos e coordenar a interação dialética da polaridade básica da psique, formada pelos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal” (BYINGTON, 2008, p. 219). Sob a influência desse arquétipo, torna-se possível a instituição de uma nova configuração dos padrões sociais e relacionais, que contempla não apenas os aspectos afetivos, mas também os racionais, e que pressupõe a simetria nos relacionamentos (BYINGTON, op. cit.; PESSOA, 2011).

O desenvolvimento do padrão de alteridade pode ser favorável à constituição da identidade conjugal, pois, nesse caso, cada elemento do par vivenciaria não somente o melhor em si, mas também o melhor no outro (JUNG, 2005), ou seja, o relacionamento poderia se desenvolver de uma maneira mais criativa e saudável, de forma que conflitos entre individualidade e conjugalidade fossem amenizados.

A configuração dos relacionamentos atuais, nos quais a mulher começa a ter mais espaço na escolha não somente do seu parceiro, mas dos papéis que quer exercer, pode ser atribuída a uma cada vez maior expressão do Arquétipo de Alteridade no cerne da sociedade.

## 4 A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANIEDADE

### 4.1 Aspectos culturais e a construção da conjugalidade

A expressão de aspectos associados ao animus que influenciam a vivência feminina do casamento e aquilo que é esperado do parceiro está sujeita, necessariamente, à influência de modelos cultural e historicamente determinados e que dizem respeito às expectativas de papel associadas a cada um dos sexos.

Para Young-Eisendrath (2002), as experiências ligadas ao gênero e aos relacionamentos variam de cultura para cultura, de sociedade para sociedade e até mesmo de família para família. De acordo com a autora, em algumas sociedades, por exemplo, espera-se que os homens sejam mais nutridores e ligados ao lar do que as mulheres, e que cuidem dos filhos. Nas sociedades ocidentais, geralmente espera-se que o homem seja mais provedor do que nutridor, embora esse padrão esteja sendo atualmente questionado e passando por gradativa mudança.

Uma das características mais evidentes da sociedade ocidental contemporânea é a rapidez com que ocorrem as mudanças resultantes do desenvolvimento tecnológico e da globalização. Esse é um mundo pleno de desafios que tendem a ser encarados apenas do ponto de vista racional e do qual parecem ausentes a reflexão, a paciência e a vivência dos afetos. Como consequência, a conjugalidade também vem sofrendo consideráveis transformações. Por ser uma tarefa que requer empenho e paciência, a construção dos relacionamentos é, muitas vezes, obstaculizada por um contexto social que privilegia as mudanças rápidas (BAUMAN, 2004). Não há tempo para o conhecimento do outro. Tudo é muito veloz.

Em seu livro *Amor líquido*, Bauman (2004), assinala que uma sociedade acelerada e competitiva pode causar a impressão de uma curta expectativa de vida, gerando ansiedade e levando o indivíduo a seguir impulsos imediatistas. Para esse autor, as pessoas guiadas por impulsos e pela ansiedade aparentemente constroem relações “padrão *shopping*”, ou seja, relações que não exigem mais do que a atitude de um mero consumidor. Tal como outros bens, os relacionamentos devem ser consumidos instantaneamente. São, antes de tudo, descartáveis e exigem pouca ou quase nenhuma interação afetiva.

Bauman (2004) aponta para as questões que geram atitudes irracionais, ansiedade e angústia na sociedade contemporânea, que transita pelo espaço da

solidez e do líquido. Em um mundo assim constituído, a irracionalidade, a impulsividade e a angústia dos seres humanos podem levá-los à busca contínua de afeto, mas de um modo que tem como consequência não a ampliação da consciência, mas o sofrimento. O que gera a irracionalidade, de acordo com Bauman (op. cit.), é a insegurança sentida por alguns, que pode ser observada na polarização dos opostos: submissão/poder, intimidade/superficialidade, individualidade/conjugalidade. Na perspectiva do autor, parece não haver caminho para o equilíbrio dos opostos.

Esse tipo de sociedade parece pouco valorizar a formação e a particularização do ser humano. Graubart (2014) afirma que a impulsividade e a falta de comprometimento são características de um tempo marcado pelo vazio interior e regido pelo imperativo do gozo. O modelo atual de sociedade é composto por pessoas centradas em si mesmas e que têm dificuldade de criar vínculos duradouros, pois estão comprometidas apenas com o seu prazer e pouco se importam com os desejos alheios. A autora utiliza o termo *serial kissers* para nomear os jovens que se dispõem a viver relacionamentos com pouca ou quase nenhuma intimidade.

Tem-se, assim, uma época dicotômica, em que existe o desejo de aprofundamento dos laços afetivos, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de mantê-los frouxos. As pessoas estariam em busca de intensidade afetiva, mas, por vezes, não se mostrariam dispostas a arcar com as responsabilidades de um compromisso duradouro (GRAUBART, op. cit.). Outras não teriam o preparo psíquico necessário para a construção de um relacionamento duradouro. E, em outros casos, haveria pouca disposição para enfrentar situações desagradáveis, descartando-se a relação conforme essa não atenda aos ideais almejados. Esses são apenas alguns exemplos das questões que estão presentes na sociedade contemporânea.

Novos e diversos padrões de relacionamento surgem, alguns ainda vistos com receio. De acordo com Smeha e Oliveira (2013), na perspectiva de jovens adultos, as principais características dos relacionamentos amorosos contemporâneos são: individualidade, liberdade, superficialidade, descartabilidade, prazer, igualdade de gêneros, impulsividade e tomada de decisões. Dentro das novas configurações, percebe-se que algumas características são favoráveis à construção da conjugalidade, como a tomada de decisões e a igualdade de gênero.

Outras, entretanto, não são tão favoráveis, como o excesso de individualidade e a busca desenfreada pelo prazer absoluto.

Hoje, o casamento não tem somente como base a família e a vida patriarcal, mas também a construção de uma realidade subjetiva que é sustentada por parceiros que se confirmam e reconfirmam mutuamente. Dessa forma, os relacionamentos não têm como objetivo apenas a constituição de uma família ou o preenchimento do vazio interior, mas também a fabricação de uma memória e uma identidade comum entre os integrantes do par (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Do ponto de vista da psicologia, as pessoas se engajam em relacionamentos superficiais por não terem alcançado um estágio de desenvolvimento psicológico que permita a ampliação da consciência e a gradativa integração dos aspectos anima/animus à personalidade consciente. Poderíamos cogitar, todavia, que, nesses casos, estariam em jogo não apenas as forças sociais, mas também os dinamismos inconscientes daqueles que adotam esse padrão de comportamento.

Em termos práticos, o que se pode constatar é que algumas mulheres procuram desenvolver um relacionamento amoroso com base na igualdade sexual e emocional (COUTINHO & MENANDRO, 2010). A associação entre a liberdade de escolha do parceiro e a vivência do cuidado e do afeto, relacionada ao papel de esposa, pode ser um símbolo da união dos opostos. Segundo Moraes (1994), esses polos teriam a tendência de buscar a integração, como que em um impulso em direção à totalidade que confere uma sensação de completude.

De outra parte, há que se considerar que, na atualidade, o amor e a sexualidade não estão mais intimamente atrelados ao casamento, embora ainda façam parte da construção da conjugalidade. Isso permitiu que surgissem relacionamentos com pouca ou nenhuma intenção de formação da conjugalidade, e que tanto o homem quanto a mulher tivessem maior liberdade de escolha de parceiros.

Giddens (1993) afirma que muitas pessoas entram em uma relação apenas pela própria relação, pelo que cada um pode proporcionar ao outro em termos de satisfação. Essa situação pode dificultar a construção da conjugalidade, pois, de acordo com Vargas (2004), a conjugalidade não é formada apenas por satisfações amorosas e sexuais, mas também pelas dificuldades e pelas superações que se apresentam na vida.

A vontade e a tentativa de construção de uma identidade em comum com o parceiro parecem ter como contraponto o desejo de individualidade e distanciamento do outro, desejo esse que, em algumas pessoas, pode ser um forte componente do medo de se relacionar. Talvez tais indivíduos ainda não estejam preparados psicologicamente para conhecerem-se a si próprios nem para terem a experiência de conhecer o outro por meio de uma relação afetiva mais duradoura. Assim sendo, buscariam o prazer sob a forma de relacionamentos rápidos, o que hoje é socialmente permitido.

Ainda que seja leviano considerar errados os relacionamentos fugazes, não se pode deixar de supor que esses seriam menos propícios ao desenvolvimento e à ampliação da consciência de si e do outro.

#### **4.2 Amor romântico na atualidade**

O amor romântico é uma ficção construída ao longo de séculos e que, talvez, esteja chegando ao fim. Possivelmente, nos dias atuais, as pessoas não buscariam, necessariamente, o amor romântico, em que prevalecem as categorias, “único” ou “para sempre”. Procurariam um amor em que o nível de doação entre os membros do casal seja igualitário.

Hoje em dia, a mulher não se mostra mais obcecada pela necessidade de encontrar alguém para amar e não espera que o homem seja o único responsável por sua felicidade. Na atualidade, mulheres e homens procuram relacionamentos que lhes proporcionem prazer, não importando se tais relacionamentos se configurem estáveis ou momentâneos.

O casamento, durante muitos séculos, foi uma instituição que tinha como finalidades a organização da família, o controle da sexualidade e a orientação da ética, da moral e da educação espiritual. Por parte das famílias mais abastadas, o casamento era relacionado com a busca do *status* proporcionado pelo poder aquisitivo e pelo sobrenome (MCFARLANE, 1990). Entre os mais pobres, o matrimônio era uma forma de organizar a produção da subsistência e se supõe, com isso, que a vida voltada para o trabalho excluía o caminho das paixões árduas. Para os camponeses da Europa pré-moderna, formas de carícia e afeição física, associadas ao sexo, eram raras, mesmo entre os casados (GIDDENS, 1993).

No mundo pré-moderno era muito difícil existir um relacionamento em que os parceiros se conhecessem previamente e desenvolvessem, ao longo de um período de namoro e noivado, uma identidade em comum ou que atualizassem os seus potenciais. Isso até poderia acontecer, mas depois que os parceiros contraíssem matrimônio. Foi há poucos séculos, na história do casamento e das relações, que o amor romântico surgiu. Apenas na transição para a modernidade, o ser humano romantizou o casamento e o próprio amor. Assim sendo, houve uma quebra do interesse pragmático e a permissão para que o par pudesse se casar por amor (MCFARLANE, 1990).

Todavia, com a introdução do amor romântico na instituição casamento, passou-se a estabelecer a premissa de que, para se envolver em um relacionamento, era necessário haver afeto entre o par (ARAÚJO, 2002). Surge, na sociedade, a ideia de que o casamento e os relacionamentos conjugais devem ser construídos por amor e não por questões financeiras ou de *status*. Ao contrário de tempos passados, as relações construídas com o intuito apenas financeiro ou de ascensão social passaram a ser, na maioria das vezes, mal vistas pela sociedade.

No entanto, nos dias atuais, o que se observa é que a ideia do amor romântico não mais prevalece, pois existe outro paradigma de relacionamento, aquele que Giddens chamou de “amor confluyente”, que surge a partir da reflexão do que é um relacionamento e de qual a sua importância na vida do indivíduo. Dessa forma, o amor romântico estaria sendo substituído pelo “amor confluyente”. Esse, por sua vez, seria a base sobre a qual, para grande parte da sociedade, deveria ser construído o relacionamento conjugal. O amor confluyente, que se oporia ao amor romântico, pressupõe que o casal se abra um para o outro e procure enxergar as dificuldades. Seria o oposto da identificação projetiva, embora esta seja um caminho para se chegar a ele. O amor confluyente é um amor ativo, no qual as categorias “para sempre” e “único” entram em choque, por exemplo, com a ideia de “alma gêmea” propagada pelo amor romântico. Nessa modalidade amorosa, o nível de doação entre os membros do casal é igualitário e não há a busca por um modelo de relacionamento estereotipado, caracterizado pela demanda por uma pessoa ou por um relacionamento especial (GIDDENS, 1993).

Vemos como resultado da busca pelo prazer nos relacionamentos conjugais e da ascensão do amor confluyente, uma sociedade em que, cada vez mais, existem pessoas separadas e divorciadas e na qual as mulheres podem demonstrar as suas

conquistas, tanto no campo familiar quanto profissional, e os homens, cada vez mais, têm a oportunidade de assumir as tarefas não anteriormente associadas ao papel masculino, como cuidar das crianças e lavar a louça. Com o desenvolvimento do amor confluyente, há a renúncia aos ideais do amor romântico: a mulher deixa de ser a sombra do homem e passa a ter um papel ativo no sustento, na força de trabalho e no desenvolvimento da família, e o homem passa a demonstrar a sua fragilidade e vulnerabilidade, deixando de ser frio e inatingível. Sobre isso, Giddens afirmou:

O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, [...] o amor só se desenvolve, até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro. (GIDDENS, 1993, p. 69)

O que se nota na sociedade contemporânea é certa dificuldade quando se trata do desenvolvimento de intimidade na parceria entre duas pessoas. A intimidade com o outro é, simultaneamente, desejada e, cada vez mais, evitada, pois, ao mesmo tempo em que se luta pelo desenvolvimento de um amor confluyente, os indivíduos parecem se tornar mais narcísicos, tendendo a evitar uma relação real, e mais profunda.

De acordo com Lipovetsky (2004), as pessoas gostam de encontrar sua identidade em grandes figuras mitológicas. A figura mitológica que representaria os tempos atuais é a de Narciso. Moraes et al. (2012) afirmam que o mito de Narciso é, também, uma representação para o que acontece nos relacionamentos atuais, dado que ilustra a dinâmica permeada por imagens que enganam e faz referência a amores impossíveis e ao aspecto egoico e individualista que precisa ser transformado. A permanência no nível narcísico pode matar o potencial inerente ao ser humano, uma vez que faz parte do processo de desenvolvimento ver-se nos olhos do outro (MORAES et al., 2012).

O mito é apresentado na versão de Ovídio, traduzida na obra de Schwartz-Salant (1995) e aqui narrado brevemente. Narciso era filho do deus Cefiso e da ninfa Liríope. No dia do seu nascimento, Tirésias, um adivinho cego, previu que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a sua figura, ou seja, desde que não se conhecesse.

Narciso cresceu, tornando-se um belo jovem, porém rejeitava todos os jovens e donzelas que dele tentavam aproximar-se, desejando ser amados e amá-lo. Certo dia, uma jovem rejeitada por Narciso suplicou aos céus que Narciso viesse a amar a si mesmo e não pudesse obter aquilo que desejava. A deusa Nêmesis, que representa a imagem da justiça, atendeu às súplicas da jovem e lançou uma maldição, condenando Narciso a se apaixonar pelo seu próprio reflexo na água.

Certo dia, quando estava exausto por um dia de caça, Narciso parou em frente a uma fonte de águas límpidas e cristalinas, ali se defrontando com o seu próprio reflexo. Encantado pela linda imagem, Narciso se apaixonou e, ao mesmo tempo, lamentou a sua sorte, pois lhe era impossível alcançar a própria imagem. Em constante contemplação, ali definhou e morreu. Depois de sua morte, Nêmesis o transformou na flor que leva o seu nome.

No início do mito é apresentada a profecia do adivinho cego que adverte que a consciência e o autoconhecimento poderão causar a morte de Narciso. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), a morte simboliza tudo aquilo que desaparece na evolução das coisas, tudo o que passa de um estágio para o outro. É a figura que leva a mundos desconhecidos, aos infernos e aos paraísos.

Na profecia de Tirésias, o autoconhecimento é a luz que faz o antigo morrer para o novo. Bauman (2004) ainda complementa que a morte pode ser tão aterrorizante quanto o amor, pois ambos são capazes de encobrir a verdade com a comoção. Além disso, os dois envolvem um futuro duvidoso, pois não há como prever a morte e muito menos o que acontecerá quando o casal desenvolver a intimidade e passar a conhecer um ao outro mais profundamente.

Instala-se, portanto, um paradoxo: ao desenvolver a intimidade com outra pessoa, há que se morrer para o antigo e se abrir para o novo, o que, geralmente, causa medo. Mostrar-se de forma clara e sem restrições pode, por vezes, ser uma tarefa árdua, uma vez que não há como garantir a aceitação do outro. Nesse sentido, seria menos penoso envolver-se em relacionamentos mais superficiais. Nas palavras de Bauman:

Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir [...] quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções, futuras. (BAUMAN, 2004, p. 37)

Para Moraes et al. (2012), o narcisista recusa o relacionamento, o que não significa que aqueles com esse perfil deixem de se envolver em relações amorosas, mas sim que tais relações ficam restritas ao contato físico e não se caracterizam como relacionamentos genuínos, do ponto de vista psicológico.

Por outro lado, mesmo a relação meramente física está sujeita à influência dos modelos estereotipados propagados pelos meios de comunicação em massa e pelas redes sociais. Mais ainda, as imagens divulgadas pela mídia sugerem que a beleza – segundo um padrão específico – é pré-requisito para um relacionamento feliz. As imagens erotizadas, às quais as pessoas estão expostas diariamente, vendem falsas necessidades e pseudodesejos inspirados por corpos exuberantes e figuras estereotipadas de homens e mulheres esvaziados de sua interioridade e privados de sua individualidade (GRAUBART, 2014).

No mito, a transformação final de Narciso na flor que leva o seu nome é vista por Moraes et al. (op.cit.) como representando a saída de um estado narcísico de consciência para uma condição que permite o enraizamento do ego no Self e a possibilidade de relação com outro. Moore (1992) também entende que há, no narcisismo, uma oportunidade de a alma encontrar os seus opostos. Mas, primeiro, há que morrer para o estado anterior de consciência, o que significa, para muitos, abandonar antigos hábitos e comportamentos para que novos comportamentos e atitudes possam ser experimentados e se estabeleça um diálogo interno entre os princípios masculino e feminino, abrindo um espaço maior para as relações interpessoais e para aprofundar o autoconhecimento.

Nesse sentido, há que reconhecer que a tolerância à frustração faz parte de um aprendizado a ser desenvolvido, sem que se suponha a desistência da formação da conjugalidade, pois isso poderia acarretar o prejuízo tanto da capacidade criativa do indivíduo quanto de seu autoconhecimento (MORAES et al., op. cit.).

Sob outra perspectiva, vê-se que o amor romântico parece ter se transmutado em um ideal de amor aventureiro e moderno. Isso pode ser visto pelo consumo excessivo de telenovelas, imagens de revistas e redes sociais. De acordo com Giddens (1993), o consumo ávido de novelas e histórias românticas é proveniente da busca pelo êxtase que o mundo nega ao sujeito e fruto de uma incapacidade deste chegar a um acordo com a sua identidade frustrada na vida social. Graubart (2014) afirma que os personagens de novelas e romances retratam os modelos contemporâneos de relacionamentos, que são baseados no comportamento coletivo.

Gugüenbull-Craig (1980) também fala sobre as imagens idealizadas que são, na atualidade, propagadas sobre os relacionamentos conjugais:

Hoje em dia o espírito da sagrada família está presente nos comerciais de T.V. e na propaganda em geral. Vemos o feliz casal de jovens passeando através de um campo florido, enquanto a criança, viva e alegre, brinca ruidosamente com o cachorrinho. (...) Assim, Baciús e Philemon, a Sagrada Família, o radioso casal dos anúncios de T.V., cada um a seu próprio modo, representa o casamento feliz. (GUGÜENBULL-CRAIG, 1980, p.10).

Esses estereótipos podem ser considerados fruto das fantasias coletivas de homens e mulheres. Assim, por exemplo, o estereótipo de um relacionamento ideal e sem sofrimento expressaria as fantasias que os indivíduos daquela sociedade têm a respeito das relações amorosas. De acordo com Benedito (1996), fantasiar não é um privilégio dos povos primitivos, mas é próprio também do homem moderno, que adequa suas fantasias a um plano da realidade externa, expressando-as por meio de sonhos, das artes plásticas, da literatura, das produções televisivas e cinematográficas e, ainda, das figuras emblemáticas divulgadas pela mídia e pelas comunicações de *marketing*. Tais fantasias coletivamente produzidas tendem a tocar nos sentimentos mais profundos da psique humana

De acordo com Jung (1949/2011c), embora a fantasia tenha origem em recordações e vivências individuais e coletivas, seu conteúdo não corresponde a uma realidade externa, mas é, essencialmente, uma atividade criadora do espírito, uma ativação de elementos psíquicos carregados de energia. As imagens assim geradas são resultantes de uma vasta grandeza interna e não se compõem apenas de conteúdos conscientes, mas também de outros conteúdos que estão inconscientemente constelados.

A imagem é, portanto, uma expressão concentrada da situação psíquica como um todo e não simplesmente ou sobretudo dos conteúdos conscientes. É certamente a expressão de conteúdos inconscientes, mas apenas dos momentaneamente constelados. (JUNG, 1949/2011c, par. 829)

Com base nas imagens divulgadas pela mídia, as pessoas podem imaginar que os relacionamentos e a conjugalidade se constroem sem dificuldades. Suas expectativas passam a contemplar a ideia de um mundo perfeito, no qual as relações amorosas são sempre bem sucedidas e enfrentam poucos percalços.

Pessoas contaminadas pelos diversos padrões da cultura de massa podem ser especialmente sujeitas a viver esses modelos líquidos de relacionamentos, conforme os denominou Bauman (2004). O vazio interior passa a ser preenchido por imagens pré-moldadas, que, muitas vezes, permeiam a aproximação mágica entre o par (GRAUBART, 2014). É importante salientar, porém, que essas fantasias são importantes na fase inicial do relacionamento e, se bem trabalhadas, servem como alicerce para o desenvolvimento do Self criativo e para a ampliação da consciência. Benedito (1996) afirma que é importante estar atento às múltiplas possibilidades de interpretação das fantasias e à necessidade de uma abordagem que contemple uma multiplicidade de sentidos, não estando restrita à manifestação de desejos imediatos e materialistas.

Na primeira fase de um relacionamento, em que há o encontro, a paixão e a idealização do outro, o ser humano pode fantasiar a respeito de como seria esse relacionamento, criando expectativas. Uma das fantasias mais comuns é a de que o outro proporcionará tudo o que é necessário para tornar o indivíduo feliz. Geralmente, esses são os desejos inconscientes vividos pela maioria dos casais apaixonados, no estágio inicial da relação amorosa. Apesar de ser uma fase em que existem muitas expectativas e muitas imagens idealizadas, é uma etapa fundamental na construção do relacionamento, pois, de acordo com Benedito (op. cit.), o encontro entre as pessoas abre um caminho fértil para vivências psicológicas profundas.

Vale notar, contudo, que essas fantasias e imagens estereotipadas culturalmente transmitidas também podem influenciar negativamente a construção da conjugalidade, uma vez que, segundo Moraes et al. (2007), algumas mulheres seriam influenciadas não somente pelo padrão arquetípico e pessoal desenvolvido em torno da imagem do homem, mas também pelos padrões de vaidade e poder próprios da cultura. Outras, ainda, por não terem alcançado um estágio de desenvolvimento psicológico que permita a ampliação da consciência e a gradativa integração dos aspectos do animus à personalidade consciente, engajam-se em

relações rápidas e sem consistência, próprias de uma sociedade que vive relacionamentos sem a intenção de um compromisso efetivo.

Em síntese, a influência do ideal de amor romântico pode estar chegando ao fim, tendo em vista que a possibilidade de viver, de formas diversas, o prazer e a satisfação nos relacionamentos faz parte do cotidiano no mundo moderno. Todavia, parece que outras fantasias tomaram-lhe o lugar, em especial aquelas que se baseiam em uma atitude narcísica e em estereótipos relacionadas às aparências e amplamente divulgados pela mídia nas modernas sociedades ocidentais.

## 5 A MULHER E A CONJUGALIDADE

### 5.1 Ser mulher na contemporaneidade

A construção do papel da mulher na sociedade foi, durante muito tempo, associado aos atributos de receptividade, continência, doação, docilidade e unificação, enquanto que ao homem caberia exercer a ação, o impulso, a agressividade e a razão. Em tese, tais papéis foram atribuídos de acordo com as características biológicas de mulheres e homens.

Dessa forma, atitudes consideradas pela sociedade como sendo somente femininas foram ensinadas às mulheres, desde a infância, enquanto que os homens foram estimulados a adotar atitudes consideradas como masculinas. Esses comportamentos foram assimilados a ponto de serem tratados, mais tarde, como fazendo parte da personalidade de cada um. As mulheres, então, foram instruídas por meio de formas, gestos e jeitos de falar, aprendidos com suas mães, a se comportarem de maneira dócil, receptiva, gentil, meiga e delicada, atributos que, perante a sociedade, eram próprios de um comportamento tipicamente feminino (LINS, 2014).

Pode-se dizer que as mulheres foram, por um longo período, consideradas o centro da família e, em consequência, alguns papéis passaram, automaticamente, a serem atribuídos a elas pela sociedade, como o de mãe, dona de casa e esposa. Carter e McGoldrick afirmam que as mulheres eram vistas pelos homens como as cuidadoras do lar, das crianças e dos próprios maridos (CARTER & MCGOLDRICK, 2008). Havia uma clara divisão de papéis: a mulher era a cuidadora doméstica e o personagem central da casa e da família, ao passo que o homem era o provedor do lar com autonomia para estabelecer regras (FLECK & WAGNER, 2003). Claro está que, nos dias atuais, muitas mulheres continuam a exercer esses papéis, mas a diferença é que, atualmente, elas contam com diferentes opções. Em tempos em que a divisão de papéis era clara ser, mãe e esposa não era uma alternativa, mas sim o único caminho a seguir.

Atualmente, essa divisão, socialmente estabelecida, que pressupõe a separação rígida entre os papéis entre homens e mulheres, está em processo de desconstrução. A mulher contemporânea tende a exigir o equilíbrio de papéis entre os sexos e demonstra isso no cotidiano, reivindicando, por exemplo, a participação dos homens em tarefas que antes eram apenas atribuídas as mulheres, tais como os cuidados com os filhos e com o lar. Tal estado de coisas trouxe mudanças significativas não apenas nos relacionamentos afetivos, mas na vida cotidiana da mulher. Nas palavras de Lipovetsky (2000):

Tudo, na existência feminina, se tornou uma opção, um objeto de interrogação e de arbítrio. Em princípio, já nenhuma atividade está vedada as mulheres, já nada define imperativamente o seu lugar na ordem social. Ei-las, do mesmo modo que os homens, entregues ao imperativo moderno de definir e de inventar a sua própria vida. (LIPOVETSKY, 2000, p. 233)

Assim, a mulher contemporânea sai da segurança do seu lar para enfrentar os desafios da vida, em busca de novas possibilidades, novas conquistas e novos modelos a serem vividos. Essa mudança nos papéis sociais das mulheres pode ser fruto da autonomia conquistada em razão da sua atuação fora do lar (MAUX & DUTRA, 2009). Todavia, esses desafios, por vezes, não se configuram simples nem tão pouco fáceis.

Do ponto de vista da Psicologia Analítica, Wahba [201-?] retrata a mulher contemporânea como uma heroína que assume alguns papéis de ordem moral, intelectual e emocional. Simbolicamente, a mulher é comparada à heroína que vive a sua saga com o objetivo de conquistar um bem material ou atingir uma meta. Desse modo, a mulher contemporânea desafia as imposições da cultura, domínio do poder masculino, da lei e da ordem, em que não há o diálogo entre os opostos, e se enche de coragem para, paulatinamente, enfrentar a sua saga em busca do equilíbrio entre domínio e poder, liberdade e amor, nas mais diversas áreas de sua vida. A mulher deve não somente vencer as barreiras impostas pela sociedade, mas romper com seus próprios limites.

A saga da mulher contemporânea pode ser simbolizada pelos mitos das deusas gregas. Essas narrativas proporcionam às mulheres um meio para o conhecimento de aspectos que fazem parte do seu inconsciente, favorecendo a reflexão acerca do que podem viver e do que podem transformar em si.

Sanford (1996) afirma que mitos e contos de fada são representações da realidade psíquica e que, muitas vezes, mostram os potenciais a serem desenvolvidos pelo ser humano. Von-Franz (1990) complementa essa perspectiva, afirmando que essas histórias são a expressão mais pura dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Tendo em vista essas características do mito, pode-se dizer que eles podem vir a ajudar a mulher contemporânea a integrar aspectos inconscientes. Apesar de serem histórias de guerreiras da antiguidade, os mitos de Ariadne, Ifigênia e Antígona trazem um simbolismo que levam a mulher contemporânea a refletir sobre o seu papel na sociedade e sobre suas atitudes diante das situações amorosas cotidianas. Visando estimular essa reflexão, por parte do leitor, contamos a seguir esses mitos.

**Ariadne:** A versão mais popular, de acordo com Brandão (2009) e Wahba [201-?], conta que Ariadne, filha do rei Minos e irmã do Minotauro, apaixona-se por Teseu, um príncipe recém-chegado, e lhe fornece a estratégia para sair com vida de um palácio repleto de labirintos e habitado pelo Minotauro, onde o rei Minos sacrificava a vida de pessoas que se rebelavam contra as suas imposições. Havia, todavia, um preço a pagar. Teseu deveria se casar com Ariadne em Atenas, assim que matasse o Minotauro e saísse do labirinto. Confiante na promessa de casamento sustentada por Teseu, Ariadne lhe oferece uma prova de amor, um novelo de lã que, amarrado ao batente da porta, desenrolar-se-ia por todo o percurso. Escapando ileso das investidas do Minotauro, Teseu usou o caminho traçado pelo novelo de lã, o que lhe permitiu sair do palácio-labirinto com vida. Após sair do labirinto, Teseu e Ariadne rumam a Atenas para o casamento. Contudo, após uma noite de amor, Teseu abandona a bela Ariadne enquanto ela estava adormecida na praia. Ao ver Ariadne abandonada na ilha, Dioniso, o deus do vinho e da exuberância, apaixona-se por ela e os dois se casam.

Ariadne é mais uma das mulheres traídas que, apesar de tudo, ousou desafiar as convenções e papéis tradicionais e familiares para seguir o amor e amadurecer como mulher. Apesar da traição, Ariadne consegue superar o ocorrido e realizar as suas paixões. Muitas mulheres ficam presas aos papéis e expectativas sociais e não descobrem o feminino sensual que existe dentro de si (WAHBA, op. cit.).

Esse mito também representa a superação da mulher traída que é capaz de amadurecer e superar as situações adversas sem desacreditar que poderá construir um relacionamento intenso com outro parceiro.

**Ifigênia:** Esse mito retrata a figura feminina sendo oferecida em sacrifício pelo próprio pai. Ifigênia era filha de Agamemnon, rei de Esparta. Segundo Eurípedes, Agamemnon, ao partir para guerra com os troianos em apoio a seu irmão Menelau, perdeu-se no mar por não conhecer a rota que levava a Troia. Após uma grande tempestade, o mar serenou e os ventos não mais sopravam, impedindo a expedição de encontrar o caminho para chegar ao fim de sua jornada. De volta à Grécia, Agamemnon consulta o adivinho Calcas, que lhe explicou que o ocorrido devia-se ao fato de Agamemnon haver irritado Ártemis. Para suspender o castigo da deusa, o rei espartano deveria sacrificar a sua primogênita. Agamemnon enviou uma mensagem à esposa, em Micenas, solicitando que conduzisse Ifigênia, sob o pretexto de casá-la com Aquiles. Ao chegar ao acampamento onde se encontrava seu pai, Ifigênia foi levada ao sacrifício. Entretanto, por intercedência de Ártemis, Ifigênia foi substituída por uma corça<sup>1</sup>. Após ter sido salva, Ifigênia tornou-se sacerdotisa da deusa (BRANDÃO, 2009; WAHBA, [201-?]).

Relacionando esse mito com a mulher contemporânea, pode-se dizer que, em determinadas situações, a mulher necessita contar com a sua inspiração interior, seu lado criativo que emana do Self, para resolver alguns tipos de conflito, quer seja uma dor quer seja encontrar um novo rumo. Criativamente, a mulher deve contar com a ajuda de seu potencial, para discriminar o momento em que deve enfrentar os desafios daquele em que deve recuar e refletir.

**Antígona:** era uma das filhas do casamento incestuoso de Édipo e Jocasta. Essa heroína foi a única que não abandonou seu pai, quando este foi expulso de seu reino por dois de seus filhos, Eteócles e Polinice. Antígona acompanhou Édipo em seu exílio até a sua morte. Quando retornou a Tebas, seus irmãos brigavam pelo trono. Polinice, que havia se casado com a filha do rei de Argos, armou um ataque a Tebas, contra seu próprio irmão, Eteócles. Todavia, um oráculo previu que apenas o rei Argos sairia com vida do combate e assim se procedeu. Após o combate final, em que os dois irmãos morreram, Creonte, tio deles, herda o trono e faz uma sepultura com todas as honras para Eteócles, porém o mesmo não acontece com o irmão, Polinice, que fica exposto à dilaceração e à putrefação. Creonte proibiu qualquer um de enterrá-lo sob pena de morte. Antígona reúne toda a sua coragem e

---

<sup>1</sup> A salvação de Ifigênia como que reproduz o tema da libertação do filho imolado em sacrifício, mitologema também presente no Antigo Testamento, na passagem do sacrifício do primogênito por Abraão.

tenta convencer o tio a enterrar o irmão, pois aqueles que não eram enterrados segundo os rituais fúnebres da época vagavam às margens do rio que levava ao mundo dos mortos, sem poder ir ao outro lado. O tio, contudo, não lhe dá permissão para fazer o ritual. Inconformada, Antígona rouba o corpo de seu irmão e o coloca na pira onde estava o corpo de Eteócles, sendo descoberta e presa. Creonte, então, pediu a seu filho, Haemon, que matasse Antígona. Haemon, entretanto, desobedeceu à ordem do pai e entregou Antígona à guarda de pastores, declarando, falsamente, que a tinha matado (HYGINUS, 2000; WAHBA, [201-?]).

O mito de Antígona exemplifica o domínio do poder sobre o amor e a falta de ética com que as questões são tratadas no cotidiano. Antígona vem resgatar a sabedoria e a integridade em tempos em que a hipocrisia e a falta de escrúpulos imperam (WAHBA, [201-?]). Essa heroína teve coragem de enfrentar a morte para realizar algo digno e vai atrás da verdade, desafiando as convenções. A morte, nesse mito, é o símbolo da morte dos hábitos comuns que tomam o espaço para a entrada de novos hábitos. Trata-se de morrer para o velho e despertar para o novo (WAHBA, *op. cit.*).

As histórias apresentadas nos mitos levam à reflexão a respeito dos papéis que as mulheres contemporâneas podem assumir em suas vidas. É possível considerar que, paulatinamente, elas vêm deixando as convenções e os papéis antes assumidos, para viver seus desejos, sua verdade, de acordo com sua alma. Pode-se afirmar, igualmente, que a mulher, hoje, consegue assumir novos papéis, porque, em algum tempo, outras ousaram desafiar os ditames sociais. Seria mais um sinal de que uma nova era vem surgindo na qual a mulher procura ser mais autônoma, respeitando sua vontade e não os desejos alheios.

Não somente o mito de Antígona, mas o conjunto de mitos apresentados trazem exemplos de papéis que já são assumidos por algumas mulheres, ou que deveriam ser, pois essas atitudes clareiam o caminho a ser seguido para a conquista da autonomia da mulher contemporânea.

Na concepção de Lins (2014), ser uma mulher autônoma é viver a própria totalidade, sem negar ou repudiar aspectos da sua personalidade para se submeter às exigências sociais. A autora ainda afirma que viver a totalidade psíquica é aceitar que, mesmo sendo dócil, receptiva, gentil, meiga e delicada, a mulher também pode ser corajosa, agressiva, impulsiva, racional e objetiva.

Caminha-se rumo à alteridade ou a um estado de confluência em que homens e mulheres têm condição de compartilhar papéis sem enfrentar tantos estigmas. A mulher torna-se, cada vez mais, livre para tomar as suas próprias decisões e reconfigura os seus espaços sociais. Conseqüentemente, a configuração dos relacionamentos conjugais muda, uma vez que o casamento deixou de ser o único projeto de vida da mulher. Hoje, de acordo com Lins (2014), a mulher se permite questionar se a felicidade está atrelada ao casamento. Com isso, o casamento está deixando de ser uma questão primordial na vida de muitas. Mesmo com a intenção de trilhar um caminho rumo à autonomia, a mulher se depara com os caminhos da psique, que, por vezes, fazem-na entrar em um estado de torpor ou paixão. Não se pode pensar que esse caminho seja totalmente negativo, mas sim uma forma de a psique fazer-se conhecida e conduzir a mulher na direção de uma maior autonomia.

## **5.2 A mulher autônoma e o relacionamento amoroso**

O apaixonamento é uma fase importante dentro do relacionamento. Contudo a mulher deve empenhar-se na busca por autonomia e não se sujeitar a viver em total dependência psíquica de um homem. Claro está que, em certos aspectos e em certa medida, espera-se que os parceiros dependam um do outro. Referimo-nos, todavia, à dependência excessiva, aquela responsável por levar a mulher a não conseguir se desvencilhar de um casamento que, sabidamente, não lhe traz, ou não trará, prazer nem satisfação

O encontro da autonomia dentro do relacionamento é um caminho que, por vezes, não se configura fácil. De acordo com Vargas (2004), é necessário passar não só pelos prazeres, mas também pelos desprazeres da vida, que poucos estão dispostos a enfrentar.

Sobre os prazeres da vida a dois, Benedito (1996) advoga que a maioria das pessoas se casa procurando gratificações que não lhes foram dadas em etapas precoces do desenvolvimento, ou seja, na infância. Para a autora, essas pessoas ainda buscam nos parceiros, na etapa da vida adulta, o atendimento às necessidades não supridas na infância. Em casos mais graves, as exigências podem virar um instrumento de tortura mútua, que é usado conjuntamente e contribui para um possível término do relacionamento afetivo.

Quando se mantém presa às fantasias infantis, a mulher permite que a libido em estado regressivo se manifeste no comportamento adulto e, como uma criança, espera que as soluções para o relacionamento venham de forma mágica e sempre do outro. Portanto o sacrifício da condição infantil é fundamental para que a necessidade de dependência do outro conceda espaço à autonomia (BENEDITO, 1996). Ser autônomo é um exercício de amadurecimento psicológico constante. São anos e anos de trabalho árduo, que envolve a diferenciação dos aspectos que pertencem ao outro com relação aos aspectos que a si pertencem. Todavia há que se considerar que não é necessária somente essa diferenciação. É preciso, também, que o ego não se identifique totalmente com os aspectos culturais vigentes, tomando-os como a identidade da mulher (LINS, 2014). Escolher o caminho da autonomia no relacionamento amoroso envolve não somente o sacrifício da condição infantil, o trabalho árduo, mas também uma total devoção à vida. De acordo com as palavras de Jung:

Este sacrifício só acontece em total devoção à vida, quando toda a libido retida em laços familiares precisa sair do círculo estreito e for levada para o grande mundo. (JUNG, 1911/2011e, par. 664)

Nesse parágrafo, Jung discute a importância de se separar do movimento que acompanhava o ser humano desde criança, para se tornar um adulto autônomo. Essa separação, na concepção de Jung, envolve a consideração ou solução do problema erótico, pois, se isso não acontece, a libido fica presa na relação inconsciente com os pais e não deixa o ser humano ser livre em muitos aspectos.

Assim, é comum vermos mulheres que reproduzem inconscientemente o relacionamento afetivo de seus pais, inclusive escolhendo parceiros semelhantes ao pai. De acordo com o Benedito (1996), uma das soluções plausíveis para esses casos é a abertura do eu em desenvolvimento para integrar, paulatinamente, as diversas possibilidades que se apresentam no novo, que é proposto pelo inconsciente com o resultado da interação eu-mundo. Segundo a autora, essa é uma exigência da vida e da própria psique.

Sendo assim, entende-se que uma das formas para a conquista da autonomia feminina, está na separação de aspectos relacionados à sua infância e que ainda possam se manifestar em seu relacionamento afetivo.

De acordo com Lins (2014), autonomia é diferente de independência. A mulher autônoma é aquela que não é afetivamente dependente do seu marido, que consegue desenvolver a sua individualidade tanto quanto a conjugalidade dentro do relacionamento afetivo. A independência não está atrelada aos aspectos emocionais, mas sim a aspectos financeiros e de sustento material. Dessa forma, para a autora, muitas mulheres podem ser ricas e bem sucedidas e, mesmo assim, ainda não terem conseguido conquistar a autonomia.

A autonomia, então, poderá ser desenvolvida a partir do momento que a mulher for progressivamente abrindo mão de seus aspectos, fantasias e desejos ligados à infância e começar a se abrir para o desenvolvimento de novos desejos relacionados à etapa da vida adulta, de modo que esses novos desejos lhe tragam prazer e satisfação na vida conjugal. Isso também pode significar abrir mão do casamento, ao verificar que esse era apenas um recurso utilizado para realizar os desejos infantis dependentes.

## **6 OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Investigar os aspectos psicológicos da conjugalidade de mulheres adultas

### **Objetivos específicos**

Estudar como a mulher atual lida com as expectativas e dificuldades que se apresentam durante o casamento.

Verificar quais recursos ela utiliza para enfrentar essas dificuldades.

## **7 MÉTODO**

### **7.1 Características do estudo**

Trata-se de uma pesquisa clínica de caráter qualitativo. Segundo Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa define-se por enfatizar processos e significados não quantitativos.

O método qualitativo serve de suporte a várias abordagens. Nesta pesquisa, que tem por base a Psicologia Analítica, o foco reside no levantamento e análise de conteúdos conscientes e inconscientes das participantes da pesquisa (PENNA, 2013). Ainda segundo essa autora, a metodologia de pesquisa qualitativa de base junguiana permite a compreensão simbólica do material levantado, possibilitando uma visão mais ampla das questões colocadas como objetivo.

### **7.2 Participantes**

Para atingir os objetivos traçados, foram entrevistadas cinco mulheres, pois se entendeu que um número menor de participantes poderia proporcionar um aprofundamento das questões levantadas. Os critérios de inclusão das participantes foram:

- a) ser heterossexual: a fim de delimitar o número de variáveis intervenientes, o objeto de estudo circunscreveu-se às expectativas e dificuldades das mulheres heterossexuais contemporâneas ante a conjugalidade;
- b) experiência conjugal: participaram deste estudo mulheres que eram ou já haviam sido casadas no civil e/ou religioso, mulheres que viviam ou já haviam vivido em regime de união estável e mulheres que coabitavam com seus parceiros sem vínculo formal;
- c) tempo de experiência conjugal: à época da aplicação do método, as participantes deveriam ter vivido a experiência conjugal por, pelo menos, um ano. Adotamos aqui o critério proposto por Zordan, Falcke e Wagner (2009) que propõem o tempo mínimo de um ano para que a identidade conjugal se constitua;

- d) faixa etária: participaram deste estudo mulheres que tinham entre 32 e 39 anos. Segundo Levinson (1996), mulheres em torno dessa faixa etária já teriam tido, em geral, condições de construir um modo de vida estável, o que inclui os relacionamentos. Levamos em consideração, também, o fato de que, no Brasil, segundo dados das Estatísticas de Registro Civil (2012), a idade média das mulheres solteiras na data do casamento vem aumentando, tendo passado de 23 para 25 anos, no período entre 2002 e 2012. Podemos supor, portanto, que mulheres na faixa etária escolhida já tenham vivido pelo menos uma experiência de conjugalidade, tenha sido ela formal ou informal.

A identificação das participantes foi também determinada pelos seguintes critérios de exclusão:

- a) mulheres diagnosticadas com algum tipo de distúrbio neurológico ou psiquiátrico, do qual se tivesse conhecimento;
- b) mulheres que haviam vivido experiências conjugais com menos de um ano de duração.

## **7.3 Instrumentos**

### **7.3.1 Questionário sociodemográfico**

Questionário com as perguntas sobre: idade da participante; estado civil; profissão; existência de filhos; número de filhos; religião; quantas vezes foi casada; duração das uniões. O questionário utilizado consta do Roteiro de Pesquisa (Apêndice A).

### **7.3.2 Aplicação de técnica de desenhos**

Pretendeu-se, por meio dessa técnica, investigar aspectos afetivo-emocionais, conscientes e inconscientes, ligados ao tema, uma vez que, em teoria, existem relações diretas entre a imagem exterior produzida por meio de recursos expressivos e as imagens interiores de uma pessoa (FURTH, 2004).

Para a aplicação do desenho foram utilizados: papel sulfite A4 branco, lápis grafite nº2, borracha e lápis de cor.

### 7.3.3 Entrevistas semidirigidas individuais

Baseadas no Roteiro de Pesquisa (Apêndice A), as entrevistas tiveram como finalidade coletar informações que dissessem respeito a pensamentos, sentimentos e fantasias das participantes em relação às suas expectativas e dificuldades perante a conjugalidade. Decidiu-se realizar as entrevistas individualmente, pois assim não seria possível a indução ou influência de respostas de uma participante por outra.

As questões foram elaboradas a partir de dois pontos de vista: o primeiro refere-se à visão que as participantes tinham sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade. Trata-se da visão das participantes sobre os relacionamentos conjugais de modo geral, como elas o percebem na sociedade contemporânea.

Em um segundo momento, foi investigada a visão que as participantes tinham a respeito da conjugalidade, incluindo expectativas e dificuldades, a partir das experiências vividas em seus relacionamentos.

### 7.3.4 Gravador

O áudio das entrevistas e o inquérito dos desenhos foram registrados por meio de gravador digital, conforme explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e, posteriormente, transcrito para permitir a análise dos depoimentos coletados.

Ao concordar com os procedimentos de realização desta pesquisa, a participante ficou ciente de que a entrevista seria gravada e de que os dados seriam salvos em um arquivo no computador, estudados e apagados assim que analisados, mantendo-se sigilo absoluto.

## 7.4 Procedimentos

### 7.4.1 Procedimento de seleção da amostra

Visando obter indicações de mulheres interessadas em participar do estudo, o Folheto de Divulgação da Pesquisa (Apêndice C) foi enviado por *e-mail* a pessoas do relacionamento da pesquisadora – colegas, professores e outros pesquisadores – e publicado nas páginas de grupos de psicologia em redes sociais. A partir daí, por

meio da técnica “bola de neve”, pessoas indicadas sugeriram outras interessadas em participar, as quais, por sua vez, puderam apontar outras participantes, até que o número de participantes desejados fosse alcançado (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998).

As mulheres que demonstraram interesse entraram em contato diretamente com a pesquisadora, pelo telefone ou pelo *e-mail* indicados no Folheto de Divulgação. Nesse primeiro contato, foram explicados os objetivos e procedimentos para a realização da pesquisa, os riscos envolvidos e as datas possíveis para a aplicação dos instrumentos.

Assim, foram escolhidas as participantes que se disponibilizaram a ir até o consultório da pesquisadora para o procedimento de coleta de dados.

#### 7.4.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada no consultório particular da pesquisadora, por se entender ser ideal que a participante estivesse em local que garantisse o sigilo, possuísse poucas interferências e tivesse condições físicas adequadas para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

#### 7.4.3 Procedimentos de coleta de dados

No início do encontro individual com cada participante, antes da aplicação da técnica projetiva, foram explicados novamente o tema e o objetivo da pesquisa, bem como assegurada a liberdade da entrevistada de interromper sua participação, a qualquer momento, se assim o desejasse. Em seguida, foi solicitado que a participante lesse e assinasse o Comunicado de Pesquisa (Apêndice D), bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Tendo a participante aceitado os termos, foram realizadas as perguntas constantes do questionário sociodemográfico, segundo o disposto no Roteiro de Pesquisa (Apêndice A). Logo após, a aplicação da técnica projetiva foi iniciada.

Primeiramente, foram apresentadas, simultaneamente, duas folhas de papel, em branco, na posição horizontal. Foi solicitado que, em uma das folhas, a participante desenhasse as expectativas em relação ao casamento e, na outra folha, as dificuldades enfrentadas após o casamento. A participante foi orientada a

desenhar inicialmente as expectativas e, em seguida, as dificuldades. Vale ressaltar que, para efeito deste estudo, o termo casamento se aplica aos tipos de relacionamentos descritos no item 7.2 deste Método.

Assim que as participantes completaram a tarefa solicitada, foi realizado o inquérito sobre os desenhos produzidos. O roteiro que norteou a aplicação dessa técnica pode ser encontrado no Apêndice A.

Realizada a aplicação da técnica projetiva e do inquérito, foi iniciada a entrevista. O roteiro de entrevista pode ser encontrado igualmente no Apêndice A.

A entrevista realizada teve como objetivo investigar não somente a visão do casamento que elas viveram ou vivem, mas também a visão que elas tinham com relação aos relacionamentos contemporâneos e a formação da conjugalidade.

O depoimento das entrevistadas e o inquérito dos desenhos foram gravados com o auxílio de gravador digital, que ficou à distância máxima de um metro da participante. Assim que as entrevistas e os inquéritos foram transcritos, os dados gravados foram apagados para garantir o sigilo.

A entrevista e a aplicação da técnica de desenhos ocorreram em um único encontro com duração aproximada de uma hora e quinze minutos. Cada participante realizou o encontro individualmente. Não houve interação entre as participantes. Por último, foi oferecida a todas as participantes a possibilidade de novo encontro, para a comunicação dos dados obtidos, e informado que a dissertação estaria disponível na biblioteca da PUC-SP.

#### 7.4.4 Procedimento de análise dos dados

Para a organização da análise dos dados obtidos foi escolhido o método de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1977) e adaptado por Faria (2003). Esse método possibilita uma aproximação tanto intuitiva, simbólica, como conceitual na maneira de se tratar o material.

Em primeiro lugar, as gravações foram ouvidas e as transcrições das entrevistas lidas, de forma intuitiva, com o assinalamento das primeiras impressões, imagens e símbolos. Essas impressões foram organizadas em tópicos e, posteriormente, em temas e unidades de significação que se depreenderam do discurso. A partir dos temas, foram construídos os grupos temáticos, que estarão

presentes no capítulo de “Resultados e Análise”. Nesse capítulo serão colocadas frases qualificadoras de cada tema do discurso.

A análise dos desenhos foi baseada no método de interpretação dos desenhos preconizado por Furth (2004). Assim, recomenda-se que sejam observados os seguintes aspectos, tendo-se claro que nem todos estarão presentes em todos os desenhos:

- a) **que sentimento o desenho transmite ao pesquisador:** neste quesito, avalia-se o primeiro sentimento que o desenho transmite, sintetizando-o em uma palavra;
- b) **o que parece estranho ao pesquisador:** avalia-se o motivo pelo qual alguns objetos parecem estranhos. Essas representações normalmente indicam áreas problemáticas das quais o indivíduo ainda não está consciente;
- c) **obstáculos existentes nos desenhos:** este item refere-se a objetos que impedem a comunicação entre as figuras do desenho. Pode, ainda, indicar obstáculos conscientes e inconscientes presentes na vida do indivíduo;
- d) **o que é central no desenho:** normalmente, aquilo que está posicionado no centro pode indicar o núcleo do problema;
- e) **tamanho do desenho:** de acordo com Furth (op. cit.), objetos de tamanhos reduzidos estão desvalorizando algo, enquanto objetos de tamanho aumentado estão enfatizando algo;
- f) **sublinhados no desenho:** figuras sublinhadas geralmente indicam falta de sustentação e/ou complementação. No entanto, se todas as figuras, exceto uma, estiverem sublinhadas, aquela que não foi sublinhada pode representar o aspecto mais firme. É importante ter em mente a teoria da compensação de Jung, ao se examinar esse ponto focal;
- g) **rasuras no desenho:** geralmente, as rasuras indicam material conflituoso ou áreas nas quais a representação do símbolo está ganhando nova significação (FURTH, op. cit.);
- h) **palavras nos desenhos:** o desenho que contém palavras indicaria que a(o) participante teme não ter transmitido algo de maneira clara. Desse modo, usaria as palavras colocadas no desenho para clarificar a mensagem e reduzir as chances de que o desenho seja mal interpretado;

- i) **desenhos cheios x desenhos vazios:** geralmente, indivíduos doentes fisicamente, ou sem energia, podem não conseguir preencher toda a folha, enquanto os excessos podem significar um transbordamento de energia;
- j) **o pesquisador “entra” nos desenhos:** recomenda-se que o terapeuta ou pesquisador assuma, no processo de análise, a posição de uma das figuras representadas no desenho de modo a sentir, ouvir e ver como elas se comportam.

Além disso, a técnica de Furth (2004) contempla a teoria de I. Jolles, que orienta que o desenho seja dividido em quatro partes e analisado segundo a posição que os elementos do desenho ocupam na folha de papel. Os atributos associados a cada uma das posições possíveis estão discriminados nos quadros abaixo.

<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Esforça-se bastante, mas o objetivo é inatingível.</li> <li>✓ Busca satisfação na fantasia.</li> <li>✓ Mantém-se indiferente, relativamente inacessível.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sente-se inseguro e inadequado</li> <li>✓ Tende à depressão</li> <li>✓ Guiado pela realidade</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Dominado pelas emoções</li> <li>✓ Impulsivo</li> <li>✓ Dá ênfase ao passado.</li> </ul> <p style="text-align: center;">(Inconsciente)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Busca satisfação em áreas intelectuais.</li> <li>✓ Comportamento controlado.</li> <li>✓ Dá ênfase ao futuro.</li> </ul> <p style="text-align: center;">(Consciente)</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Embora as entrevistas tenham sido realizadas individualmente, entende-se que o objetivo deste trabalho é investigar os aspectos psíquicos da conjugalidade das mulheres contemporâneas em seu conjunto. Sendo assim, a análise das entrevistas buscou consolidar os dados levantados por meio da identificação dos grupos temáticos e dos temas.

A análise do desenho foi feita, inicialmente, de forma individual e, posteriormente, na análise de conteúdo, de modo coletivo, reunindo-se os aspectos identificados mais importantes.

Na discussão, procurou-se chegar a uma síntese dos resultados, tentando captar, pelos dados da entrevista e dos desenhos, aspectos fundamentais.

## **7.5 Cuidados éticos**

O projeto que deu origem a esta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo sido aprovado pelo Parecer Nº 55939616.2.0000.5482 de 24 de maio de 2016, atestando o fato de que esta pesquisa tem como prioridade respeitar a resolução do CNS (Conselho Nacional de Saúde) nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, que fundamenta as diretrizes básicas das pesquisas que envolvem seres humanos.

No início da aplicação dos instrumentos, foi solicitado que as participantes lessem e assinassem o Comunicado de Pesquisa (Apêndice D) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Ambos os documentos contêm as informações sobre o presente estudo, seus objetivos, riscos e condições de realização, bem como estabelecem as obrigações da pesquisadora com relação ao respeito à privacidade das participantes e ao sigilo dos dados levantados.

Por tratar-se de um tema delicado e que poderia demandar alguma dificuldade no manejo, optou-se por fazer um Comunicado de Pesquisa que descrevesse detalhadamente os processos de aplicação dos instrumentos. Assim, foi informado às participantes que as entrevistas seriam gravadas e transcritas e que o depoimento coletado seria salvo em um arquivo e apagado após análise dos dados, mantendo-se, desse modo, a confidencialidade e o sigilo. Também com vistas a garantir o sigilo e a preservação da identidade, os nomes das participantes e das pessoas que apareceram em seus relatos, durante a entrevista, foram modificados, permitindo que o material venha a ser publicado futuramente.

Considerou-se que, havendo alguma demanda que exigisse cuidados, por exemplo, uma grande mobilização emocional, o suporte necessário seria propiciado à participante, ou seja, seria oferecido um encontro para avaliação da demanda e possível encaminhamento para colegas da área. Caso fosse solicitada, seria realizada entrevista devolutiva em um encontro de 50 minutos. Vale observar, ainda,

que as participantes tiveram a liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar da pesquisa a qualquer momento do processo. As participantes foram informadas, ainda, da possibilidade de acesso à dissertação de mestrado resultante da pesquisa.

## 8 RESULTADOS E ANÁLISE

Neste capítulo de resultados e a análise, inicialmente, será apresentado a descrição das participantes. Em seguida serão apresentados os grupos temáticos e os temas levantados, com sua respectiva análise. Como último resultado será apresentado os desenhos feitos e sua análise. Vale ressaltar que as frases antes da descrição de cada participante são de autoria da pesquisadora.

### 8.1 Descrição das participantes

Das cinco participantes que colaboraram com esta pesquisa, duas eram divorciadas, duas estavam casadas no civil e uma coabitava com o parceiro. Todas estavam em sua primeira experiência de conjugalidade, ou haviam finalizado sua primeira união. Uma das divorciadas declarou não ter planos de se envolver, nesse momento, em novo relacionamento afetivo. A outra estava tendo encontros com um novo parceiro. Apenas duas eram mães.

O nome associado a cada participante é fictício, a fim de garantir o necessário sigilo.

#### 8.1.1 Deborah

*“O amor é algo além do palpável. É um encontro de almas!”*

Deborah tem 32 anos e está casada há dez anos, sendo mãe de uma menina de um ano e nove meses de idade. Esse é o seu primeiro casamento. Formou-se em psicologia, em 2008, ano em que oficializou a sua relação conjugal. Não atua como psicóloga. Trabalha como massagista, dividindo o espaço e os lucros com a cunhada. Adepta da religião espírita, a participante classifica a relação com o marido como um “encontro de almas”. Ele trabalha com tecnologia da informação em uma multinacional.

### 8.1.2 Hannah

*“O amor não é o que se vê na TV, mas o que se vive no dia a dia!”*

Hannah tem 33 anos. Mora no interior do estado de São Paulo. Casada oficialmente há sete anos, não tem filhos. Define-se como católica não praticante, mas considera a religião um fator que influenciou a oficialização de seu relacionamento amoroso, pois, antes de se casar no civil e no religioso, já morava com seu atual marido. É formada em análise de sistemas e trabalha em uma empresa de médio porte com tecnologia da informação. Pratica Kung-Fu, que considera ser o seu *hobby*. Seu marido é formado em ciências da computação e, atualmente, encontra-se desempregado.

### 8.1.3 Miriam

*“Às vezes idealizamos um amor e não percebemos as dificuldades que enfrentaremos ao vivê-lo!”*

Miriam tem 32 anos. Identifica-se como espiritualista, gosta de ocultismo e não professa nenhuma religião. Mora com o namorado há dois anos e meio. Ainda não oficializaram a relação, mas se considera casada. Formada em psicologia, atualmente trabalha em seu consultório, atendendo inclusive a casais. Expressou grande interesse pelo tema, pois está estudando a respeito. O marido trabalha como *designer* de mochilas e viaja a trabalho para a China de três em três meses. O casal não tem filhos.

### 8.1.4 Sarah

*“A maior decepção é aquela que vem de quem nunca esperamos.”*

Sarah tem 34 anos, foi casada durante dois anos. Está separada há quase um ano e enfrenta um processo de divórcio que ainda não se encerrou. É católica,

mas não costuma frequentar os cultos religiosos. Formada em psicologia, trabalha em empresa de porte médio como analista de recursos humanos. Mora em cidade vizinha a São Paulo, com a mãe. Não pretende ter outro relacionamento afetivo, afirmando que não quer mais ninguém em sua vida. Planeja dedicar-se apenas aos estudos e à profissão. O casal não tinha filhos.

#### 8.1.5 Esther

*“O casal perfeito talvez seja aquele que não desiste de correr atrás do seu sonho”*

Esther tem 39 anos e é adepta da religião espírita. Formada em Biologia, realizou diversos trabalhos em laboratórios especializados, mas está desempregada há cerca de três meses. Foi casada durante sete anos e está separada há dois. Atualmente mora na Zona Norte de São Paulo, Capital, com seu filho de seis anos, fruto do seu casamento. Seu ex-marido é investigador da Polícia Civil.

## 8.2 Análise das entrevistas – Grupos temáticos

A partir da análise temática proposta por Faria (2003), obtiveram-se quatro grupos temáticos que reúnem os temas baseados nas experiências pessoais das participantes em relação à conjugalidade e aos relacionamentos afetivos, e dois grupos temáticos que reúnem temas baseados na visão geral que as participantes têm dos relacionamentos na contemporaneidade. A seguir encontram-se os grupos temáticos identificados.

- a) **o que é conjugalidade** – definições apresentadas pelas participantes sobre a conjugalidade e a sua relação com o tema;
- b) **expectativas em relação à conjugalidade** – expectativas que as participantes tinham ao se casarem;
- c) **dificuldades conjugais** – dificuldades enfrentadas ao longo do relacionamento afetivo pelas participantes;

- d) **superação das dificuldades conjugais** – modo como as participantes solucionaram as dificuldades que se apresentaram durante o relacionamento afetivo em que estavam envolvidas;
- e) **visão sobre as relações na atualidade** – visão que as participantes têm sobre os relacionamentos afetivos na contemporaneidade;
- f) **visão das mulheres sobre as expectativas masculinas em relacionamentos afetivos** – o que as participantes entendem serem as expectativas dos homens com relação aos relacionamentos afetivos.

O Quadro 1, a seguir, apresenta os grupos temáticos e os temas a eles associados.

**Quadro 1 – Grupos temáticos e temas**

<b>Grupos temáticos</b>	<b>Temas</b>
1 O que é conjugalidade	<b>Tema 1</b> - Aspectos afetivos da conjugalidade <b>Tema 2</b> - Formas de construção da conjugalidade <b>Tema 3</b> - Individualidade e conjugalidade <b>Tema 4</b> - Valores adquiridos da família de origem
2 Expectativas em relação à conjugalidade	<b>Tema 1</b> - Aspectos afetivos <b>Tema 2</b> - Construção de uma nova família <b>Tema 3</b> - Conquista de bens materiais
3 Dificuldades conjugais	<b>Tema 1</b> - Dificuldades Afetivas <b>Tema 2</b> - Carreira/finanças <b>Tema 3</b> - Outras dificuldades
4 Superação das dificuldades conjugais	<b>Tema 1</b> - Superação e solução dos conflitos <b>Tema 2</b> - Mudança de comportamento
5 Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade.	<b>Tema 1</b> - Características dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade <b>Tema 2</b> - Valores dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade.
6 Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas em relacionamentos conjugais	<b>Tema 1</b> - Características que os homens buscam nos relacionamentos conjugais <b>Tema 2</b> - Características que o homem busca em uma mulher

### 8.2.1 Grupo temático 1– O que é conjugalidade

Os quadros a seguir apresentam trechos dos relatos das participantes, que permitiram, dentro do grupo temático “o que é conjugalidade”, a identificação dos seguintes temas: aspectos afetivos da conjugalidade, formas de construção da conjugalidade, individualidade e conjugalidade, valores adquiridos da família de origem.

#### Quadro 2 – O que é conjugalidade – Tema 1

Tema 1	Exemplos de frases
Aspectos afetivos da conjugalidade	<p><i>Coisa da paixão, do abraço daquele carinho, sabe? Aquela coisa... aquilo, né?... Vai diminuindo... e o que fica realmente da gente é esse companheirismo, essa amizade.</i></p> <p><i>[...] Aí, eu já mudei um pouco a visão de casamento e encarei mais como uma parceria.</i></p> <p><i>Eu acho que é o compartilhar. [...] Eu acho que é compartilhar a vida [...] com prazer, satisfação, sentimento.</i></p> <p><i>É pra mim... É muito dividir a vida [...] Não, eu acho que em todos os sentidos, mas acho que com amor.</i></p> <p><i>A gente sempre valorizou muito a comunicação, o companheirismo e o respeito... Essas são as nossas, as nossas premissas [...]</i></p> <p><i>Ai... Eu acho que a primeira palavra que vem na minha cabeça é um companheirismo!</i></p> <p><i>É ter alguém para contar, alguém que você pode contar. Ele 'tá acima de amigo, 'tá acima de cumplicidade.</i></p> <p><i>[...] no casamento, se você não tiver a cumplicidade [...] não vai pra frente porque vai se torna um egoísmo [...].</i></p> <p><i>Eu acho que o companheiro, ele vai suprir tudo, independente(sic) da situação que você 'tá! Uma situação boa ou ruim.</i></p> <p><i>Isso é a base do casamento, eu acho, o respeito, a união e a amizade e, também, o amor.</i></p> <p><i>[...] compartilhar a vida, a rotina, o dividir tarefas [...].</i></p> <p><i>[...] Eu acho que é a unção das duas pessoas [...]</i></p> <p><i>[...] é a partir do momento que se 'tá junto, constrói as coisas junto [...].</i></p>

### *8.2.1.1 Tema 1 – Aspectos afetivos da conjugalidade*

Nota-se, no discurso das participantes, que a conjugalidade, do ponto de vista de seus aspectos afetivos, é entendida como uma parceria entre duas pessoas que buscam dividir a vida. Essa parceria – ou companheirismo, como Deborah, Hannah, Miriam e Esther o denominaram – deve ser repleta de satisfação, sentimento, comunicação, cumplicidade, amizade e amor, tendo o propósito de atingir objetivos comuns.

Deborah acredita que a conjugalidade não é formada apenas pela paixão, mas também pela amizade e o companheirismo que existe entre o casal. Considera que esses dois últimos aspectos são os que ficam após o fim do apaixonamento. Seu relato sugere que a conjugalidade só poderá ser formada a partir do recolhimento das projeções e do estabelecimento de uma amizade e companheirismos verdadeiros.

Sarah, por sua vez, acredita que a conjugalidade é o que se constrói junto com o parceiro. Essa participante chama a atenção, pois afirma que a conjugalidade é a “unção” de duas pessoas. O termo, unção, em termos religiosos, significa conceder a bênção. Desta forma a unção entre duas pessoas, que seria a conjugalidade, na opinião de Sarah, significa abençoar o casal. Nota-se que essa participante valoriza a conjugalidade e que a compara com a espiritualidade, vendo-a como algo transcendente. Isto demonstra de que modo a participante idealiza o casamento.

Miriam demonstra a necessidade de desenvolvimento da identidade do casal e relaciona essa identidade à conjugalidade. Para a entrevistada, o casamento possui um campo em que os parceiros desenvolvem aspectos em comum, ou seja, em que eles compartilham coisas. Segundo a participante, seria a vida em comum do casal.

Sarah e Esther parecem não saber distinguir entre conjugalidade e casamento. Não conseguem identificar a individualidade como um campo específico do casamento. Essas participantes dão a entender que, a partir do momento em que o par se une em matrimônio, deve desenvolver apenas os aspectos que cabem ao campo da conjugalidade.

A maioria das entrevistadas parece reconhecer a importância da sua participação e de seu esforço na construção da conjugalidade e esperam que o parceiro se empenhe da mesma maneira.

Esther, todavia tem a expectativa que o companheiro venha a suprir todas as suas necessidades afetivas, o que pode demonstrar o seu desconhecimento com relação à sua própria responsabilidade e ao seu papel na construção do relacionamento. O relato da participante faz supor que, no início do relacionamento, ela teria projetado os aspectos positivos de seu animus enquanto que, durante o relacionamento, teria passado a projetar os aspectos negativos desse arquétipo.

Hannah e Miriam mencionaram, também, a divisão das tarefas domésticas como um aspecto característico da conjugalidade, o que pode demonstrar que estão em sintonia com a reivindicação feminina, que se faz notar cada vez mais, de participação dos homens na vida do casal não somente como provedores do lar, mas também como responsáveis pelos cuidados com a casa. A divisão de papéis muitas vezes imposta pela cultura, que estabelece que o homem seja o provedor da casa e a mulher, a cuidadora do lar, parece não fazer mais parte do modelo de conjugalidade esperado por essas participantes.

Em síntese, pode-se entender que, para as participantes, a conjugalidade, no quesito aspectos afetivos da conjugalidade, é a identidade formada pelo casal a fim de construir e realizar objetivos em comum. Essa identidade é composta por sentimentos intensos, que estão acima da amizade, mas que também a englobam. Aparentemente, na visão das entrevistadas, a sexualidade não é um fator relevante na constituição dessa identidade comum.

### Quadro 3 – O que é conjugalidade – Tema 2

Tema 2	Exemplos de frases
Formas de construção da conjugalidade	<p><i>[...] você ter um relacionamento independente (sic) de ser no papel, no religioso, porque isso meio que não importa.</i></p> <p><i>Não era só um relacionamento... do tipo... ter alguém só para dizer que tenho, ou pra dizer que 'tô casada.</i></p> <p><i>Acho que é isso, acho que é viver uma experiência de...am... participação, numa casa, assim.</i></p> <p><i>Às vezes, casar no civil ou no religioso importa mais pra pessoa ou pra sociedade do que o relacionamento em si.</i></p> <p><i>Não é simplesmente se casar com alguém!</i></p> <p><i>[...] acredito que não precisa ser no papel pra você ser considerado cônjuge da pessoa! Pode ser amasiados, morar juntos!</i></p> <p><i>Mas acho que a conjugalidade também tem a ver com a oficialização do relacionamento que vivemos.</i></p> <p><i>[...] acredito que a conjugalidade se fortalece quando há a oficialização do casamento.</i></p>

#### 8.2.1.2 Tema 2 – Formas de construção da conjugalidade

Para a maioria das participantes, a formação da conjugalidade independe da oficialização da relação por meio do casamento civil ou religioso. Para elas, a conjugalidade também pode ser construída mediante a coabitação ou outras formas de relacionamento.

Hannah afirma que a conjugalidade pode ser formada com a coabitação. Mostra duvidar que, para que o casal se constitua, seja necessária a formalização da união. Acredita, todavia, que, quando o casamento é oficializado, o campo da conjugalidade pode se fortalecer.

Para Hannah e Esther, o casamento oficial às vezes importa mais para parentes, amigos e para a sociedade em geral do que para o casal que está envolvido no relacionamento. Desse modo, destacam pontos do casamento

relacionados à persona. Todavia, Hannah, parece não se dar conta que o casamento civil teve um papel importante na sua própria vida, ajudando-a a fortalecer o campo conjugal. O desconhecimento do significado desse evento para seu próprio relacionamento pode estar sinalizando alguns aspectos da sombra de Hannah.

Esther, por sua vez, reconhece que o casamento não é simplesmente o modo como o par chega a coabitar. Existiria algo além da mera coabitação, algo que ela não sabe denominar, mas que podemos supor seja a conjugalidade. A participante afirma que é fácil casar ou passar a morar sobre o mesmo teto, porém a construção da identidade comum ao casal é difícil e precisa ser ajustada ao longo do relacionamento.

Miriam destaca a importância do envolvimento do casal na construção da conjugalidade e acredita que não se pode mantê-la se não houver o comprometimento de ambas as partes. Com essa fala, Miriam, demonstra a importância que dá a igualdade de papéis entre homens e mulheres.

A construção da conjugalidade, para a maioria das participantes, depende da qualidade da relação e não pode ser construída sem que o casal esteja suficientemente envolvido ou, ainda, quando se trata de um relacionamento apenas “de aparência”.

## Quadro 4 – O que é conjugalidade – Tema 3

Tema 3	Exemplos de frases
Individualidade e conjugalidade	<p><i>Eu só penso em conjugal quando se fala em duas pessoas.</i></p> <p><i>Eu e ele somos muito parecidos em questão de pensamento, de ideias.</i></p> <p><i>A gente faz tudo muito junto.</i></p> <p><i>Ele sempre foi um grande incentivador da realização dos meus projetos e sonhos. Ele não me podava, que era como eu via um casamento.</i></p> <p><i>Acho que ele precisa de um hobby. Tanto ele, quanto eu! Acho que, mesmo a gente estando junto, tem que ter coisas que dá para a gente fazer junto, mas é importante a gente ter coisas pra gente fazer separado!</i></p> <p><i>Completar. [...] Eu acho que, quando se tem um companheiro, se tem tudo isso completo!</i></p> <p><i>Viver as fases de cada um, só que juntos.</i></p> <p><i>Demorou muito tempo pra eu entender que é isso que ele quer e tudo bem!</i></p> <p><i>Aliás, eu achava que ele ia suprir todas as minhas necessidades ele ia resolver todos os meus problemas.</i></p>

### 8.2.1.3. Tema 3 – Individualidade e conjugalidade

As participantes afirmaram que a constituição da conjugalidade é facilitada pela forma de pensar do casal, que deveria ser relativamente parecida.

Hannah, todavia, destaca a importância da manutenção da individualidade, ou seja, cada um dos membros do casal deveria ter interesses particulares e procurar realizá-los sem a interferência do parceiro. Espera que cada um dos membros incentive o outro a ter objetivos e metas que não sejam comuns ao casal, mas que possam proporcionar a felicidade e a manutenção da relação. Tal atitude evidencia que Hannah espera desenvolver tanto o campo conjugal como o individual e que considera a individualidade um componente do casamento.

Esther refere-se à completude como um quesito essencial na vida do casal, mas não consegue reconhecer que a sua participação também faz parte da construção não somente do relacionamento, mas da conjugalidade. Percebe-se, assim, que Esther projeta toda a responsabilidade pelo desenrolar do relacionamento no marido.

Deborah afirma que o casal deve pensar de maneira conjunta a fim de construir objetivos sólidos para o relacionamento, demonstrando que ambos os integrantes do casal são responsáveis pela construção da conjugalidade.

Sarah referiu-se à construção de um ideal de vida a dois, porém não conseguiu distinguir a individualidade como um requisito pertencente ao relacionamento. Dessa forma, a participante deixa a entender que, ao se casar, o casal perde a sua individualidade.

Miriam menciona a individualidade no casamento, quando se refere a “viver as fases da vida de cada um, só que juntos”. Todavia, durante a entrevista, ela pareceu confusa quanto aos aspectos que pertencem à conjugalidade e aqueles que se referem à individualidade. Miriam é psicóloga e afirmou, em entrevista, que tem uma visão idealizada e talvez ainda esteja presa a algumas de suas projeções. Considera que o casal precisa viver as fases da vida de cada um, porém dá-se conta que faz tudo muito junto com o marido. Acredita, ainda, que demorou algum tempo para entender as necessidades do marido, pois achava que ele iria resolver todos os seus problemas e que eles sempre fariam tudo juntos. Contudo a promoção do marido e as suas viagens para a China levaram Miriam a elaborar esse conceito e entender que o marido precisava de espaço para viver os seus aspectos individuais. Aparentemente, apesar de ter uma visão idealizada a respeito do casamento, Miriam conseguiu ampliar a sua consciência e perceber que tinha potencial para resolver os próprios problemas.

Algumas participantes, como Hannah e Miriam, entendem que a conjugalidade é formada pelos aspectos comuns ao casal, levando em conta também as suas próprias individualidades, porém outras, como Deborah, Sarah e Miriam, deixam de mencionar a individualidade como um quesito essencial para a formação da conjugalidade, embora considerem que esta seja formada pelos aspectos comuns ao casal.

## Quadro 5 – O que é conjugalidade – Tema 4

Tema 4	Exemplos de Frases
Valores adquiridos da família de origem.	<p><i>Eu sempre vi os meus pais num casamento muito parceiro. Eles sempre foram muito parceiros.</i></p> <p><i>A gente tem muito o relacionamento dos pais como exemplo, né? Então, como meus pais tiveram um casamento em igreja e tudo...</i></p> <p><i>Eu sempre tive, como exemplo, o relacionamento deles [...] que era o que “tava mais visível pra mim.</i></p> <p><i>Mas isso foi pra mim e pros meus pais, porque meu marido não tinha tanto essa vontade de oficializar. Para ele, morar juntos é estar casado e pronto!</i></p> <p><i>[...] pra mim, sempre foi uma visão muito positiva, porque meus pais sempre tiveram uma vida juntos muito de parceria.</i></p>

### 8.2.1.4 Tema 4 – Valores adquiridos da família de origem

Durante as entrevistas, Hannah e Miriam mencionaram alguns fatores relacionados à suas famílias de origem que influenciaram a noção que vieram a desenvolver a respeito da conjugalidade. Dessa forma, a qualidade do casamento dos pais foi um aspecto mencionado por ambas como determinante na formação do seu conceito de conjugalidade. Hannah afirmou ter se casado no religioso por influência dos pais e como uma forma de atender às expectativas que tinham em relação ao casamento da filha. Miriam afirma que o relacionamento dos pais era um modelo para ela e, por isso, ela tinha uma visão positiva do casamento, embora achasse que nunca iria se casar. Em síntese, para essas participantes, alguns conceitos de conjugalidade podem ser adquiridos pelos exemplos observados nas famílias de origem, tanto em sua própria quanto na do cônjuge.

## 8.2.2 Grupo temático 2 – Expectativas em relação à conjugalidade

O grupo temático “Expectativas em relação à conjugalidade” abarca os seguintes temas: aspectos afetivos, construção de uma nova família, conquista de bens materiais, início de relacionamento. Os quadros, a seguir, apresentam exemplos de frases retiradas dos discursos das participantes que permitiram a identificação de cada tema. Na sequência, a análise é apresentada.

### Quadro 6 – Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 1

Tema 1	Exemplos de frases
Aspectos afetivos	<p><i>Acho que todo mundo entende o casamento principalmente pela TV e filme, acha (sic) que todos vivem felizes para sempre!</i></p> <p><i>Bom, eu sou um pouco idealizada (sic) né? (risos). A minha relação no começo era um pouco idealizada, né?</i></p> <p><i>Eu ‘tava superapaixonada.</i></p> <p><i>[...] era isso mesmo, estar junto com ele, ter uma vida feliz, repleta de amor, cheia de festa... compartilhar o tempo juntos... Eu esperava que fosse isso mesmo.</i></p> <p><i>Ter um companheiro mesmo, pra você conversar, pra fazer as coisas [de] que gosta.</i></p> <p><i>Eu esperava alguém que me entendesse, sabe? Que aceitasse algumas coisas!</i></p> <p><i>O que seria um obstáculo e dificuldade, mas ao mesmo tempo uma expectativa, era correr atrás de sonhos que todo mundo tem. Mas era uma expectativa que se tornava uma fantasia, porque eu ‘tava em busca, né?</i></p> <p><i>[...] encontrei a pessoa que vai ficar comigo pro resto da vida. Eu não me vejo longe dele e ele não se vê longe de mim.</i></p> <p><i>É como se tivéssemos tido aquele... a gente fala: encontro de almas!</i></p>

### 8.2.2.1 Tema 1 – Aspectos afetivos

Em um primeiro momento, as participantes afirmaram que não tinham expectativas com relação ao casamento e à conjugalidade. A maioria das entrevistadas declarou que as coisas haviam acontecido sem um planejamento prévio, e que o convívio e a rotina acabaram por fazer com que muitas fossem morar junto com seus parceiros antes de oficializarem o casamento. Apenas Sarah relatou ter ido morar com seu marido após o casamento civil.

Hannah e Miriam, disseram que, inicialmente, não haviam desejado casar e que haviam duvidado que um dia chegassem a contrair matrimônio, porém relacionaram essas ideias com a época da adolescência. Todavia, no decorrer da pesquisa, ao se referirem às expectativas que estavam presentes quando já haviam se envolvido em um relacionamento afetivo ou estavam empregadas e construindo uma carreira, seus discursos contradisseram essas declarações iniciais, e algumas expectativas relacionadas à vida em comum foram mencionadas.

Muitas respostas sugerem uma visão idealizada do casamento. Todas, com exceção de Hannah, declararam, por exemplo, que tinham expectativas de um casamento repleto de felicidade, alegria e amor. Hannah, por sua vez, comentou que a maioria das pessoas entende o casamento de acordo com o que é apresentado na televisão e nos filmes, porém a realidade é vivenciada de maneira diferente daquela apresentada na mídia. Talvez essa tenha sido uma forma de essa participante, por meio do mecanismo da projeção, revelar as próprias expectativas. Assim, estaria projetando na “maioria das pessoas” as expectativas que teve no começo de seu relacionamento. Possivelmente, não estava pronta para assumir esses desejos, ou deles ainda não havia se dado conta.

Sarah esperava, por parte de seu parceiro, o entendimento de suas crises e a aceitação de seu modo de agir e pensar. Porém a participante não conseguiu realizar essas expectativas. Também esperava ter um companheiro que estivesse presente para conversar, ver um filme, sair e passear, enfim, fazer coisas corriqueiras para um casal. Todavia isso não ocorreu em seu relacionamento.

Miriam imaginava que os momentos em parceria seriam marcados por experiências de intensa felicidade, paixão e prazer e nunca havia imaginado que passariam por dificuldades no casamento. Acreditava que sua vida de casada seria “uma festa”, o que parece apontar para uma visão idealizada da conjugalidade.

Deborah, por sua vez, mencionou ter alcançado “um encontro de almas” com o marido. Acredita que ele é o seu companheiro para toda a vida. A participante revela acreditar no amor romântico, “único” e “para sempre”.

Percebe-se que, no início do casamento, as expectativas das participantes estavam baseadas em uma idealização do relacionamento conjugal, possivelmente tendo projetado os aspectos positivos de seu animus em seus parceiros.

### Quadro 7– Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 2

Tema 2	Exemplos de Frases
Construção de uma nova família	<p><i>[...] A gente iria se casar e ter filhos e construir uma família e viver juntos para sempre.</i></p> <p><i>Mas, como eu disse anteriormente, também tinha expectativa de construir uma família, ter um companheiro e filhos.</i></p> <p><i>[...] que eu ‘tava querendo ter filhos, mas ele fingiu que não entendeu. [Ele] não queria ter.</i></p> <p><i>No namoro, já tinha um sonho também de ter filhos. Já ‘tava na idade de trinta e três anos... Então eu fiquei pensando muito na base da idade e, aí, eu cismeiei de querer ter o filho [...].</i></p>

#### 8.2.2.2. Tema 2 – Construção de uma nova família

Uma das expectativas mencionada por três participantes, com relação ao casamento e a conjugalidade, foi a construção de uma família formada pelo marido e pelos filhos. A maioria das entrevistadas relacionou o casamento à possibilidade de ser mãe e construir uma família. Com exceção de duas entrevistadas, Hannah e Miriam, as demais mencionaram o casamento como o caminho a ser adotado, caso quisessem ter filhos.

Esther e Deborah relacionaram o desejo de ter filhos à percepção de que estavam chegando a uma idade crítica em termos de fertilidade. O anseio de ter filhos e constituir família, por meio do casamento, é também demonstrado nos desenhos de Esther e Deborah e explicitado no inquérito. Nas palavras de Esther: “é que falei, olha... eu me casei para ter filhos [...]”. Nas palavras de Deborah: “Esses ‘bonequinhos palitinhos’ [aponta para o desenho] são o meu marido, eu e meus dois

filhos [...]”. Esther, todavia, parece não ter, inicialmente, atentado para o fato de que essa não era a vontade de seu companheiro. O casal não chegou a um acordo sobre essa questão e a participante decidiu ter o filho a despeito da oposição do marido.

Sarah ansiava por um lar feliz e tranquilo, em que pudesse criar os seus filhos ao lado de seu companheiro. Todavia, embora tenha mencionado a construção de uma família com filhos, Sarah não dá tanta ênfase a esse quesito como as outras duas participantes. Embora quisesse ter filhos, parece definir bem os espaços entre conjugalidade e parentalidade.

Em síntese, as respostas de Deborah e Esther parecem indicar que o companheiro foi colocado em segundo plano e o casamento foi visto como o principal meio de realizarem o desejo de ser mãe. Nesse sentido, aparentemente, a construção da conjugalidade, como objetivo, é secundária ou, pode-se dizer, está restrita à constituição da família. Isso pode evidenciar que os espaços da conjugalidade e da parentalidade ainda não estão bem definidos para as duas.

### Quadro 8 – Expectativas em relação à conjugalidade – Tema 3

Tema 3	Exemplos de frases
Conquista de bens materiais	<p><i>Eu achava que a gente ia é... Que a gente nunca ia ter problema financeiro.</i></p> <p><i>Queria fazer grandes viagens com ele.</i></p> <p><i>Eu também esperava ter um carro para viajar, sabe? Um automóvel grande talvez, que coubesse a nossa família.</i></p> <p><i>Então, o que eu idealizava era ter carro, não por comodidade, mas como uma necessidade. E comprar uma outra (sic) casa ou um terreno pra construir alguma coisa que fosse pro futuro, quando nos ficássemos mais velhos [...].</i></p>

#### 8.2.2.3 Tema 3 – Conquista de bens materiais

As participantes também mencionaram a conquista de bens materiais em conjunto com o marido como uma das expectativas que tinham ao se casarem, dentre as quais, foi citada, em especial a aquisição da casa própria e a compra de

um automóvel. Algumas participantes, como Miriam e Sarah, comentaram sobre isso na entrevista, Hannah e Deborah apenas desenharam e citaram tais expectativas no inquérito dos desenhos. Sarah também mencionou ter desejado planejar e aproveitar viagens com os seu companheiro, desejo esse possivelmente relacionado à expectativa de usufruírem juntos momentos prazerosos. Para isso, ela contava com a compra de um automóvel grande que coubesse toda a família. Miriam imaginava que não teria problemas financeiros durante o seu casamento, pois ambos, na época em que se casaram, tinham um bom emprego, mas essa expectativa não se concretizou. Miriam foi à única que não relacionou, dentre suas expectativas anteriores ao casamento, a aquisição de bens materiais como casa, carro ou viagens, mesmo em seus desenhos.

Esther esperava construir o seu futuro ao lado de um companheiro que a entendesse e que estivesse disposto a construir um relacionamento ao seu lado, não somente do ponto de vista afetivo, mas também do ponto de vista material. A participante deixa isso claro ao desenhar uma casa e um carro. Em suas palavras: “Eu queria comprar um imóvel junto com meu marido. Também queria comprar um carro e ter um filho.” O carro, segundo a participante, seria o símbolo da construção do casal com o sentido de crescimento e evolução: “carro para se locomover e construir coisas juntos com sentido de evoluir”.

Em resumo, Esther e Sarah tinham a expectativa de que, em parceria com seus companheiros, pudessem construir o futuro do casal. Nesse futuro estavam incluídos não somente a segurança afetiva, mas os bens materiais e os sentimentos que esses bens materiais poderiam lhes proporcionar. Miriam, ao contrário, não deu muita ênfase aos bens materiais, parecendo não acreditar que eles seriam um caminho para a vivência dos afetos.

### 8.2.3 Grupo temático 3 – Dificuldades conjugais

O grupo temático “Dificuldades conjugais” abarca os temas: dificuldades com a família de origem, dificuldades afetivas, carreira e finanças e outras dificuldades. Os quadros, a seguir, apresentam exemplos de frases retiradas dos discursos das participantes que permitiram a identificação de cada tema. Em seguida, encontra-se a análise realizada.

## Quadro 9 – Dificuldades conjugais – Tema 1

Tema 1	Exemplos de Frases
Dificuldades afetivas	<p><i>Ele teve envolvimento com a outra mulher.</i></p> <p><i>Eram dez anos juntos. Já tinha um pouco de estagnação [...] Então, como é que você não cai marasmo com dez anos? Porque, como a amizade nossa é muito forte, pra cair num marasmo e ficar só amizade é um pulo.</i></p> <p><i>Bom... a desorganização dele me chateava. Essa falta de planejamento me magoava também, porque parecia que só eu estava dando duro para construir a relação.</i></p> <p><i>Ele não 'tá muito preocupado se vai te magoar. Depois é que ele pede desculpa, mas, na hora, ele vai falar.</i></p> <p><i>Ele é muito briguento. Ele é uma pessoa colérica!</i></p> <p><i>[...] mas no começo ele tinha que ficar dois meses. Era bem punk e, aí, eu me sentia superabandonada!</i></p> <p><i>[...] Teve uma época que ele 'tava trabalhando demais e ele não tinha libido nenhuma, zero!</i></p> <p><i>Então, depois do casamento, a vez que ele ficou agressivo foi por causa da bebida! Ele começou a me bater com chave de fenda!</i></p> <p><i>Ele era muito ciumento! [...] Ele não gostava que eu ficasse com a minha família [...].</i></p> <p><i>Eu não conseguia fazer nada e, aí, daí, começou a ficar mais individualismo no casamento.</i></p> <p><i>Na época quando o A. era um bebê, um bebezinho recém-nascido, ele [o marido] até foi um pouco suave, não era tão assim ausente... Mas, depois, quando o A. tinha mais ou menos cinco meses, aí ele começou a ficar mais é fora de casa, dormir... Deveria 'tá na gandaia se divertindo, e eu superpreocupada com ele [...].</i></p> <p><i>[...] Fui vendo que eu não era importante como eu achava que eu fosse pra ele. Fui me sentindo usada.</i></p>

### 8.2.3.1 Tema 1 – Dificuldades afetivas

As constantes brigas entre o casal foram mencionadas por Sarah e Esther como uma das principais dificuldades em seus relacionamentos. De acordo com as entrevistadas, a maioria dos conflitos era motivada por: hábito de beber do marido, ciúmes em relação à família da esposa, ausência de comprometimento do parceiro com o relacionamento e descuido com o filho e com a esposa.

Sarah relatou alguns episódios de violência doméstica, em que seu marido a agrediu com uma chave de fenda, além outras inúmeras agressões verbais e psicológicas. A participante também se queixou do ciúme do marido, que era motivo para o início das brigas entre o casal. Entende-se que Sarah, por ter idealizado e projetado aspectos positivos do seu animus no parceiro, de início não conseguiu enxergar os seus defeitos. Porém a participante acabou tendo que encará-los da pior maneira possível, em razão das manifestações violentas do marido. Durante dois anos, Sarah acreditou na mudança do parceiro, mantendo, desse modo, suas idealizações e a projeção de animus. Todavia é de se supor que a dor da violência física conseguiu superar a dor envolvida em encarar a realidade e abandonar as ilusões a respeito de alguém que não dava mostras de mudar.

Uma das principais dificuldades relatadas por Deborah foi o tédio no relacionamento devido aos longos anos de convívio com o parceiro. Para a participante, o desinteresse resultou em uma traição por parte do marido, uma vez que a monotonia da vida a dois e a forte amizade que construiu com seu parceiro geraram uma queda em sua libido e, conseqüentemente, na frequência das relações sexuais entre o casal. Todavia, Deborah, talvez como forma de defesa, parece lançar mão da negação e acreditar que o marido não a traiu, mesmo tendo um envolvimento ou flertando com outra mulher. Dessa forma, possivelmente cabe questionar: a participante estaria escondendo de si mesma a dor da traição para não entrar em contato com aspectos, aparentemente mais doloridos, da sua sombra?

Hannah mencionou as brigas que o marido tinha, cotidianamente, com desconhecidos. Segundo a entrevistada, essas desavenças corriqueiras se davam durante o trabalho ou até mesmo no trânsito, porém elas afetavam o relacionamento do casal, pois deixavam a participante magoada e triste. Outro fator causador de conflitos era o modo como se dava a comunicação entre o casal. Hannah se queixou que o parceiro não sabia se expressar ou, ainda, que se expressava de

maneira grosseira e rude. Durante a entrevista, essa foi a primeira vez que Hannah mencionou os seus sentimentos.

Esther se queixou da falta de cooperação do marido nas tarefas domésticas, da sua falta de companheirismo e do individualismo no casamento. A participante afirmou que as constantes ausências do marido não lhe permitiam ter tempo para cuidar apropriadamente do lar e do filho. As frequentes saídas do marido a incomodavam e a falta de explicação sobre tais ausências, também. A participante relatou que era a única a se importar com o relacionamento e atribui ao marido uma atitude individualista, ou seja, em sua concepção ela era a única que estava casada. É possível, contudo, que estivesse projetando as suas expectativas no marido e tenha se frustrado ao descobrir que este não poderia realizá-las por completo. Nesse caso, chama a atenção o fato de Esther mencionar a individualidade no casamento como uma dificuldade, pois, segundo os vários autores, a individualidade tem o seu campo específico e é importante para o relacionamento. A possível interpretação da individualidade como “individualismo” talvez demonstre que Esther estava ou desejava estar em simbiose com o marido, pois teria investido maciçamente nos aspectos ligados à conjugalidade e, também, à parentalidade. Outro fator que parece digno de nota é o que, talvez, possa ser visto como a projeção dos aspectos negativos do animus de Esther, uma vez que ela descreve o companheiro como alguém totalmente desinteressado pelo relacionamento. Tais aspectos projetados podem ter tido sua parcela de influência nas crises entre o casal que redundaram no fim do relacionamento.

Miriam afirmou nunca haver imaginado que viria a ter problemas sexuais no casamento. Todavia relatou que a distância foi uma das dificuldades que se colocaram entre o casal, tendo levado ao desinteresse quanto ao relacionamento afetivo e à queda da libido do casal.

Percebe-se que as participantes tinham grandes idealizações com respeito à conjugalidade e aos relacionamentos conjugais. Ao se deparar com as dificuldades, algumas, como Sarah, Miriam e Hannah, conseguiram enxergar aspectos que, antes, não viam nos parceiros, pois estavam presas às suas idealizações. Já Esther não consegue enxergar o seu parceiro da maneira como ele se apresenta ao mundo, vendo-o através das projeções dos aspectos negativos de seu animus. Deborah, por outro lado, prefere negar uma provável traição como forma de defesa, preferindo, talvez, manter-se iludida diante dessa dificuldade.

## Quadro 10 – Dificuldades conjugais – Tema 2

Tema 2	Exemplos de Frases
Carreira e finanças	<p><i>[...] eu trabalhava até meia noite, acordava, ia pra São Bernardo, trabalhava em São Bernardo, voltava, e eu tinha que continuar trabalhando em casa. Então, assim, eu deixei de cuidar dele, eu deixei de cuidar da casa, deixei até de cuidar de mim.</i></p> <p><i>Estava supercansada, não tinha tempo para nada... Quase nem via o A., porque ele também trabalhava fora.</i></p> <p><i>Ele nunca foi muito organizado financeiramente. [...] E era motivo de algumas brigas.</i></p> <p><i>[...] mas, no mês que a gente se juntou, houve essa promoção dele e ele passou a ter que ir pra China várias vezes e, cada vez que ele ia era bastante tempo. Eu fiz trinta anos, me deu uma supercrise, assim profissional.</i></p> <p><i>Imagina! A gente nunca vai ter problema financeiro! [...] Aí, teve uma época que nós tivemos.</i></p> <p><i>[...] no sentido de você estar numa situação... eu trabalho e você não 'tá trabalhando [...] conseguir compreender as dificuldades que você 'tá passando. [...] num vai pra frente, porque vai se tornar um egoísmo [...].</i></p>

### 8.2.3.2 Tema 2 – Carreira e finanças

Deborah e Hannah relataram que a dupla jornada de trabalho foi uma dificuldade que tiveram que enfrentar e que não esperavam, a princípio, que isso afetasse de maneira significativa o seu relacionamento. Um dos testemunhos mais marcantes de Deborah foi que o fato de trabalhar fora a levou a se descuidar tanto do casamento quanto de si. Dispunha de pouco tempo para se dedicar à família, quase não vendo o esposo. Esses também teriam sido os motivos que levaram o marido a envolver-se com outra pessoa. Decidiu, então, abandonar seu cargo na empresa em que trabalhava, para se dedicar ao relacionamento e à filha.

Miriam mencionou que a distância entre o ela e o marido, motivada pelas constantes viagens dele para a China, foi uma dificuldade inesperada. Ela havia imaginado, a princípio, que o marido sempre estaria em casa, ao seu lado e, nesse aspecto, sua expectativa não foi atendida. A distância entre os dois redundou em

muita frustração, levando-a a refletir sobre a construção da identidade do casal e as perspectivas do relacionamento. Ela ainda mencionou que, apesar de não haver imaginado que passaria por problemas financeiros, teve que se defrontar com dificuldades dessa ordem em seu casamento. Todavia, nesse caso, as questões financeiras foram vistas como oportunidades de fortalecimento do relacionamento e de amadurecimento do casal.

A falta de organização financeira do marido foi uma dificuldade relatada por Hannah, que se referiu a essa atitude como sendo de desleixo e de falta de cooperação para realização dos desejos materiais do casal. Nesse sentido, a postura do marido era entendida como falta de compromisso com o próprio casamento e não somente com as questões materiais, o que levava a entrevistada a se sentir irritada e magoada, pois, em sua concepção, apenas ela estava trabalhando a favor da construção do relacionamento.

Esther esperava que seu marido compreendesse que estava desempregada e que estava difícil encontrar algum tipo de trabalho. Entendia que a falta de compreensão do marido era, em algum nível, uma atitude egoísta e contraproducente para o desenvolvimento da relação conjugal. Nesse sentido, considerou que as questões financeiras e de carreira podem se tornar dificuldades, a partir do momento em que não há ajuda do companheiro para solucioná-las. Tal postura parece sinalizar que a participante tem uma atitude dependente em relação ao marido.

### Quadro 11 – Dificuldades conjugais – Tema 3

Tema 3	Exemplos de Frases
Outras dificuldades	<p><i>Isso também foi um choque pra mim, aquela quantidade de perguntas, aquele interrogatório sobre a religião. Nossa Senhora!</i></p> <p><i>Acho que toda a dificuldade começa da cultura, né? Da criação dos dois, né? É que cada um é criado de um jeito e, aí, você vê que a maneira como as coisas andam na casa de um não é como na casa do outro.</i></p> <p><i>A gente vem de caldos culturais bem diferentes [suspiro], mas ele é muito parceiro. Então foi uma adaptação à realidade que foi difícil, mas, ao mesmo tempo, boa!</i></p> <p><i>[...] temos diferenças enormes porque ele vem lá do nordeste. Ele é do Pará! (sic)</i></p> <p><i>Outra dificuldade que enfrentamos foi a maneira como lidávamos com as coisas. Por exemplo, eu sou muito organizada e ele não é.</i></p> <p><i>Sabe, eu achava que [ele] ia falar: eu não vou ficar com essa menina louca [risos] né?... 'tava superfeliz e, agora, ela 'tá numa pu** crise!</i></p> <p><i>Então, como ele via que eu tinha mais tempo, então, eu tinha que cuidar da casa sozinha.</i></p> <p><i>Então, assim, a gente, normalmente, tem mais tarefas. Isso cansa se a pessoa não te ajuda!</i></p>

#### 8.2.3.3 Tema 3 – Outras dificuldades

As entrevistas revelaram outras dificuldades que afetavam o casamento e que não estão inteiramente contempladas pelos grupos temáticos anteriores, tais como: diferenças culturais e de criação; as diferentes formas de lidar com as situações apresentadas no cotidiano; a religião e a realização das tarefas domésticas.

Hannah relatou que os questionamentos do marido sobre a sua religião a irritavam e eram motivos de pequenos desentendimentos entre o casal. Hannah e Esther declararam que a realização das tarefas domésticas foi um grande problema na vida do casal, pois ambas eram a favor de dividir as tarefas domésticas, porém seus maridos não estavam engajados nessa proposta. Todavia, Hannah, acabou

confessando que não dá espaço ao marido para a realização de tais tarefas, pois se considera ansiosa e deseja que o marido realize as tarefas na hora em que ela “mandar”.

Esther relatou que estava desempregada, o que levou o marido a se negar a dividir as tarefas domésticas, responsabilizando-a por se desincumbir dos cuidados com a casa e com filho. Tal situação, vista por Esther como falta de cooperação do marido com a manutenção do lar, levou-a a observar as falhas do marido. Segundo seus relatos, sua reação foi fingir que estava tudo bem no casamento.

Miriam e Hannah afirmaram que as diferenças culturais e de criação levam a algumas dificuldades entre os casais. No caso específico de Miriam, seu marido nasceu no Pará e sua criação e hábitos são muito diferentes dos dela, o que motivava muitas discussões entre o casal. A participante chegou a se sentir pouco motivada, acreditando que havia poucas chances de o relacionamento vir a “dar certo”. Todavia, afirmou que, apesar de difícil, essa época foi relativamente boa.

#### 8.2.4 Grupo temático 4 – Superação das dificuldades

O grupo temático superação das dificuldades está relacionado com a forma com que as participantes lidaram com os problemas encontrados e com a solução porventura encontrada. Esse grupo abarca os seguintes temas: superação e solução dos conflitos e mudança de comportamento. Os quadros a seguir apresentam exemplos de frases retiradas dos discursos das participantes que permitiram a identificação de cada tema, que são analisadas na sequência de cada quadro.

## Quadro 12 – Superação das dificuldades conjugais – Tema 1

Tema 1	Exemplos de Frases
Superação e solução dos conflitos	<p><i>Acho que consegui superar essa, sim! Estamos bem hoje, e com uma filha. Acredito que houve superação, sim.</i></p> <p><i>E assim foi... E, aí, a gente superou a família dele! Ele ficou do meu lado...</i></p> <p><i>É eu... sou... mais resiliente. Isso vai passar uma hora! Eu ficava falando para mim mesma: isso aí passa, deixa, que isso aí passa!</i></p> <p><i>É... Algumas dificuldades, dava pra gente na hora conversar, falar, né? Tentar achar um jeito de se organizar.</i></p> <p><i>Minha maior superação é quando eu me separei.</i></p> <p><i>[...] eu não consegui, não, dar a volta por cima, ter paciência, fingir como muita gente faz é... Ser compreensível (sic), eu fui até onde eu pude, mas eu não lutei para meu casamento dar certo...</i></p> <p><i>Mas, aí, quando conversamos, ele resolveu que ia para terapia [...]</i></p>

### 8.2.4.1 Tema 1 – Superação e solução dos conflitos

Deborah, Hannah e Miriam afirmaram conseguir resolver as suas principais dificuldades de modo satisfatório, tanto para elas como para seus maridos. Dessa maneira, conseguiram dar continuidade ao relacionamento. Esther conseguiu resolver parte das suas dificuldades, porém não teve condições de manter o relacionamento com o marido, já que, apesar das inúmeras conversas, não houve, em sua concepção, mudança de comportamento por parte dele.

Apenas Sarah afirmou que não houve maneira de resolver suas dificuldades, visto que o marido não se prontificou a mudar os comportamentos agressivos, de modo que ela teve que pedir o divórcio litigioso. Segundo ela, sua maior superação foi a separação. Talvez ela não tenha se dado conta, mas conseguiu resolver a dificuldade, porém não com o desfecho que ela esperava dar ao caso.

Em síntese, a maioria das participantes conseguiu, por meio de esforço pessoal, superar as principais dificuldades apresentadas durante o relacionamento. Algumas, contudo, escolheram o caminho da separação como forma de superação. Para a maioria das entrevistadas, a maneira encontrada para superar suas dificuldades foi satisfatória. Somente Sarah afirmou não estar satisfeita com a decisão de se divorciar, embora concorde que esse é o caminho mais sensato para não ser mais agredida.

A resolução das dificuldades por Miriam, Deborah e Hannah demonstra que essas participantes, em algum nível, estão em um processo de ampliação da consciência e que já se dão conta dos conflitos conjugais. Também podemos supor que está ocorrendo o recolhimento de algumas projeções do animus, fazendo com que essas participantes possam reconhecer a subjetividade de seus parceiros e a sua própria.

A solução dada por Sarah, talvez não fosse a esperada por ela. Todavia se entende que, de alguma forma, suas dificuldades conjugais a levaram a uma autorreflexão e a uma tomada de consciência que a fizeram escolher a separação, separação essa que, no seu entender, foi a sua maior superação.

Acredita-se que Esther foi a única participante que ficou presa à ilusão de seu animus, o que fez com que não conseguisse superar as suas dificuldades, pois a projeção dos aspectos quer positivos quer negativos do animus pode levar a conflitos conjugais. No primeiro caso, espera-se muito do parceiro, que não tem como corresponder às expectativas nele depositadas e, no segundo, o parceiro é visto apenas de forma negativa.

### Quadro 13 – Superação das dificuldades conjugais – Tema 2

Tema 2	Exemplos de Frases
Mudança de comportamento	<p><i>Bom... Tomamos a rédea da situação juntos! Porque ele também era... assim, tipo... é pau mandado da família! [...] E, aí, ele começou a se 'tocar' quem era as duas! A gente meio que deu as mãos e 'vamo' lá na dificuldade.</i></p> <p><i>A gente vai se observando e, quando a gente 'tá meio no marasmo, opa! 'Pera aí! Vamos ligar essa fogueira aí de novo, pra gente não cair nessa linha da amizade.</i></p> <p><i>[...] e eu ter que meio que tomar as rédeas disso e organizar tudo pra gente!</i></p> <p><i>Agora, eu não ligo tanto, a gente acaba aprendendo a conviver e, agora, ele já se contém um pouco mais e eu já não me ofendo tanto!</i></p> <p><i>Desencanava: depois eu falo com ele; se for falar, ele ficava mais bravo ainda! h</i></p> <p><i>Comecei a trabalhar isso assim, de falar as coisas que eu sentia, de falar com ele: 'olha, eu não gosto'; 'não sei lidar com isso'; 'eu fico superchateada'; 'fico me sentindo assim e assado'... Eu acho que ele foi aprendendo também a falar as coisas que ele precisava quando ele se sentia incomodado [...]</i></p> <p><i>Eu sabia que eu ia dar um basta. Eu dei um basta!</i></p> <p><i>Então, pra ele e pra todo mundo, era mais uma vez que eu saía... Então, todo mundo dizia: a Sarah vai voltar. Aí, quando eu cheguei na casa da minha mãe nesse dia, eu falei: mãe eu não vou voltar mais!</i></p>

#### 8.2.4.2 Tema 2 – Mudança de comportamento

Com relação aos problemas familiares, Deborah afirmou que houve mudança de comportamento, tanto da sua parte como da parte de seu marido. Ele não se deixou mais influenciar pela própria família e resolveu se aliar a esposa para, juntos, construírem um relacionamento mais harmônico, no qual as decisões eram tomadas apenas pelo casal, sem a interferência da família.

Sobre o desinteresse pelo relacionamento, Deborah, declarou que conseguiu superar esse problema, observando e refletindo sobre o seu casamento. Deborah relatou que, ao perceber que a relação está entrando na rotina, costuma planejar

noites românticas com o marido. Afirmou ter perdoado o envolvimento que o marido teve com outra pessoa e diz que esse foi um episódio que lhe trouxe sabedoria. Em suas palavras, o que se passou só aconteceu para lhe mostrar uma lição. Na verdade, disse ter aprendido a cuidar do relacionamento e a intensificá-lo, para evitar a rotina.

Hannah afirmou que, com relação ao planejamento financeiro, decidiu ser a responsável pela organização e planejamento das contas. Ao ser consultado, o marido concordou que essa seria a melhor forma de planejar o orçamento familiar, visto que é muito desorganizado com relação à administração financeira doméstica.

Com relação aos desentendimentos corriqueiros do marido com outras pessoas, Hannah decidiu conversar com o marido e aprendeu a conviver com essa característica dele. Segundo ela, o marido é uma pessoa colérica e acaba por se desentender com os demais, porém ela aprendeu a compreendê-lo, não deixando de chamar a sua atenção para as consequências dos desentendimentos com outras pessoas. Sobre as grosserias do marido e as pequenas brigas entre o casal, Hannah afirma que aprendeu a conviver com isso e já não se ofende tanto. Afirma que, nos momentos em que o marido está mais enraivecido, ela o deixa falando sozinho, pois, em seu modo de entender, responder traria mais desavenças para o casal. Depois, em um momento oportuno, ela procura falar com ele.

Miriam relatou que a resolução para a solidão decorrente da distância do marido foi conversar a respeito do que estava sentindo. O marido não poderia mudar de emprego e, na opinião da participante, isso seria muito egoísmo de sua parte. Os dois conversaram a respeito do que Miriam sentia quando o marido precisava viajar a trabalho. Essa conversa ajudou a ressignificar o relacionamento e a distância deixou de ser uma dificuldade na vida do casal, embora ainda não seja fácil para a Miriam ficar sem a companhia dele. Ele também aprendeu a expressar os seus sentimentos, o que, na opinião de Miriam, foi um facilitador para a resolução do conflito. Sobre as dificuldades sexuais, ela conta que o casal procurou terapia e que isso os ajudou a clarificar muitos pontos. Entendeu que o problema não estava nela, mas sim no cansaço que o marido sentia toda vez que voltava de viagem e que isso era um fator que colaborava com a falta de libido dele. As questões financeiras também foram superadas pelo casal. Miriam mudou de emprego, pois, segundo ela, estava em um emprego horrível, o que também contribuía para as dificuldades do

casal. Seu marido ganhou uma promoção na empresa e, com isso, conseguiram superar esse ponto.

Apesar de considerar a separação como sua maior superação, Sarah disse entender que essa não foi uma forma satisfatória de solucionar suas dificuldades, pois o que esperava do seu casamento era que a violência e as brigas acabassem e que a relação se mantivesse. Por isso, a decisão de se separar só veio depois de dois anos de relacionamento. A violência com que o marido a tratava e as falsas promessas de mudança que ele fazia foram os fatores que contribuíram com a decisão de se separar.

#### 8.2.5. Grupo temático 5 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade

A partir deste grupo temático, pode-se relatar a visão que as participantes têm sobre os relacionamentos e a conjugalidade na contemporaneidade. O grupo temático “visão sobre os relacionamentos conjugais na atualidade” abarca os seguintes temas: características dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade e valores dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade. Os quadros a seguir apresentam exemplos de frases retiradas dos discursos das participantes que permitiram a identificação de cada tema e são acompanhados pela respectiva análise

## Quadro 14 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade – Tema 1

Tema 1	Exemplos de Frases
<p>Características dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade</p>	<p><i>Muita gente que 'tá buscando o inverso do que, talvez, os nossos pais viveram.</i></p> <p><i>[...] eu acredito que a maioria das pessoas buscam (sic) um pouco mais de firmeza, de solidez no relacionamento.</i></p> <p><i>Acho que o fator solidez está presente nas pessoas que estão se propondo a ter um relacionamento firme.</i></p> <p><i>[...] se perdeu completamente a noção do que é estar com o outro para construir algo!</i></p> <p><i>Eu também acho que tem outro tipo de pressão. Por exemplo, falar que 'tá ficando velha e não arranjou ninguém.</i></p> <p><i>Eu acho que, hoje em dia, as pessoas não confiam umas nas outras. Elas são muito desconfiadas. Elas vivem pra essa rede social.</i></p> <p><i>As pessoas são muito possessivas e te questionam.</i></p> <p><i>As pessoas tão muito sedentas por relacionamentos e, simplesmente, não sabem se comunicar.</i></p> <p><i>Porque não sabem, na verdade, como se sentem em relação aos relacionamentos mesmos.</i></p> <p><i>Eu vejo as pessoas muito medrosas, assim... muito fechadas pro outro, porque estar junto é uma... um grande abismo. Eu sinto como um grande abismo.</i></p> <p><i>Você se depara com a sua maior fragilidade [suspiro]. E é, ao mesmo tempo, o maior potencial de desenvolvimento [...].</i></p> <p><i>As pessoas, hoje em dia, não querem nada com nada, Assim, sabe, compromisso sério.</i></p> <p><i>Os jovens de hoje em dia... são mais ousados.</i></p> <p><i>Porque tem até relacionamento por celular, né?[...]</i></p> <p><i>Acho que os relacionamentos estão perdendo as qualidades [...].</i></p>

### *8.2.5.1 Tema 1 – Características dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade*

A maioria das participantes percebe os relacionamentos afetivos na contemporaneidade como sendo marcados por amores efêmeros e de curta duração. Assim, dentre as principais características do mundo contemporâneo, foi ressaltada aquela que diz respeito à construção de relacionamentos frágeis.

Deborah foi a única participante que declarou acreditar que o fator solidez em um relacionamento está presente nas pessoas que se propõem a isso. Contudo também entende que algumas pessoas estão procurando viver o inverso dos pais, ou seja, em sua opinião, não procuram viver um relacionamento mais estável. Neste ponto a participante mostrou certa dualidade, uma vez que parece não saber se realmente as pessoas querem relacionamentos conjugais com intuito de um compromisso mais duradouro, ou se querem ter laços mais fluidos. Considerou, também, que existe uma pressão para que as mulheres estejam em um relacionamento amoroso e isso pode levar ao encontro de parceiros questionáveis, que não estão prontos para vivenciarem a experiência do casamento ou de um compromisso mais estável.

Esther e Hannah acreditam que as redes sociais colaboraram para que o número de relacionamentos afetivos aumentasse, porém a qualidade das relações diminuiu. Hannah julga que as pessoas perdem muito tempo nas redes sociais, pois acreditam em um ideal de relacionamento afetivo ditado pelos parâmetros implícitos nas postagens do Facebook e do Instagram. Esther acredita que as pessoas estão dependentes de modelos de relacionamento afetivos por celular e que a interação física entre as pessoas ficou restrita. Na opinião das participantes, essa forma de se relacionar com o outro fez com que a duração e a qualidade dos relacionamentos afetivos diminuíssem. Hannah acredita, ainda, que as pessoas são ciumentas, possessivas e que não sabem se comunicar e que esses fatores são obstáculos para a construção de uma possível conjugalidade.

Miriam percebe as pessoas como fechadas e temerosas, receando o envolvimento em um relacionamento afetivo com o propósito de construção da conjugalidade. Em seu modo de ver, as pessoas se deparam com a sua fragilidade

e, ao mesmo tempo, com o desafio de estar em um relacionamento amoroso que pode lhe proporcionar um maior potencial de desenvolvimento.

Sarah afirma que a juventude está ousada e que procura todos os tipos de relacionamentos, em sua maioria sem compromisso e sem o objetivo de construção da conjugalidade.

### **Quadro 15 – Visão sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade – Tema 2**

Tema 2	Exemplos de Frases
Valores dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade	<p><i>A contrapartida, hoje, [é] o pessoal mais jovem que 'tá solteiro aí pela praça... perdeu completamente o valor de relacionamento.</i></p> <p><i>Porque a mulher perdeu completamente o seu valor. Ela acha que hoje pode sair com qualquer um [...].</i></p> <p><i>O homem não dá mais valor para a mulher, porque a mulher se oferece para o homem.</i></p> <p><i>É ótimo experimentar, mas que você não tenha obrigação. E me parece que isso 'tá virando uma obrigação e, nos adultos, eu já vejo, também, uma obrigação maior de ser liberal e, muitas vezes, a pessoa naturalmente não é. Ela é mais conservadora. Ela tem um perfil mais reservado e quer relações assim.</i></p> <p><i>Hoje em dia, a geração 'tá querendo mais é aproveitar, ficar com o maior número possível de pessoas.</i></p> <p><i>Não que não tenha gente que quer, né, alguma coisa séria... Mas a maioria... não quer compromisso sério não!</i></p> <p><i>Se não der certo, a gente larga, a fila anda [...]</i></p> <p><i>É no caso da internet, você cria uma expectativa... É de você querer conhecer. [...] Normalmente a gente vai pelas aparências.</i></p>

### 8.2.5.2 Tema 2 – Valores dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade

Deborah, Hannah, Sarah e Esther citaram a falta de apreciação pelos vínculos duradouros e estáveis como um dos atributos que estão presentes na sociedade contemporânea, que se caracterizaria, principalmente, pela depreciação dos relacionamentos afetivos e da mulher.

Apenas Miriam citou que a experiência de se relacionar com muitas pessoas pode ser ótima, desde que não seja uma obrigação imposta pela sociedade. A participante acredita que o comportamento de alguns jovens leva à efemeridade dos relacionamentos afetivos e pode estar associado à necessidade dessas pessoas de se sentirem aceitas pela sociedade. Entende, ainda, que pessoas mais conservadoras não deveriam se comportar de maneira excessivamente liberal, indo contra os seus princípios somente para agradar a sociedade.

Deborah parece ter uma visão mais conservadora a respeito do tema e afirma que as pessoas que não estão se propondo a ter uma relação mais sólida estão depreciando os relacionamentos afetivos. Acredita que as mulheres não estão mais se respeitando e que, para estarem em uma relação amorosa, sujeitam-se a dividir o parceiro com outras mulheres ou se relacionam, ao mesmo tempo, com inúmeros parceiros, o que, na opinião dela, caracteriza a falta de amor próprio dessas mulheres.

Deborah também cita o caso de mulheres que, segundo suas palavras, “se oferecem para os homens”, ou seja, que se tornam “caçadoras”, assumindo uma atitude em outros tempos vista como masculina. Na opinião de Deborah, desse modo a mulher se autodeprecia.

Sarah acredita que as pessoas procuram ter um maior número possível de relacionamentos afetivos e que apenas uma pequena parcela da sociedade está interessada em ter um relacionamento estável.

Esther crê que as pessoas se iludem muito com a aparência. Para ela, ao dar valor apenas à exterioridade, muitas se esquecem dos sentimentos e do que o outro pode lhe proporcionar. Esse fator, segundo ela, pode levar à construção de relacionamentos rápidos e sem objetivo, pois a pessoa se sente atraída pelos prazeres imediatos que o relacionamento pode proporcionar e não se permite conhecer mais profundamente a(o) parceira(o) em questão.

### 8.2.6. Grupo temático 6 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais

Este grupo temático refere-se às características que as participantes acreditam que os homens procuram em uma mulher para manter um relacionamento conjugal estável e reúne os seguintes temas: características que os homens buscam em relacionamentos conjugais e características que os homens buscam nas mulheres. Os quadros a seguir apresentam exemplos de frases retiradas dos discursos das participantes que permitiram a identificação de cada grupo e são seguidos pelas respectivas análises.

#### Quadro 16 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais – Tema 1

Tema 1	Exemplos de Frases
Características que os homens buscam nos relacionamentos conjugais	<p><i>Se ele quer um relacionamento tipo rápido, ele quer qualquer uma que dê fácil acesso para ele. Agora, se ele quer uma mulher pra casar, ele já quer uma dona de casa perfeita, a mulher que trabalha, que cuida da casa, que seja bonita [e] se mantém sempre linda. Eu tenho certeza!</i></p> <p><i>Acho que ainda existe uma cultura machista muito pesada, que os homens realmente acreditam que a mulher tem que servir aos desejos deles.</i></p> <p><i>Eu tenho alguns pacientes que são do interior [...]. É. Eles procuram mulheres mais servis. Que sejam donas de casa, mães, ou que se dediquem muito mais a eles. [Em] São Paulo talvez seja até mais mascarado [...] Eu já vejo um pouco mais de possibilidade de relacionamentos mais igualitários.</i></p> <p><i>Parece que, hoje em dia, as pessoas dão valor no (sic) que é fútil, no que é vazio, e não no que é concreto!</i></p> <p><i>Ninguém quer amar. Todo mundo quer só se pegar...</i></p>

### 8.2.6.1 Tema 1 – Características que os homens buscam nos relacionamentos conjugais

Deborah acredita que os homens que têm o objetivo de se envolverem em relacionamentos rápidos, procuram mulheres que estejam com o mesmo propósito. Segundo as suas palavras: “que lhe dê fácil acesso.” Todavia, se têm o objetivo de se engajar em um relacionamento com compromisso, procuram uma mulher com o perfil mais conservador. Em suas palavras: “a dona de casa perfeita, a mulher que trabalha; que cuida da casa, que seja bonita e que se mantenha sempre linda”.

Miriam acredita que ainda há o predomínio do poder masculino, em razão do qual os homens acreditam que a mulher tenha que servir aos desejos deles. Identifica esse padrão cultural principalmente nas cidades do interior de São Paulo que são mais conservadoras. Já na capital do estado de São Paulo, consegue identificar um padrão mais igualitário de relacionamento, devido ao qual os homens procuram pessoas compatíveis com os seus objetivos para se relacionar.

No modo de entender de Hannah e Esther, a maioria dos homens não espera um compromisso sério, e muitas pessoas dão valor ao que é fútil e não ao que é concreto. Hannah parece associar essas atitudes ao que percebe como sendo o desejo das pessoas de ter um relacionamento afetivo baseado nos padrões das redes sociais, que propagam a felicidade por meio de fotos de inúmeros casais, tanto famosos quanto anônimos. Para ela, as pessoas baseiam o seu propósito de vida em uma felicidade *ad aeternum*, propagada pelas redes sociais e que não condiz com a realidade. Assim sendo, para ela, os homens procuram experiências de relacionamentos afetivos baseadas nessas imagens de felicidade propagadas pelas redes sociais.

Sarah acredita que os homens não desejam amar, mas sim estar em relacionamentos sem o propósito de compromisso. Todavia, há que se destacar que Sarah sofreu com a violência do marido e que este pode ser um fator a influenciar sua visão com relação ao que os homens querem em um relacionamento.

## Quadro 17 – Visão das mulheres sobre as expectativas masculinas nos relacionamentos conjugais – Tema 2

Tema 2	Exemplos de Frases
Características que os homens buscam nas mulheres	<p><i>Acho que os homens procuram mulheres legais.</i></p> <p><i>É a busca por uma mulher que goste do universo deles, que não condene porque o cara quer assistir futebol.</i></p> <p><i>Para o homem, a beleza é fundamental! Eles são muito visuais!</i></p> <p><i>Você é uma pessoa responsável, uma pessoa com comprometimento, que tem um foco e idealiza algumas coisas. Parece que isso não tem muito valor hoje em dia.</i></p> <p><i>Responsável, atraente, mas não vulgar. Inteligente... Alegre, que passe coisas boas pra pessoa [...] uma companhia agradável.</i></p> <p><i>[...] uma boa companheira no sentido de poder ouvir, compreender [...].</i></p> <p><i>[..] acho que eles preferem casar com aquelas mais... submissas.</i></p> <p><i>O que eu vejo é eles falando dessas mais submissas, que digam amém para tudo que eles falam.</i></p> <p><i>Acredito que a mulher muito... decidida e independente assusta um pouco!</i></p> <p><i>Mas ele vai procurar a mulher mais recatada, mais quietinha, mais de casa, pra casar! Mas, se ela sai demais ou se ela é independente e ganha o próprio dinheiro, eles se sentem ameaçados.</i></p>

### 8.2.6.2 Tema 2 – Características que os homens buscam nas mulheres

Miriam acredita que os homens procuram mulheres “legais” para se relacionarem, ou seja, aquelas que estão dispostas a vivenciarem momentos de prazer juntos e que não colocam barreiras para a vivência desses momentos. Também ressalta a importância de respeitar o espaço do parceiro e considera que, por diversas vezes, as mulheres acabam desrespeitando esse espaço, provocando conflitos no relacionamento.

Deborah afirma que a beleza é fundamental, quando o homem procura uma parceira para se relacionar, seja para manter um compromisso estável ou para um relacionamento momentâneo. Em sua opinião, as mulheres que “nasceram para casar” devem ser submissas ao marido, ou seja, mulheres que não expressem muito a sua opinião, pois isso pode assustá-los. A independência financeira também foi citada por Deborah como um fator desfavorável para a construção de novos relacionamentos. Isso porque a participante acredita que esse tipo de independência não faz parte do papel da mulher e, sim, do homem. Acredita que os homens ainda procuram por mulheres que ganhem menos que eles e que se dediquem mais ao lar e aos filhos do que ao trabalho.

Hannah trabalha em meio a muitos homens e cita, como exemplo, as mulheres que eles apontam como possíveis candidatas a um relacionamento sério. Relata que os homens sempre identificam as mulheres caseiras e quietas como as suas preferidas. Ademais, descreve que o comportamento dos homens ainda é machista e considera que eles ainda gostam de serem os dominadores e provedores da casa.

Sarah e Esther acreditam que os homens procuram boas companheiras, mulheres que estejam dispostas a ouvi-los e a compreendê-los. Inteligência, responsabilidade e comprometimento estão dentre as qualidades que ambas ressaltaram como sendo as que os homens procuram em uma mulher. Esther ainda declarou que a maioria das pessoas, incluindo as mulheres, não está interessada em se comprometer com o relacionamento. Homens e mulheres, muitas vezes, pensam em se casar, porém não conseguem ter um foco e um objetivo dentro do relacionamento.

Em síntese, as participantes relataram que os homens procuram mulheres inteligentes e bonitas para se casarem, porém ainda teriam medo das mulheres independentes. Na opinião da maioria das entrevistadas, ainda prevalece o conceito de que a mulher foi designada para ser a cuidadora do lar enquanto o homem é o seu provedor, embora se saiba que essa não é a verdade absoluta. Neste grupo temático, pode-se perceber a projeção das participantes com relação ao que elas imaginam ser ou ter para estarem casadas ou coabitando com seus maridos. No caso das divorciadas, pode-se dizer que, possivelmente, projetaram algo que lhes falta e que imaginam que seus ex-companheiros estariam procurando.

### 8.3 Apresentação e análise dos desenhos

#### 8.3.1 Os desenhos de Deborah

Débora demonstrou certa resistência quando a pesquisadora propôs que desenhasse as expectativas com relação à conjugalidade, mas, à medida que realizou o que lhe foi proposto, sentiu-se mais à vontade, permitindo-se, inclusive, fazer alguns comentários durante a realização do desenho.

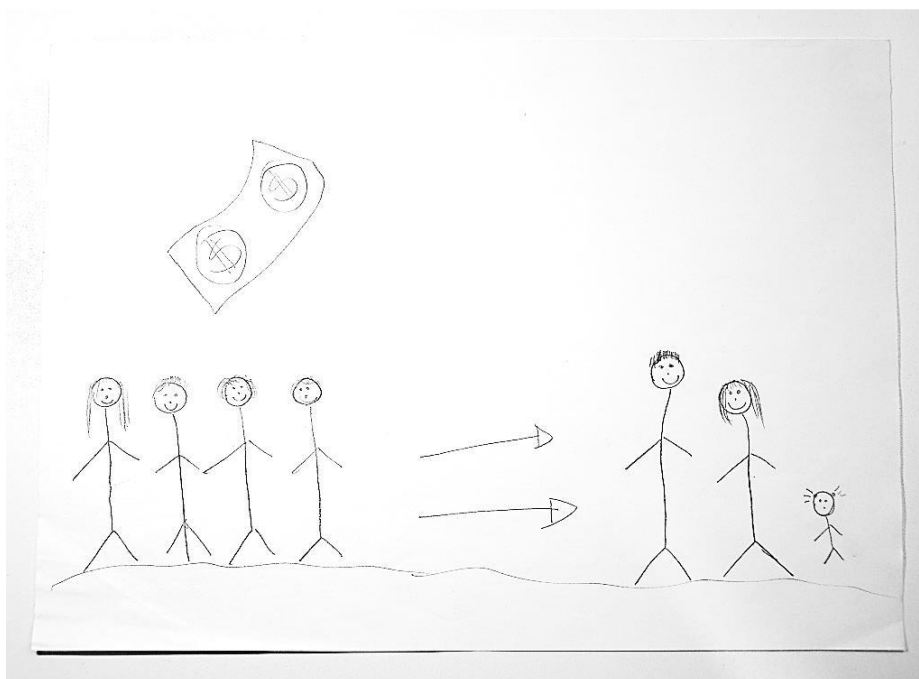
Deborah: “Hum... estou desenhando palitinho mesmo! Isso é traço de infantilidade, né? segundo o HTP. Eu lembro das aulas na faculdade sobre esse tema. Mas eu sou péssima em desenho mesmo!”

Ao desenhar as dificuldades, já parecia sentir-se bem mais à vontade, facilitando o processo. Porém a pesquisadora percebeu que seu desenho foi bem menos colorido e complexo do que o primeiro. Durante a realização da tarefa de desenhar as dificuldades, Deborah manteve-se calada e concentrada no que estava fazendo.

**Figura 4 – Desenho das expectativas de Deborah**



**Figura 5 – Desenho das dificuldades de Deborah**



### *8.3.1.1 Análise dos desenhos de Deborah*

#### **Desenho das expectativas conjugais de Deborah**

Deborah procurou retratar, em seu desenho, a família que desejava construir com seu marido. Desenhou uma paisagem no campo, em uma cidade do interior, em que estão representados a sua família atual (marido, ela e a filha) e o filho que pretende ter em um futuro próximo. Também desenhou uma casa, que representa a compra de um imóvel próprio.

Os primeiros sentimentos que o desenho de Deborah evocou na pesquisadora foram os de felicidade e tranquilidade. A participante parece ter desenhado a representação da sua família feliz. Até mesmo a figura que a representa está sorrindo. O desenho é colorido e a paisagem, clara.

A participante ressaltou os sentimentos de felicidade: “Bom... Acredito que eu tenha desenhado algo que representasse o meu desejo de ser feliz.” Relaciona a felicidade à constituição de uma bela família e à possibilidade de ser mãe, segundo a suas palavras: “Acredito que está relacionada à construção de uma bela família”. Também disse acreditar ser feliz, pois conseguiu realizar a expectativa de formar uma família: “Bom, isso eu tenho hoje! Então, acho que sou feliz! Ser mãe também é uma superfelicidade!”

As pessoas da família têm a mesma altura que a casa, ou seja, estão desenhadas em tamanho desproporcional. De acordo com Furth (2004), objetos com tamanhos excessivos podem significar aspectos que têm maior valor para a participante. Nota-se que Deborah dá bastante valor à família e ao lar, uma vez que uma das suas maiores expectativas ao se casar era justamente constituir uma família. Além disso, comenta: “Aqui [apontando para a casa], é o meu sonho de conseguir ter a minha casa própria. Queria ter uma casa no campo. Por isso, desenhei uma árvore e esses ‘matinhos’”.

De acordo com Furth (2004), elementos que parecem estranhos no desenho podem indicar áreas problemáticas na vida da pessoa. Deborah desenhou a si e às crianças com três “pernas”. A família toda paira acima do chão. Verifica-se, ainda, que a casa e a família estão colocadas no lado esquerdo da página, espaço que, segundo Furth (op. cit.), representa conteúdos inconscientes.

Em razão desses aspectos, é possível supor que Deborah, apesar de ter a expectativa consciente de uma vida feliz e tranquila, já esperava, em nível inconsciente, enfrentar alguns problemas relacionados à família. De fato, ela relatou na entrevista que teve problemas com o marido, pois ele não conseguia deixar de valorizar mais a opinião da mãe e da irmã do que a de Deborah. Em suas palavras: “A família do meu marido manipulava ele, e ele não conseguia dizer não para eles, embora isso me irritasse!” Além desse problema, Deborah também teve que lidar com a traição do marido: “Aí, eu peguei e li um pedaço da mensagem. Ela chamando ele de meu amor. [Faz uma expressão espantada] Oi? Meu amor?”

Apesar disso, a folha está preenchida com outras figuras o que, de acordo com Furth (op. cit.), significaria que a participante tem muita energia para a realização das suas expectativas conjugais.

Esse autor afirma que é importante o terapeuta entrar no desenho para saber como alguns dos objetos se comportam e compreender a relação que estabelecem com o todo. Como estamos investigando as expectativas de Deborah, a pesquisadora optou por “entrar” no desenho por meio da figura que representa Deborah.

Aquela figura que seria Deborah está com olhar voltado para o companheiro e para a casa, como que sinalizando que gostaria de alcançar esse objetivo junto com o seu companheiro. Contudo percebe-se que a figura não está desenhada no gramado verde e está inclinada, dando a sensação de que lhe falta firmeza,

segurança, ou de que ela necessita da ajuda do companheiro para conseguir os seus objetivos. Assim, podemos interpretar o olhar voltado para a casa e para o companheiro também como a busca por segurança ou firmeza.

Durante a entrevista, a pesquisadora sentiu que Deborah tentava manter a persona de mulher confiante, mas demonstrava insegurança quando respondia às perguntas. Assim, pode-se dizer que, talvez, a falta de confiança da participante esteja relacionada à expectativa de que o casamento prospere, de que seja feliz e renda “bons frutos”. Os frutos seriam o lar e a família, elementos muito valorizados por Deborah. O olhar de Deborah voltado para o companheiro no desenho, somado aos trechos do relato a respeito da possível traição, parecem sinalizar certa insegurança, principalmente em relação ao marido, ou ao fato dele não poder corresponder às suas expectativas. Abaixo, estão ressaltados pontos do relato que estariam relacionados a esse aspecto:

Porque ele também era assim tipo... um... é... pau mandado da família! [medo de perdê-lo para a família]

Era dia do meu aniversário e as pessoas estavam me mandando mensagem. Chegou mensagem no celular dele, 'tava na minha mão! [suspeita de traição]

Deborah tem a expectativa idealizada de uma construção familiar repleta de felicidade e tranquilidade, porém, inconscientemente, parece saber que dificuldades aparecerão, principalmente em relação à família, seja a do seu marido, seja aquela que, juntos, estão constituindo. A possível insegurança transmitida pelos desenhos estaria relacionada ao medo de perder o companheiro ou a família, pois segundo os seus dizeres, hoje ela é feliz.

### **Desenho das dificuldades conjugais de Deborah**

Deborah retrata, em seu desenho, a separação entre a sua família atual e a família do seu marido. Também desenha uma nota de dinheiro, que representa a tentativa de saírem da casa dos seus sogros, que não havia se concretizado ainda, pois a situação financeira do casal não era favorável.

O desenho de Deborah transmite para a pesquisadora, como primeiras impressões, o sentimento de felicidade, representado pelos sorrisos das figuras humanas. Todavia o desenho também fala do desejo de separação. Nota-se que a

família de origem do marido está do lado esquerdo do desenho e a família atual de Deborah, do lado direito. De acordo com a participante, sua maior dificuldade foi ter que conviver com a família do marido: “A minha maior dificuldade foi ter que viver com a família do meu marido no interior.” No centro, estão as setas que parecem reforçar a necessidade de separação entre as famílias. O sentimento de felicidade transmitido no desenho pode ser atribuído ao fato de que seu marido conseguiu se desvencilhar da influência da sua família de origem, solucionando a dificuldade que se apresentava.

Algumas figuras do desenho de Deborah parecem estranhas, por exemplo, o desenho da nota, na parte superior esquerda da página, e a representação de um dos parentes do marido com três pernas. De acordo com Furth (2004), essas representações estranhas indicam áreas problemáticas na vida da participante. Assim, novamente, as dificuldades com a família de origem do marido são confirmadas, e surgem as dificuldades financeiras, talvez porque os parentes do marido contassem com melhores condições financeiras que as do casal. Segundo Deborah: “Queríamos ter o nosso canto, nossa casa, mas sempre lembrávamos que a situação financeira era ruim”.

Além dos problemas citados em entrevista e retratados no desenho, Deborah possivelmente encontrava outros problemas com relação à família do marido, problemas esses de que ela não tem consciência ou que deixou de relatar, como o julgamento que eles faziam dela ou da família que o casal estava constituindo, e a falta de comunicação entre eles. É possível supor a presença de problemas adicionais aos relatados em razão das setas desenhadas, obstáculos que se constituem em elemento central e apontam para a família formada pelo casal. Tais obstáculos podem ser interpretados, com base em Furth (op. cit.), como reveladores de um impedimento na comunicação entre os familiares do marido e a atual família de Deborah. Por analogia, as setas são os dedos que apontam os defeitos dos outros, o que pode suscitar, na participante, a sensação de estar sendo julgada pela família de origem de seu marido.

A fim de melhor compreender o comportamento e a relação das setas com o contexto do desenho, a pesquisadora assumiu a posição dessa representação, pois se tratava de um elemento que chama a atenção no desenho. Ao assim proceder, foi possível levantar, ainda, a hipótese da existência de um sentimento de opressão, pois as setas são figuras que parecem empurrar a imagem da família atual de

Deborah contra o canto da página, dando a impressão de que tais figuras, conquanto felizes, estão sem espaço para se expressar.

Por outro lado, retomando o quadro apresentado por Furth (2004) e descrito no Método desse trabalho, também é possível levantar a hipótese de existirem, na psique de Deborah, obstáculos na comunicação entre inconsciente e consciência e entre as esferas intelectual e emocional. Durante a entrevista e a aplicação dos desenhos, Deborah aparentou privilegiar uma atitude mais racional, mesmo quando contou sobre a traição do marido: “Aí, então, eu pensei: ele precisa desse momento, ele precisa conhecer outra pessoa pra, talvez, voltar e ter certeza de que era comigo que queria passar o resto da vida”. Questionada sobre os seus sentimentos ao descobrir a possível traição, Deborah descreveu como se deu tal descoberta e não mencionou o que sentira:

Pesquisadora: Como você se **sentiu** quando você soube que ele tinha outra pessoa?

Deborah: Na verdade foi uma coincidência. Era dia do meu aniversário e as pessoas estavam me mandando mensagem. Chegou mensagem no celular dele, ‘tava na minha mão!’

Falei ‘cê tá gostando dela! Ele respondeu: “Sim! Não gosto mais de você e tal... eu gosto dela!”

Vou fazer o quê? Implorar num vou! Falei: se não gosta mais de mim, então, tá!

### 8.3.2 Os desenhos de Hannah

Hannah apresentou um pouco de resistência ao ter que realizar os desenhos, mas, ao longo da tarefa, demonstrou bastante tranquilidade e desenhou o máximo que pôde sobre cada tema proposto. Após o término da tarefa, comentou:

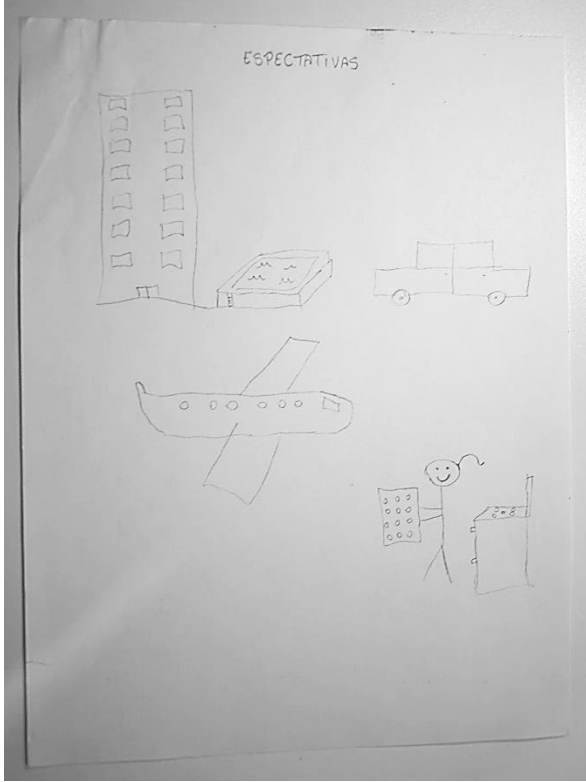
Hannah: Não sei se está certo ou errado, mas tentei fazer o meu melhor. Acho que ‘tá bom, né?

Pesquisadora: Conforme dito nas instruções, não há certo ou errado. Eu preciso apenas que você desenhe o que acha mais pertinente ao tema. Agora, preciso que você me explique um pouco os seus desenhos.

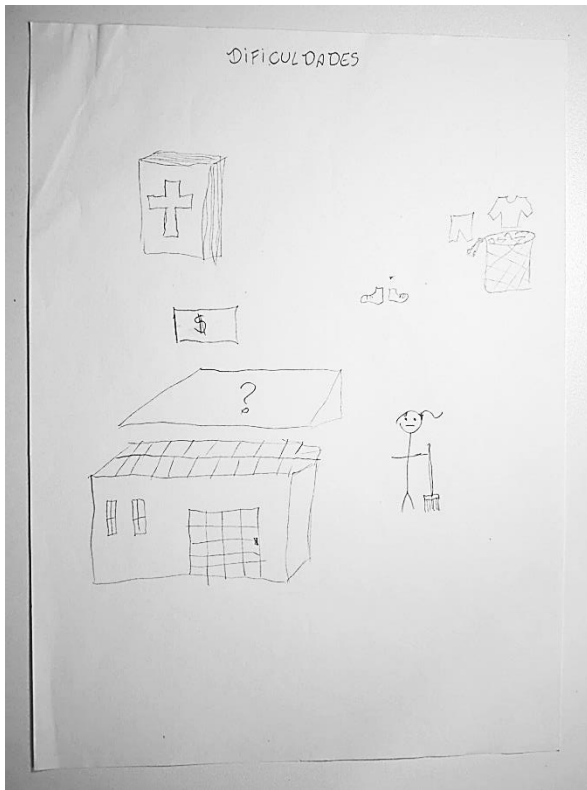
Hannah: Puxa! Então vamos lá!

A participante desenhou as expectativas e as dificuldades com a folha de papel na posição vertical.

**Figura 6 – Desenho das expectativas de Hannah**



**Figura 7 – Desenho das dificuldades de Hannah**



### 8.3.2.1 *Análise dos desenhos de Hannah*

#### **Desenho das expectativas conjugais de Hannah**

Hannah procurou retratar, em seus desenhos, as metas que esperava conquistar com o casamento. Segundo suas palavras, pretendeu desenhar as viagens que queria fazer com o marido, o carro que também iria lhe proporcionar passeios e maior liberdade de locomoção, e que também associou às viagens. Desenhado também foi o prédio, simbolizando o imóvel que ela esperava adquirir quando estivesse casada. A figura humana é a sua própria representação: “Ah, aqui em baixo [aponta para a figura humana que segura uma bandeja], sou eu fazendo as ‘comidinhas’, doces e bolos que eu gosto e que o meu marido gosta também”.

O desenho de Hannah transmitiu, para a pesquisadora, um sentimento de seriedade, que pôde ser percebido em razão das formas retas e quadradas, prevalentes no desenho. Despertou, ainda, um sentimento de confusão, pois não há como identificar um contexto ou uma história.

Hannah parece ser uma pessoa bem séria. Durante a entrevista e a aplicação da técnica, a pesquisadora teve a impressão de que a participante não queria demonstrar seus sentimentos, ou não se sentia à vontade para falar sobre eles. Ressalte-se, todavia, que, ao se representar como aquela que deseja cozinhar e fazer docinhos, deixou entrever um lado afetivo, cuidadoso e delicado.

Os desenhos aparecem na metade superior da página, o que pode indicar, de acordo com Furth (2004), que Hannah se esforça bastante para atender a essas expectativas, porém elas lhe pareceriam inatingíveis. Percebe-se que a distribuição das figuras no papel parece estranha, o que pode indicar que representam áreas problemáticas na vida da participante (FURTH, op. cit.). O discurso de Hannah leva a crer que, de fato, ela tem encontrado dificuldades para realizar esses objetivos: “Queremos comprar uma casa, mas, com a crise e com o desemprego do meu marido, não sei se isso será possível”.

O avião, sendo o elemento central do desenho, pode indicar o que é mais importante para Hannah (FURTH, op. cit.). Desta forma, entende-se que as viagens internacionais que ela gostaria de fazer com o marido são bastante valorizadas e, simbolicamente, muito importantes dentre as metas que almejava alcançar.

Ao entrar no desenho, a pesquisadora toma o lugar da figura que representa Hannah, segundo o critério proposto por Furth (2004) e descrito no Método deste

estudo. Hannah está posicionada no canto inferior direito da página. Tal posição reforça, para a pesquisadora, a hipótese de que Hannah considera que suas expectativas estão, ao menos presentemente, acima de suas possibilidades de realização.

Hannah acrescenta ao seu desenho a palavra “expectativa” grafada “espectativas”. Com base em Furth (2004), é possível conjecturar que Hannah sentiu o receio de não ter transmitido algo com a clareza que desejaria. Teria, por meio desse recurso, procurado clarificar a mensagem e reduzir as chances de que o desenho viesse a ser mal interpretado ou, talvez, de que a pesquisadora confundisse os desenhos, uma vez que, como é possível verificar, também usou a palavra “dificuldades”, identificando o desenho que será analisado a seguir.

### **Desenho das dificuldades conjugais de Hannah**

No desenho das dificuldades conjugais, Hannah procurou retratar todas as principais dificuldades pelas quais passou e está passando durante o período do seu casamento. Retratou uma Bíblia, identificada pela cruz, que representaria as questões relacionadas à religião dos pais e dos sogros. A cesta e os sapatos representariam as tarefas domésticas. A participante afirma que detesta fazer as tarefas domésticas e que isso acabou gerando conflitos entre ela e seu marido. A figura com o cifrão representaria os problemas financeiros que o casal tem enfrentado. Hannah teve que se organizar para controlar as finanças comuns, pois, segundo seu relato, o marido “não é muito organizado financeiramente”.

A casa é um símbolo que remete a incertezas, pois, quando Hannah se casou, não sabia se teria um teto, um lar e, por isso, colocou o ponto de interrogação no telhado. Hannah enfatizou, em seu discurso, o desejo de ter casa própria, afirmando que o casal tem encontrado dificuldades para conseguir concretizar esse sonho.

O desenho transmite sentimentos de confusão, pois as figuras estão espalhadas na página, sem estarem organizadas em um contexto. Igualmente parece revelar sentimentos de medo, incerteza e frustração, que podem ser notados no rosto da figura humana e estão adicionalmente simbolizados pelo ponto de interrogação desenhado no telhado da casa.

Note-se que esse telhado aparece flutuando sobre corpo principal da casa, constituindo-se em um elemento estranho no desenho. Acresce-se a isso o fato de

que a casa foi desenhada com uma proporção maior em relação às demais figuras. Tais aspectos reforçam a hipótese de que, para Hannah, a aquisição da casa própria, além de representar uma dificuldade, adquiriu, relativamente aos demais problemas, importância prioritária para a constituição da conjugalidade. E, talvez, seja a dificuldade mais cercada por incertezas e, portanto, mais problemática.

Pode-se perceber, também, que os desenhos não ocupam o espaço inferior da folha de papel, o que, de acordo com Furth (2004), poderia indicar a busca de satisfação pela fantasia. Nesse sentido, é possível conjecturar se Hannah confia, efetivamente, que conseguirá concretizar seus objetivos.

Percebe-se uma pequena rasura na nota de dinheiro, o que pode indicar que Hannah identifica ser essa uma área de conflito ou que estaria conseguindo dar um novo significado às questões financeiras que constituem obstáculos à sua vida conjugal (FURTH, op. cit.). Eventualmente, podemos pensar nas duas hipóteses, uma vez que, sim, as finanças são motivo de desentendimento entre o casal, mas Hannah tem conseguido adotar uma solução que, aparentemente, tem dado conta desse problema. Com relação aos conflitos, Hannah comenta: “Aqui [apontando para figura com o cifrão], é a dificuldade que temos com o dinheiro. Meu marido é muito desorganizado financeiramente falando. Ele não consegue juntar dinheiro e eu já sou toda certinha com isso. Então, por causa dessa desorganização começaram as brigas.” Mas acrescenta que, atualmente: “Eu cuido do meu dinheiro, ele cuida do dele! Só que, no final do mês, eu mando pra ele quanto ele tem que me pagar”.

Ao entrar no desenho, conforme as instruções de Furth (2004), a pesquisadora opta por se posicionar como a casa cujo telhado contém um ponto de interrogação. A construção parece insegura, pois não está firme no chão. Transmite um sentimento de dúvida, expresso no telhado que, por sua vez, aparenta instabilidade, pois não está fixo na base da casa. Assim, é como se a casa se sentisse insegura e com inúmeras dúvidas. Essas impressões reforçam a noção de que esses sejam os sentimentos predominantes, para Hannah, com relação à conjugalidade, hipótese que ganha força adicional em razão de a casa ser o símbolo central e se constituir em tema frequente em seu discurso.

### 8.3.3 Os desenhos de Miriam

Miriam apresentou certo desconforto quando recebeu a instrução para desenhar suas expectativas e dificuldades na conjugalidade. Primeiro, achou que a pesquisadora realizaria a entrevista do desenho. Depois, entendeu que teria que desenhar apenas uma vez. Quando percebeu que teria que fazer mais um desenho, chegou a reclamar sobre o fato: “Puxa, que difícil! Que saco fazer isso, né?”. A pesquisadora considerou ser essa reclamação não um ataque contra o seu trabalho ou sua pessoa, mas apenas uma forma de defesa da participante contra estímulos que surgiam a partir do desenho.

Ao longo da execução do procedimento, Miriam se manteve concentrada na tarefa, mas pediu a opinião da pesquisadora ao longo do processo:

Miriam: Posso deixar sem pintar?

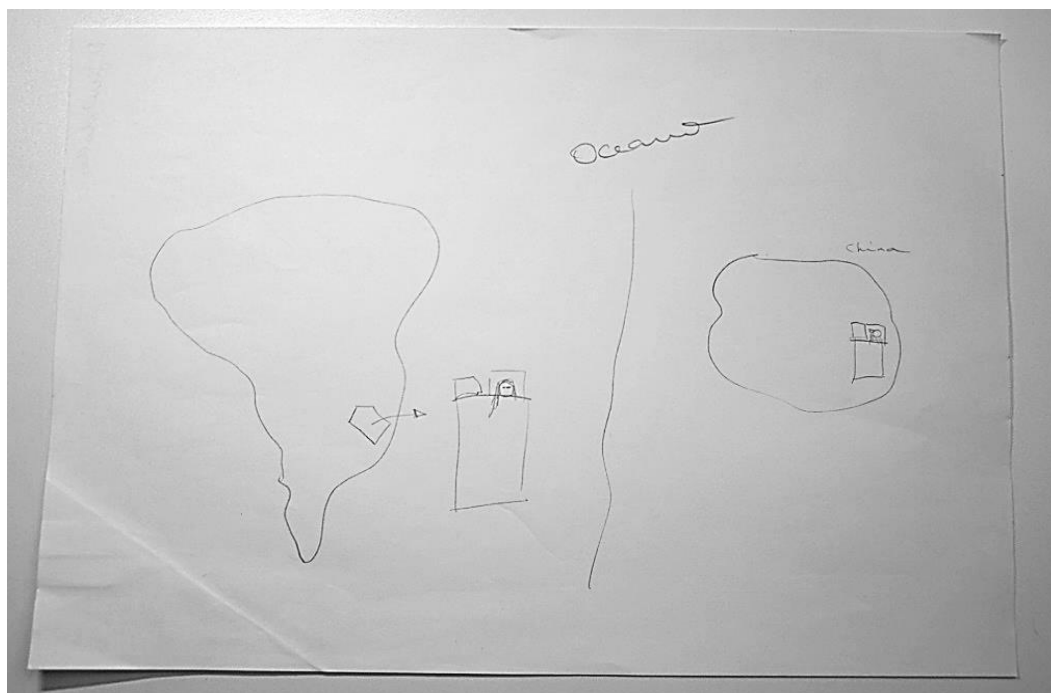
Pesquisadora: Faça como você se sentir melhor.

Miriam: Ok. Então vou deixar sem pintar, mas só porque eu tenho muita preguiça!

**Figura 8 – Desenho das expectativas de Miriam**



**Figura 9 – Desenho das dificuldades de Miriam**



#### 8.3.3.1 Análise dos desenhos de Miriam

##### **Desenho das expectativas conjugais de Miriam**

Em seu desenho Miriam retratou uma cena em que estão, ela e o marido, em um campo alegre com muita festa. A figura do violão é símbolo da festa e da música que teriam na sua casa e no seu casamento, segundo as palavras da participante.

O desenho de Miriam transmite, para a pesquisadora, o sentimento de felicidade. Conforme dito pela participante, essa era uma expectativa que tinha ao ir morar com seu namorado.

Nota-se que o violão, símbolo da música e da festa, está quase do mesmo tamanho que as figuras humanas, enfatizando que Miriam desejava muito que sua vida conjugal fosse repleta de alegria. Nesse sentido, a festa pode simbolizar o desejo de não haver problemas nem qualquer tipo de dificuldade a ser enfrentada.

Miriam afirma que o que mais lhe chamou atenção nesse desenho foram as figuras humanas, que seriam ela e o seu marido. Tais figuras foram desenhadas sorrindo, como que estando felizes, o que reforçaria o quanto a conquista da felicidade conjugal fazia parte das expectativas de Miriam.

Note-se que os cabelos e a as roupas de Miriam estão sublinhados. De acordo com a teoria de Furth (2004), figuras sublinhadas indicam falta de sustentação. Talvez Miriam se sinta insegura com relação à concretização de suas expectativas, insegurança essa da qual a participante não teria plena consciência, uma vez que o desenho, além de sublinhado, está localizado no lado esquerdo da página, porção essa que, segundo Furth (op. cit.), representa o inconsciente.

A pesquisadora optou por tomar o lugar da figura que representa Miriam, que parece feliz, porém está longe de seu companheiro. Inconscientemente, parece que Miriam já previa que teria que lidar com as dificuldades decorrentes da separação.

A maioria das figuras está desenhada principalmente na parte superior da folha, o que indicaria que a fonte de satisfação de Miriam se encontra no terreno da fantasia. Na entrevista, a participante também se considera “idealizada” (sic) e entende que, de início, também idealizou o seu casamento. Os dois pés estão voltados para esquerda, indicando que algumas de suas expectativas podem ainda ser inconscientes e sujeitas a serem projetadas no mundo exterior.

Em síntese, é possível conjecturar que algumas das expectativas de Miriam se formaram em torno de idealizações, mais do que são referentes a objetivos passíveis de realização concreta.

### **Desenhos das dificuldades conjugais de Miriam**

Em seu desenho, Miriam representou as dificuldades que enfrentou ao lidar com o fato de que o casal tem que, periodicamente, distanciar-se em razão das viagens profissionais do marido. Na entrevista, a participante relatou que, três vezes ao ano, o casal fica separado em razão das viagens a trabalho que o marido tem que fazer. O desenho realizado retrata essa situação: do lado esquerdo da página, está a representação do Brasil e de Miriam, dormindo sozinha; do lado oposto, está a China e a figura do marido de Miriam, também dormindo. Separando essas imagens, encontra-se uma barreira.

Os primeiros sentimentos transmitidos pelo desenho para a pesquisadora são: solidão e vazio. As imagens parecem representar algo longínquo e distante, difícil de ser alcançado. Talvez esse seja o sentimento que Miriam experimenta toda vez que seu marido tem que viajar para a China. De acordo com as suas palavras: “de três em três meses ele tem que viajar para a China e ele fica lá por cerca de um mês (...)”.

Nota-se que, no desenho de Miriam, existe um obstáculo, representado pelo traçado que separa o lado direito do lado esquerdo da página. No espaço à direita, temos a representação da China e, naquele que está à esquerda, a do Brasil, estando o traçado vertical associado ao oceano que separa esses países. Vale ressaltar que, de acordo com o diagrama de Furth (2004), os lados assim separados representam o consciente e o inconsciente.

Nos desenhos, segundo Furth (op. cit.), a figura que se interpõe como obstáculo simboliza aquilo que impede algo ou alguém de se comunicar. O traçado no desenho de Miriam evidencia um problema de comunicação entre o casal, muito provavelmente causado, ou acentuado, em razão da promoção do marido e das consequentes viagens para a China. Miriam já havia relatado esse problema durante a entrevista, mas parece que isso ocupa uma posição central no campo das suas dificuldades, uma vez que o traço de separação encontra-se no meio da folha de papel.

A barreira é enfatizada por meio da palavra “oceano” acrescentada ao desenho, oceano esse que representa a distância entre os parceiros e que recebe uma grande importância. Essa distância pode ser também cultural, pois, segundo a participante, ela e seu marido tiveram “criações diferentes”. Ele nasceu no Pará e ela, em São Paulo, estados que possuiriam culturas diferentes na visão de Miriam.

Também se pode aventar a hipótese de que exista, na psique da participante, alguma dificuldade de comunicação entre a consciência e o inconsciente, pois, como dito anteriormente, o obstáculo está separando os dois lados da folha que representam essas duas instâncias psíquicas. Adicionalmente, considerando que a figura feminina, que ocupa o lado esquerdo, encontra-se adormecida, é possível supor que Miriam esteja submetida à influência inconsciente do animus.

Há indícios, em seu relato, de que aspectos associados ao animus estão, ainda, muito projetados no marido, o que acentuaria o sentimento de solidão na ausência deste. No desenho, temos a seta apontando para Miriam, deitada sozinha em sua cama, como elemento adicional a evidenciar a intensidade da solidão sentida quando seu marido está longe. De acordo com suas palavras:

A barreira talvez? Bem... Essa barreira... Porque não é fácil ter que ficar sozinha durante três meses em um ano, porque você quer que ele esteja por perto, né? Eu sinto muita falta dele, porque ele é meu “parceirão”.

### 8.3.4 Os desenhos de Sarah

Sarah demonstrou ser, das cinco participantes, aquela que apresentou maior resistência à solicitação para que desenhasse. Quando instruída, ficou pensativa e olhando para a folha em branco. Demorou mais do que as outras participantes para iniciar a tarefa. Não falou nada enquanto estava desenhando, mantendo-se séria e compenetrada. Em seu semblante era possível ver alguns traços de tristeza e emoção ao começar o desenho das expectativas.

Sarah: Puxa! Preciso desenhar isso mesmo? Não dá para pular essa parte não? Sou péssima em desenho!

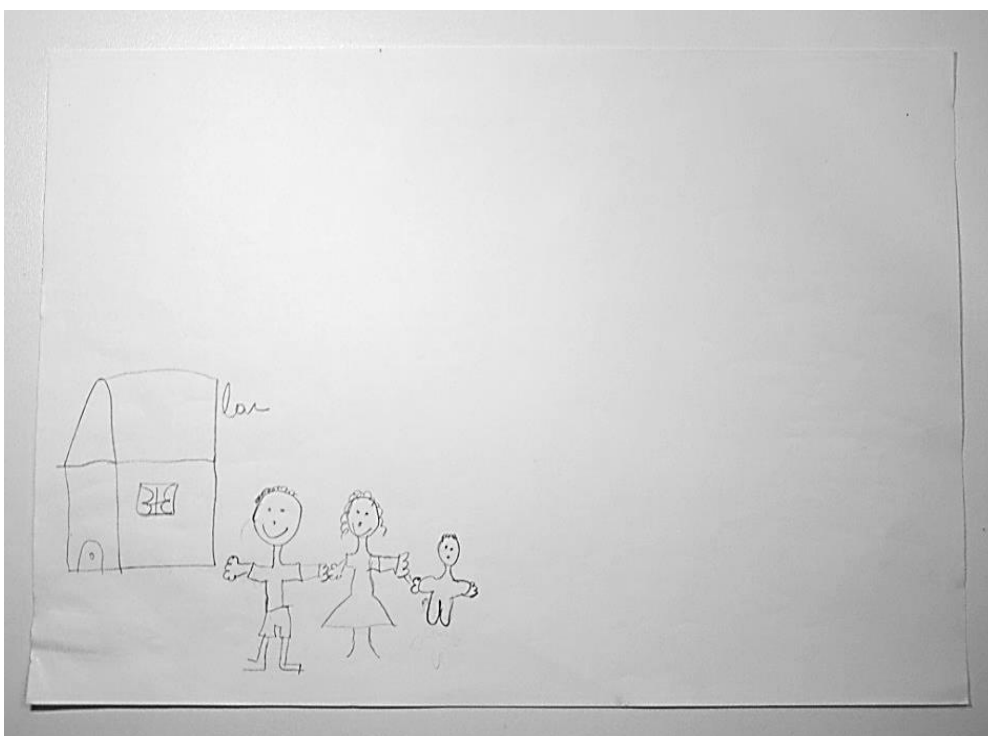
Pesquisadora: Bem, isso faz parte do trabalho. Então, você precisa desenhar se desejar continuar colaborando.

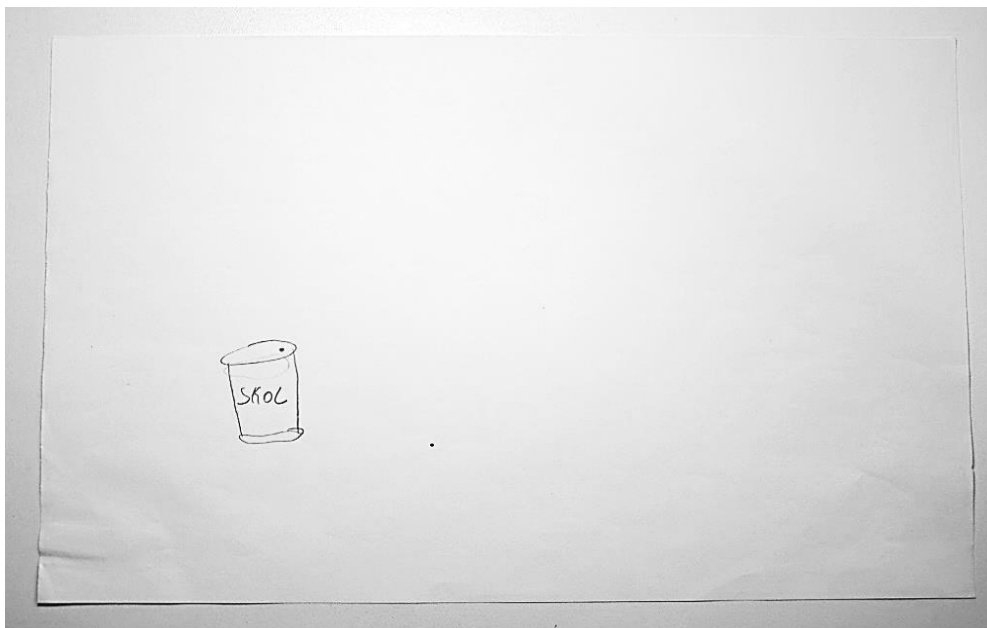
S: Claro, quero colaborar, sim. Vou desenhar, mas 'tá difícil, né?

P: Lembre-se das instruções, não há certo ou errado. A beleza ou seus atributos artísticos não são o foco desse trabalho.

S: [Risos] Ok. Bom... Vou começar...

**Figura 10 – Desenho das expectativas de Sarah**



**Figura 11 – Desenho das dificuldades de Sarah**

#### *8.3.4.1 – Análise dos desenhos de Sarah*

#### **Desenhos das expectativas conjugais de Sarah**

Em seu desenho sobre as expectativas conjugais, Sarah representa aquela que, segundo suas palavras, seria família que ela gostaria de construir com seu marido. Em termos das posições relativas dos elementos da família, vemos que, à esquerda, está o marido, com o pé incompleto; ao centro, está a participante, que não tem pés; finalmente, à direita, está a representação do filho que ela gostaria de ter tido.

Apesar de se referir às expectativas conjugais, o primeiro sentimento que o desenho transmitiu para a pesquisadora foi o de solidão, possivelmente porque há um grande espaço vazio do lado esquerdo da página e em razão de que a pesquisadora possivelmente estivesse em sintonia com os sentimentos dolorosos decorrentes da separação que Sarah estava vivendo, sentimentos esses que já haviam sido relatados na entrevista e que pareciam estar presentes durante a execução dos desenhos.

Uma vez que todas as figuras foram desenhadas do lado direito da página, pode-se supor, com base em Furth (2004), que as expectativas relacionadas à conjugalidade, no caso de Sarah, tiveram por base aspectos inconscientes, assumindo um caráter mais fantasioso, idealizado e menos racional.

A felicidade expressa pelas figuras humanas contrasta com a realidade atual de Miriam, que idealizava o casamento como sendo a sua oportunidade de constituir uma vida tranquila, que lhe proporcionasse alegrias: “Então assim... Para mim, o casamento foi importante para isso, ter um companheiro... Ter um lar tranquilo e filhos!”.

As figuras humanas parecem estar flutuando, distantes do solo. Percebe-se que o pé da figura que representa o marido está incompleto e que a figura que representa a própria Miriam tem pernas frágeis e não tem pés. Essas representações parecem estranhas e, de acordo com Furth (2004), indicariam áreas problemáticas na vida da participante. O modo como os elementos de sustentação física – pés e pernas – foram desenhados remete a pesquisadora às ideias de falta de apoio, de ausência de raízes e de sentimentos de fragilidade. Essas representações sugerem, desse modo, que haveria a percepção, ainda que inconsciente, que as expectativas em relação à conjugalidade se apoiavam em bases pouco sólidas.

Ao assumir a posição de Sarah no desenho, a pesquisadora sentiu a participante de braços abertos para o casamento, como que a ele se entregando sem defesas e nele confiando cegamente, de modo um tanto quanto ingênuo. Todavia, a pesquisadora também experimentou certa insegurança, pois não contava, no desenho, com base de sustentação que lhe proporcionasse alguma estabilidade. Imaginou que, em tal situação, inevitavelmente Sarah teria experimentado medo. Adicionalmente, a ausência de pés na figura humana pode indicar desequilíbrio de natureza emocional, eventualmente relacionado ao conflito entre as vontades conscientes e as inconscientes. Tendo em vista essas considerações, e lembrando que Sarah declarou não pretender ter outro relacionamento afetivo, afirmando não querer mais ninguém em sua vida, pode-se lançar a hipótese de que Sarah não dispôs, ou não dispõe ainda, de recursos egoicos suficientes para enfrentar a falência de suas ilusões sobre o casamento – hipótese que se vê reforçada pela ausência de figuras do lado esquerdo da página. Por outro lado, é importante ter em mente que a sua experiência conjugal foi traumática, em razão dos atos de violência do marido, e que, possivelmente, Sarah esteja vivendo os sentimentos dolorosos decorrentes de tal situação.

Existem duas rasuras no desenho, uma está na representação do bebê e outra, na figura do marido. Áreas com rasura, de acordo com Furth (op. cit.)

representam áreas conflituosas ou aquelas em que o símbolo envolvido está ganhando um novo sentido. Pode-se lançar a hipótese de que os significados associados a ter um companheiro e ser mãe estejam sendo reelaborados pela participante, ou ainda, que Sarah tinha algum tipo de conflito com relação a assumir o papel de mãe e de esposa.

### **Desenhos das dificuldades conjugais de Sarah**

No desenho das dificuldades conjugais de Sarah, nota-se que há apenas a representação de uma latinha de cerveja, que está rasurada. Sarah acredita que todas as dificuldades que encontrou em seu casamento foram devidas ao alcoolismo do marido.

O desenho transmite para a pesquisadora um sentimento de solidão e vazio. Trata-se de uma lata que parece estar abandonada e esquecida. A figura, inclusive, faz lembrar mais uma lata de lixo do que com uma de cerveja. Dessa forma, quando a pesquisadora entra no desenho e assume a posição da lata, sente-se abandonada e tratada como um lixo. Pode-se então, lançar a hipótese de que Sarah se sentia abandonada e tratada como um “lixo” durante o período de seu casamento.

A representação da lata de cerveja está na porção da página que representa, de uma parte, o inconsciente e as emoções (lado esquerdo) e, de outra parte a possível vivência de sentimentos depressivos, que poderiam estar associados às marcas emocionais que o alcoolismo do marido deixou. Segundo as respostas dadas na entrevista, Sarah sofreu, por causa do alcoolismo do marido, inúmeras agressões, inclusive psicológicas, como ameaças e ofensas. Pode-se, ainda, levantar a hipótese de que o sofrimento proporcionado por tais ataques tenha afetado aspectos positivos do animus da participante e dificultado a sua integração à consciência, já que não há representações do lado direito da folha.

Nota-se que esse desenho está vazio. Parece que estão faltando elementos que o complementem. Furth (2004) afirma que desenhos vazios indicam falta de energia psíquica ou, ainda, pessoas que estão doentes fisicamente. Entende-se que essa falta de energia pode estar associada a uma provável depressão decorrente da decepção com o parceiro e da desilusão com o casamento, pois se entendeu que Sarah casou-se influenciada por uma visão idealizada do marido e da vida conjugal, acreditando ter condições de concretizar algumas de suas expectativas. Todavia, ao

se deparar com a violência do marido, causada pelo alcoolismo, Sarah vai percebendo, paulatinamente, que seus ideais não serão concretizados e mais, que ela estava vendo o seu marido através das projeções de seu animus. Tal desilusão pode ter causado a queda da energia psíquica da participante, que aparentava estar abatida, triste e sem vontade de pensar e construir novos objetivos de vida que incluíssem relacionamentos afetivos.

### 8.3.5 Os desenhos de Esther

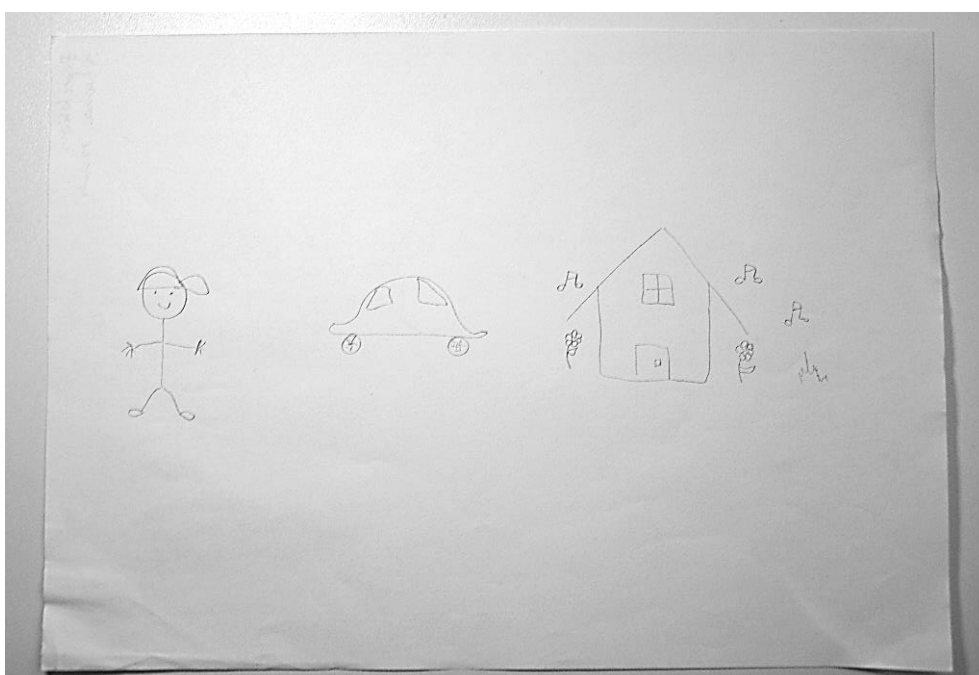
Esther demonstrou desconforto ao ter que desenhar as expectativas e dificuldades de seu casamento. Ao longo da aplicação, foi se sentindo mais confortável e mais confiante ao realizar a primeira tarefa, porém demonstrou certa resistência ao desenhar as dificuldades. Não sabia o que desenhar e queria a aprovação da pesquisadora sobre a adequação, a estética e a clareza do seu desenho.

Esther: O que eu desenho? [Pausa e atitude de quem está refletindo]  
Acho que tivemos dificuldades em compreender um ao outro.

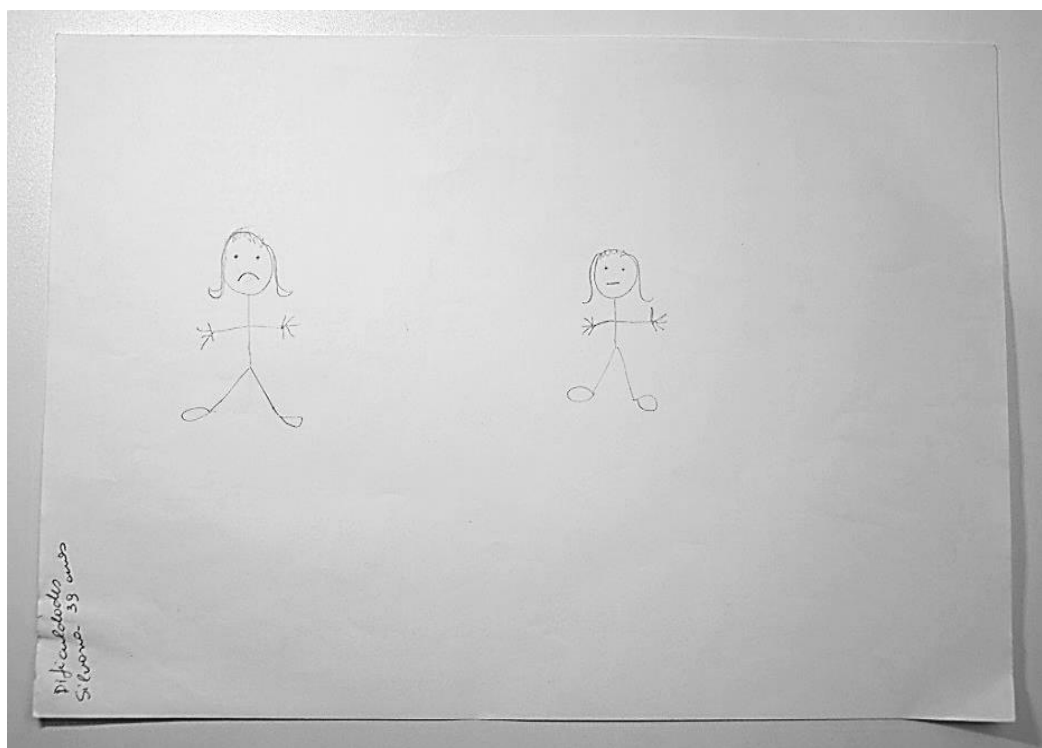
Esther: Queria desenhar um poço (no desenho das dificuldades), mas não consegui. Literalmente eu estava no fundo do poço!

Esther: Está bom assim? Está bonito? Dá pra você entender?  
Pesquisadora: Se você acha que está bom, então está!

**Figura 12 – Desenho das expectativas de Esther**



**Figura 13 – Desenho das dificuldades de Esther**



#### *8.3.5.1 – Análise dos desenhos de Esther*

##### **Desenhos das expectativas conjugais de Esther**

Em seu desenho das expectativas conjugais, Esther representa uma criança, um carro e uma casa, que constituíam, segundo seus relatos, suas expectativas anteriormente relacionadas à vida conjugal.

O sentimento que o desenho transmite para a pesquisadora é de felicidade. Esse sentimento parece representar uma expectativa comum à maioria das mulheres que pretendem se casar, a conquista da felicidade por meio do matrimônio. Esther também deixa claro em sua entrevista que gostaria de alcançar a felicidade em seu casamento. Em suas palavras: “queria que a minha casa fosse cheia de felicidade e de amor”.

Os desenhos da participante encontram-se no meio da página, o que pode indicar, segundo o quadro elaborado por Furth (2004), que talvez as expectativas de Esther estivessem em equilíbrio entre o concreto e o imaginário, pois a porção superior da folha de papel indica a satisfação alcançada por meio da fantasia, algo inacessível ou ainda a busca por um objetivo inatingível, enquanto a porção inferior

representa a realidade, o que é concreto. Pode-se dizer, ainda, que para Esther algumas expectativas ainda fossem inatingíveis, porém não eram impossíveis de serem alcançadas.

Do lado esquerdo do papel está a figura de uma criança que, segundo a participante, representaria o seu filho. A porção esquerda da página, de acordo com Furth (2004), está associada ao inconsciente, à emoção e à impulsividade. É possível supor que a expectativa de ser mãe estivesse fundamentada em razões que, para Esther, eram inconscientes. Algo de impulsivo e irracional parece ter fundamentado sua decisão de ser mãe, uma vez que não levou em consideração o fato de o marido não desejar ter filhos. Em suas palavras: “A única coisa que eu consegui realizar foi ter um filho e, mesmo assim, o meu marido não queria... É que falei, olha: eu me casei para ter filhos! E acabamos concordando em ter o A.”.

Do lado direito têm-se a figura de uma casa. De acordo com Furth (op. cit.), a porção direita da página relaciona-se à consciência, ao comportamento controlado e ao futuro. Entende-se, desse modo, que as expectativas de Esther de, por meio do casamento, conquistar a tão sonhada moradia baseou-se em razões que estavam no domínio da consciência. Seu testemunho parece apoiar essa hipótese: “A minha expectativa era ter um lar e, para isso, eu queria ter a minha própria casa”.

Nota-se que a figura humana no desenho está do mesmo tamanho que a casa e o carro. De acordo com Furth (2004), figuras com tamanhos excessivos enfatizam algo na vida da pessoa. Embora possa se atribuir a desproporção da figura do filho a um efeito de perspectiva, o fato de ele estar colocado como que à frente dos demais elementos parece ser, também, um indício de que, para essa participante, a expectativa mais importante relacionada ao casamento era a de conseguir realizar o sonho de ser mãe.

A pesquisadora ao “entrar” no desenho, para fins de análise, assumiu o lugar da representação do filho de Esther. Ele parece estar feliz e de braços abertos, sem defesas, esperando algo em troca. Considerando a posição da figura no espaço da página relacionado a conteúdos inconscientes, é possível levantar a hipótese de que Esther não se dava conta dos motivos que a faziam desejar tão ardentemente ser mãe. É interessante lembrar, neste momento, que a atitude da participante em relação ao marido tem um caráter algo infantilizado, na medida em que, declaradamente, ela esperava ter um companheiro que suprisse todas as suas necessidades.

### **Desenhos das dificuldades conjugais de Esther:**

Os primeiros sentimentos que o desenho das dificuldades de Esther transmitiu para pesquisadora são os de vazio e tristeza. Mas o testemunho da participante leva a acreditar que tais sentimentos não decorrem, necessariamente, do fim do relacionamento, mas, antes, referem-se à decepção vivida ao perceber que o marido não corresponderia ao seu desejo de que ele tudo suprisse e se responsabilizasse por atender a todas as suas necessidades: “Eu queria que o meu marido tivesse a iniciativa de ter construído todas as minhas expectativas, mas não foi assim. Ele não queria isso. [...] Eu acho que o companheiro... Ele vai suprir tudo, independente [sic] da situação que você ‘tá!’”.

Essa foi uma das dificuldades que a participante enfrentou em seu casamento, pois ela e o marido não tinham metas em comum ou compartilhavam apenas poucos objetivos. A tristeza decorrente dessa situação pode, então, estar relacionada à forçada retirada das projeções irrealistas e infantis antes depositadas sobre seu marido.

Do lado esquerdo da página, que representa o inconsciente e as emoções de acordo com Furth (2004), observa-se uma figura feminina que, segundo a participante, é a sua própria representação. A boca da figura está arqueada para baixo, significando, conforme Esther explicou, sua frustração com o casamento.

Na porção à direita da página, que representa a consciência (FURTH, 2004), a participante repete o seu autorretrato que se diferencia do primeiro por não apresentar a expressão frustrada, ainda que não aparente estar feliz. Esther afirmou que a figura à direita está solitária. Pode-se, assim, supor que, ao enfrentar as dificuldades do seu casamento, Esther se deu conta do quanto estava sozinha, do quanto seu marido não conseguia corresponder às suas expectativas. Todavia talvez não lhe tenha sido possível fazer chegar à consciência os motivos que a deixaram tão frustrada, ou seja, o fato de que suas demandas em relação ao marido eram resultantes de motivações de natureza possivelmente infantil. Eis um trecho do seu testemunho: “No outro [na figura à esquerda] sou eu sozinha. Acabei ficando sozinha, pois, mesmo durante o casamento, o J. me deixava sozinha e não ficava em casa, coisa que eu não esperava dele.”

Com base em Furth (op. cit.), podemos classificar o desenho de Esther como um desenho vazio, em razão de não ser composto por muitas figuras ou por figuras

que ocupem grande parte da área a ser desenhada. Um desenho com poucas representações pode indicar que a pessoa está fisicamente doente ou ainda sem energia para enfrentar as vicissitudes da vida. Assim sendo, pode-se dizer que Esther, aparentemente, viu-se sem energias durante o período em que teve que enfrentar as dificuldades no relacionamento.

A pesquisadora, ao “entrar” no desenho, buscando levantar outras percepções, assumiu o lugar da figura que está à esquerda no desenho. Percebe-se que, apesar das feições tristes, a figura está de braços abertos, o que talvez indique uma atitude de acolhimento e abertura. Contudo a pesquisadora também se deu conta de sentimentos de tristeza e insegurança, pois a figura, mesmo tendo pés, não está apoiada em um solo. Levanta-se, assim, a hipótese de que sentimentos inconscientes de insegurança podem estar na base das demandas infantis e serem também responsáveis por algumas dificuldades encontradas por Esther na sua experiência conjugal, dificuldades essas responsáveis pela tristeza e frustração sentidas.

## 9 DISCUSSÃO

Este capítulo tem por objetivo discutir os resultados a partir da análise realizada, relacionando-os com aspectos da teoria junguiana apresentados em capítulos anteriores e leituras que foram consideradas pertinentes para a compreensão das expectativas e dificuldades da mulher contemporânea frente à conjugalidade. Foram escolhidos cinco tópicos que representam os pontos centrais extraídos da análise.

### **O amor romântico não estava a caminho do fim?**

De acordo com a análise de conteúdo, parece que o amor romântico não chegou ao seu final. Pelo contrário, percebe-se que a maioria das participantes ainda conserva ideais românticos e deseja viver um romance com o seu parceiro. Algumas, como Deborah, acreditam nas categorias “único amor” e “para sempre”. Outras, como Sarah, Esther e Miriam, desejam ou desejavam encontrar a felicidade no relacionamento afetivo, projetando fantasias românticas em seus parceiros. Hannah, por sua vez, projeta no meio externo algumas fantasias de felicidade e de amor *ad aeternum*, quando ressalta que as pessoas buscam as imagens do amor feliz nas redes sociais.

Parece que, para as mulheres na faixa etária pesquisada, o amor romântico, como fundamento dos relacionamentos conjugais, não está chegando ao fim. Pelo contrário, é um componente do relacionamento. Todavia há que se considerar que, nas respostas dadas sobre os relacionamentos conjugais na contemporaneidade, as participantes afirmam que esses estão banalizados e sem propósito. Tal visão é compatível com as ideias de Bauman (2004), quando esse autor teoriza sobre a banalização dos relacionamentos no mundo contemporâneo, o que nos leva a questionar se as participantes consideram que o amor romântico apenas existiria em suas próprias experiências conjugais. Seriam essas mulheres casos de exceção em termos do que é socialmente mais comum e esperado? Vale ressaltar que apenas Deborah afirma que o fator solidez está presente naqueles casos em que as pessoas se propõem a terem um casamento duradouro.

Entende-se, portanto, que a maioria das participantes está presa a suas projeções e ideais românticos e que, talvez, não tenham, pelo menos no momento, condições de enxergar os defeitos e qualidades do parceiro, de si mesmas e do próprio casamento.

Igualmente se percebe que, ao falar sobre os relacionamentos conjugais na sociedade contemporânea, as entrevistadas destacam o comportamento da juventude atual, mencionando os adolescentes. Deborah, ao fazer menção à atitude de uma adolescente de 14 anos, que é sua vizinha, diz já se considerar “velha” para os padrões atuais de relacionamento. É possível que, ao identificar a banalização dos relacionamentos amorosos, as participantes deste estudo estejam fazendo referência aos jovens que estão experimentando a vivência dos afetos de forma mais liberal. Teríamos, assim, um contraponto. As mulheres na faixa dos 30 anos ainda acreditariam no amor romântico e o viveriam em seu dia a dia, enquanto os mais jovens, que se encontram na adolescência, experimentariam, na visão das participantes, o fim desse modo de amar. De acordo com Giddens:

o amor romântico é aquele que depende da identificação projetiva, da identificação projetiva do *amour passion*, como o processo pelo qual os parceiros potenciais tornam-se atraídos e, então, unem-se. A projeção cria, aqui, uma sensação de totalidade com o outro [...] (GIDDENS, 1993, p. 72)

O mesmo autor também entende que as características do outro são conhecidas por meio de um sentido intuitivo, o que dificulta o real contato com o parceiro, impedindo o desenvolvimento da intimidade. A fim de que essa possa ser promovida, o autor propõe a abertura em relação ao outro.

Supõe-se que, na fase do apaixonamento, é esperado que um casal esteja em identificação projetiva, ou ainda, como definiu Jung (1949/2011c), em participação mística. Todavia, com o passar do tempo, os integrantes do par devem conhecer os traços reais de seus parceiros, construindo o caminho para chegar ao amor confluyente postulado por Giddens (op. cit.), em que se presume igualdade de doação e troca afetiva entre os membros do casal. O amor confluyente pode levar os parceiros a acessarem o seu potencial criativo e a ingressarem no processo de individuação, tanto pessoal, quanto do próprio casal. Isso seria um facilitador para a resolução dos conflitos existentes no relacionamento. Enxergar os problemas, na maioria das vezes, pode ser um caminho para o amadurecimento psíquico. Não se

pode, contudo, menosprezar o amor romântico, pois ele facilita a aproximação dos casais e a construção de um casamento que leve ao processo de individuação.

**Conjugalidade: união criativa que possibilita a construção de uma história de vida em comum com o parceiro, ou uma visão idealizada do casamento?**

[...] chamamos de casamento, neste trabalho, não o legal, mas o legítimo, já anteriormente definido como uma união não necessariamente legal, mas viva, criativa e profunda entre pessoas, geralmente do sexo oposto, que sejam companheiros solidários, que tenham muitos encontros na vida, amem-se e tenham uma vida afetiva e sexual satisfatória (VARGAS, 2004, p. 84).

A partir da compreensão do conteúdo apresentado nas entrevistas e analisado no capítulo anterior, foi possível identificar a ideia central presente no discurso das entrevistadas a respeito da conjugalidade. Assim como Vargas (2004), as participantes consideram que a união com o sexo oposto pode ser vivida de forma criativa, entre companheiros solidários que se amam e que desejam construir uma história em comum. Percebe-se, também, que buscam no relacionamento não somente o companheirismo, mas a existência e a demonstração de afetos como a ternura, o carinho e a amizade. Algumas, como Hannah e Esther, esperam o empenho de seus companheiros na construção da conjugalidade, reforçando a ideia de Giddens (1993) de que as mudanças do mundo contemporâneo permitiram às mulheres rejeitar a rigidez dos papéis até então impostos pela sociedade e reivindicar maior participação dos homens na construção dos relacionamentos conjugais.

Um dado que chama a atenção é que, ao serem questionadas sobre o que é conjugalidade, as participantes desconsideraram as dificuldades que igualmente fazem parte desse campo. As participantes fizeram menção, de modo mais específico, apenas aos aspectos positivos e prazerosos da vida a dois. Não houve referência às crises e discussões que um casal pode vir a enfrentar. Parece, assim, não haver o reconhecimento de que viver a conjugalidade significa não somente experimentar os prazeres da vida, mas também os desprazeres (VARGAS, 2004). Note-se que tais respostas são dadas após as participantes terem desenhado aquelas que seriam suas dificuldades conjugais e respondido às perguntas a respeito da configuração dos relacionamentos conjugais contemporâneos. Haviã

tido, portanto, a chance de refletir e comentar alguns percalços pelos quais haviam passado e que estão presentes no cotidiano da mulher contemporânea. Por outro lado, foi solicitado que, para definir conjugalidade, tomassem como referência o que estavam vivendo ou haviam vivido com seus parceiros. Ainda assim, ao responderem sobre o que é conjugalidade, deixaram de associá-la aos problemas esperados na vida conjugal. Tendo por base a incongruência flagrada entre o que consideram conjugalidade e aquilo que viveram em seus relacionamentos, pode-se supor que as dificuldades conjugais são vividas sombriamente pelas participantes.

De acordo com Roth (2011), a sombra é formada por três aspectos: a) aspectos reprimidos e localizados no inconsciente pessoal, constituindo o que o autor chama de sombra pessoal; b) aspectos que são inerentes ao inconsciente coletivo e que, portanto, têm uma dimensão coletiva; c) aspectos que são totalmente desconhecidos pela consciência e que talvez nunca possam ser acessados. Para esse autor, a sombra não deve ser entendida no sentido de qualificação, mas sim como uma indicação daquilo que não é visível, desconhecido, e que está no inconsciente, só podendo ser acessado pela consciência por meio da “iluminação”.

No caso das participantes, ao serem questionadas sobre o conceito de conjugalidade, aparentemente enfrentam um dilema interno, que até mesmo elas desconhecem: manter a persona de um relacionamento feliz e cheio de companheirismo ou entrar em contato com os conteúdos de uma conjugalidade que também é composta pelos desprazeres da vida? Os conteúdos não prazerosos seriam muito difíceis de serem suportados, caso elas entrassem mais profundamente em contato com eles? Ou ainda, seria melhor esconder certos conteúdos, para que a pesquisadora tenha uma boa impressão sobre as entrevistadas?

Por encontrarem dificuldades em reconhecer, enfrentar ou discutir tais conflitos, as participantes, quando diretamente solicitadas a refletir sobre relacionamentos afetivos, tenderiam a se identificar com a persona, talvez como uma forma de defesa contra os estímulos desconfortáveis que a pergunta pode provocar. Outra possibilidade é que as participantes responderam sobre conjugalidade de acordo com que pensaram que a pesquisadora queria ouvir. É plausível que tenham considerado que uma conjugalidade plena de prazeres seria mais aceita socialmente do que uma conjugalidade que abarcasse também os problemas de relacionamento, problemas esses que, perante a sociedade, poderiam

ser sinônimos de fracasso no casamento. Vale ressaltar que, segundo Graubart (2014), a sociedade propaga imagens idealizadas que não deixam entrever a dificuldade e o trabalho árduo necessário para a construção dos relacionamentos.

De toda forma, neste estudo, parece-nos estar diante de um dos possíveis conflitos entre persona e sombra, considerando que a persona envolveria os conteúdos que são qualificáveis aos olhos dos outros, enquanto a sombra abarcaria as qualidades e conteúdos contrários ao esperado pela sociedade (ROTH, 2010).

### **Conjugalidade versus individualidade**

[...] todo fascínio e toda dificuldade de ser casal residem no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 379)

Féres-Carneiro (1998), entende que o casamento não é apenas composto pelo espaço da conjugalidade, mas também pelo campo da individualidade. A conjugalidade representaria um polo psíquico, enquanto a individualidade representaria o polo contrário. Na concepção da autora, a individualidade e a conjugalidade, sendo forças opostas, causam tensões entre o casal. Uma vez que existem aspectos inconscientes e conscientes, tanto no campo individual quanto no campo conjugal, os aspectos inconscientes, se não forem bem trabalhados, podem levar à separação do casal. Entende-se, portanto, que o campo da conjugalidade e da individualidade são opostos que deveriam se complementar para que haja maior equilíbrio psíquico no casamento.

Benedito (1996) discorre sobre a forte correlação que Jung traçou entre a dinâmica dos opostos e a progressão da libido, levando a entender que a tensão entre os opostos é gerada e mantida pela energia psíquica em constante transformação. Para essa autora, em razão da experiência simbólica representada pelo casamento ou relação de coabitação entre os parceiros, o dinamismo conjugal permite estabelecer conexões entre os dois mundos, consciência e inconsciente.

Na análise do discurso de Deborah, Esther e Sarah, nota-se que a conjugalidade é um campo muito mais conhecido, o que leva a crer que os aspectos relativos à conjugalidade estão mais conscientes do que aqueles relacionados à individualidade. Conclui-se que a libido dessas participantes flui mais para a construção da conjugalidade do que para a sua própria individualidade e que, portanto, existiria a necessidade de maior equilíbrio entre esses polos. Essa não é uma tarefa simples e, na maioria das vezes, o equilíbrio ótimo não é alcançado. Todavia seria importante que essas participantes se dedicassem ao reconhecimento dos seus aspectos individuais, de modo a integrá-los à consciência, para que, futuramente, venham a fazer parte da identidade individual e conjugal. Como postulam Levandowsky et al. (2009), o gradativo equilíbrio entre as dimensões da conjugalidade e da individualidade gera, como consequência, uma maior satisfação conjugal e um funcionamento psicológico individual mais adequado. Jung (2011a) também considera que raramente um relacionamento afetivo se desenvolve sem dificuldades, até que as individualidades entre os parceiros sejam respeitadas. Nesse sentido, haveria que aprender a conviver com as tensões entre conjugalidade e individualidade e desenvolver o gradual equilíbrio entre essas dimensões.

Ao contrário das outras três participantes, Hannah e Miriam conseguem perceber que a individualidade é um campo que igualmente faz parte do relacionamento afetivo. Percebe-se que essas participantes têm consciência de alguns de seus próprios aspectos e do fato de que eles são importantes para a construção e desenvolvimento do casamento. Hannah afirma que os integrantes do casal, mesmo estando juntos, precisam ter um *hobby* individual ou algo que possam fazer separadamente. Miriam afirma que o casal precisa viver as fases de cada um, “só que juntos”. Há que se considerar, contudo, que os caminhos para chegar ao entendimento anteriormente citado foram diferentes para essas participantes.

Hannah teve uma formação familiar que sempre a ensinou a ser independente. Também considera que cuidar do pai e do irmão fez com que ela percebesse a necessidade de ter o seu próprio espaço. Acredita, ainda, que os conselhos do pai sempre a ajudaram a preservar a sua individualidade.

Miriam, por sua vez, entendeu a importância da individualidade a partir das dificuldades que enfrentou em seu casamento. Ao ser promovido profissionalmente, seu marido passou a ter que viajar para a China, três vezes ao ano. Dessa forma, ela teve que aprender a lidar com a solidão, com a tristeza e com a frustração de

não ter o parceiro sempre em casa. Miriam acredita ter conseguido superar essas dificuldades, demonstrando ter acessado o potencial criativo do Self e integrado alguns elementos inconscientes à sua consciência.

Entende-se, em resumo, que parte das participantes (Deborah, Esther e Sarah) dedicou-se mais ao desenvolvimento do campo da conjugalidade, o que sugere a necessidade de integrar à consciência aspectos individuais inconscientes. As demais participantes (Hannah e Miriam) teriam conseguido desenvolver os dois polos, sendo que Hannah aprendeu a valorizar sua individualidade ao longo da sua formação familiar, enquanto Miriam aprendeu a desenvolver esse campo em razão das dificuldades que a vida lhe apresentou.

### **Expectativas conjugais baseadas na troca entre os pares.**

O grupo temático “Expectativas em relação à conjugalidade” revelou quatro temas: aspectos afetivos, construção de uma nova família, conquista de bens materiais e início de relacionamentos.

Todas as participantes fundamentaram e qualificaram expectativas baseadas no companheirismo e nos sentimentos de amor, alegria, felicidade e afeto mútuo entre os cônjuges, inclusive representando-os por meio das imagens desenhadas. Esse resultado é semelhante aos encontrados no estudo de Zordan, Falcke e Wagner (2009) e de Coutinho e Menandro (2010), autores que afirmam existir o desejo de permanecer em um relacionamento afetivo desde que haja satisfação e a vivência desses afetos. Esses estudiosos ressaltam que, na contemporaneidade, os pares não estão mais dispostos a manter um casamento apenas para a satisfação da sociedade ou da família de origem, mas sim para atender aos próprios desejos, referendando a afirmação de Giddens (1993) de que as relações só se mantêm enquanto ambas as partes consideram que o relacionamento lhes traz satisfação suficiente para que cada um possa nele permanecer. Esther e Sarah são exemplos que se separaram ao perceberem que as expectativas de vivência desses afetos não se concretizaram.

Como dito anteriormente, a construção da conjugalidade está baseada na satisfação entre os cônjuges. Essa escolha é motivada por fatores subjetivos, predominando as expectativas referentes à qualidade da relação do casal (ZORDAN, FALCKE & WAGNER, 2009). Há que se deixar claro, todavia, que a

avaliação da qualidade da relação é subjetiva, ou seja, interpretada segundo a visão de cada participante. Não há, portanto, um modelo pré-definido de casamento, mas sim a visão idealizada de cada participante.

Sob outro ponto de vista, percebe-se que Deborah, Esther e Sarah acreditam que a conquista de bens materiais e a construção de uma família são capazes de proporcionar alegria e a vivência de afetos como o amor. Deborah apresentou como objetivos tornar-se mãe e construir uma família, acreditando que, assim, alcançaria a felicidade tão almejada. De acordo com a entrevista:

Pesquisadora: Para você, o que é a felicidade?

Deborah: Acredito que está relacionada à construção de uma bela família. Bom, isso eu tenho hoje! Então, acho que sou feliz! Ser mãe também é uma superfelicidade!

Esther, por sua vez, tinha como objetivos ser mãe, comprar uma casa e um carro e procurou representá-los em seu desenho sobre as expectativas conjugais. Relacionou essas imagens às “coisas boas” que idealizou para seu casamento e para a “harmonia do lar”. Esperava alcançar essas metas com o seu parceiro. Percebeu, todavia, que este não compartilhava dos mesmos objetivos, o que levou Esther a se sentir frustrada, frustração essa expressa em seus relatos e simbolizada pela frase: “eu queria ter desenhado um poço, porque eu literalmente estava no fundo do poço”.

Sobre as suas expectativas conjugais, Sarah afirma que queria casar na igreja, queria “um companheiro para viajar e ter filhos”, acreditando que assim alcançaria a felicidade e viveria o amor. Note-se que Sarah sofreu agressões durante o casamento e que demorou dois anos para se separar. É possível que, ao traçar seus objetivos e expectativas conjugais para fins deste estudo, Sarah estivesse procurando como que restaurar o respeito próprio.

Além disso, Deborah, Esther e Sarah relacionaram, como expectativas prioritárias, a possibilidade de serem mães e de construírem uma família com seus parceiros. Essas participantes consideram a conjugalidade um meio para alcançar a parentalidade. Tem-se que conjugalidade é um dos caminhos para a constituição da parentalidade, mas não o único. Haveria, no caso dessas participantes, a necessidade de considerar outros aspectos pertencentes à conjugalidade, como a construção de um olhar voltado para as necessidades do parceiro dentro do

casamento, o reconhecimento de suas próprias necessidades individuais e a possibilidade de desenvolvimento emocional e psíquico.

Ao contrário das outras participantes, Miriam prioriza os afetos, esperando vivê-los ao lado de seu companheiro. Ao almejar compartilhar sentimentos com seu parceiro, demonstraria estar mais consciente de seus aspectos individuais afetivos e daquilo que tem a oferecer ao seu companheiro dentro do casamento. Também não faz muitas exigências materiais, valorizando mais a presença do companheiro no lar. Todavia, em seu discurso, percebe-se que a participante constrói algumas expectativas baseadas nos ideais do amor romântico e, como essa modalidade de amor enfatiza a fantasia do romance, isso pode ser um obstáculo para o desenvolvimento do amor confluyente preconizado por Giddens (1993).

Hannah é um caso diferente das demais. Desenha todos os objetivos que gostaria de alcançar junto com seu parceiro, mas não evidencia nenhum tipo de afeto. Mesmo durante a entrevista, quando diante de questões relacionadas à afetividade, ela se desviou do foco o que pode evidenciar a existência de defesas que a impedem de entrar em contato com seus sentimentos a respeito das expectativas conjugais. Há que se considerar, entretanto, que Hannah relacionou uma dessas expectativas à divisão igualitária de tarefas entre os membros do casal. Essa simetria de papéis seria um dos aspectos que compõem, segundo Giddens (1993), o amor confluyente. Nesse sentido, a proposição de divisão de tarefas pode representar a forma que Hannah tem de demonstrar amor a si e ao seu parceiro, pois, nesse caso, presume-se que haverá ajuda mútua e respeito aos limites de cada um.

### **Das expectativas às dificuldades – as dificuldades como um caminho para o enriquecimento do potencial criativo.**

A partir da análise de conteúdo e dos desenhos percebe-se que as participantes tinham grandes expectativas quanto à construção de um projeto de vida a dois, porém, ao longo do caminho, esbarraram nas dificuldades que, para algumas, constituíram fatores de amadurecimento da conjugalidade e, para outras, mostraram-se apenas como entraves para a construção do relacionamento.

A respeito disso, Guggenbühl-Craig (1980) afirma que o casamento, no sentido de construção da conjugalidade, não é um lugar para se viver apenas os

prazeres. Pelo contrário, os casais vivem mais as dificuldades do que realmente os prazeres em seu cotidiano. Von-Franz e Hillman (2016) complementam essa ideia, quando afirmam que o casamento é um vaso que acolhe todo o tipo de sentimento negativo, mesmo que a pessoa se case impelida por sentimentos amorosos, pela esperança e pela busca da felicidade. De acordo com os autores, a elaboração do casamento implica momentos de mau-humor, adulação, tédio e tantos outros sentimentos negativos complexos.

No decorrer de seus relacionamentos, as participantes se depararam com as seguintes dificuldades, relatadas nas entrevistas: a interferência da família de origem, tanto a dos maridos quanto a sua própria, o tédio no relacionamento afetivo, a falta de libido nas relações sexuais, problemas de alcoolismo por parte do marido, brigas, ciúmes em relação à família da esposa, ausência de comprometimento do parceiro com o relacionamento, descuido com os filhos, falta de comunicação ou comunicação mal interpretada, distância física entre os parceiros, falta de equilíbrio entre a vida familiar e a carreira, questões financeiras e relativas à divisão das tarefas domésticas. Todas essas dificuldades geraram sentimentos como mágoa, irritação, ansiedade, raiva e frustração, que são os sentimentos negativos descritos por Von-Franz e Hillman (2016).

Deborah, Hannah e Miriam conseguem entender as dificuldades como indicativas da necessidade de mudanças e reformulação do casamento. Igualmente entendem que tais mudanças são necessárias não somente para a redução de conflitos, mas também para a flexibilização e o enriquecimento do casamento, como coloca Vargas (1989).

Deborah relata, como principal dificuldade, o tédio no relacionamento, que se configurou como consequência uma suposta traição por parte do marido. Entretanto, nega os sentimentos provocados por essa suspeita, talvez como uma forma de se defender da dor sentida ao perceber o flerte entre o marido e outra mulher.

Pesquisadora: Como você se sentiu quando soube dessa pessoa?

Deborah: Na verdade foi uma coincidência. Era dia do meu aniversário e as pessoas estavam me mandando mensagem. Chegou mensagem no celular dele,[que] ‘tava na minha mão! Eu ‘tava falando com um amigo meu, [o celular] ‘tava na minha mão e chegou a mensagem dela! Aí, eu peguei e li um pedaço da mensagem, ela chamando ele de meu amor. (Faz uma expressão espantada) Oi? Meu amor?

Pesquisadora: Sim...

Deborah: Hum... Peguei e li! E, aí, eu vi que eles estavam trocando mensagens e tentando começar algo. Não sabia se ‘tavam ou não... Ele não me traiu, mas ele já ‘tava flertando com ela... Eu peguei e saí. Eu morava na casa da minha sogra [...]

Esse é um trecho, retirado da entrevista de Deborah, que pode indicar a presença de defesas contra os sentimentos dolorosos diante da descoberta do envolvimento emocional do marido com outra mulher. Apesar de Deborah ter considerado ser apenas algo passageiro e sem consequências – um flerte – o casal chegou a se separar e o marido afirmou que “estava gostando de outra pessoa”.

Sobre a traição ou a possível traição, Hillman (1981) aconselha o traído a cuidar da própria ferida e a viver as eventuais consequências positivas da traição. Entende-se que, ao negar que o marido a traía, Deborah deixa de entrar em contato com a experiência proposta por Hillman (op. cit.), que representa a oportunidade de olhar para si mesmo e para os outros, aceitando não somente o ocorrido, mas a gama de sentimentos conflituosos, confusos e vergonhosos que acompanham a experiência de ser traído. Esse tipo de negação teria impedido que a participante acessasse o seu potencial, de maneira a dar novos significados para a traição ocorrida, ampliar a sua consciência e abrir as portas da transformação pessoal e conjugal por meio da elaboração dos sentimentos então despertados. Vargas (2004) afirma que novas vivências internas possibilitam novas interpretações do conhecido, novos projetos para o futuro e trazem transformações vivas no plano do casal.

Todavia, há que se considerar que apesar da negação da traição, Deborah acredita que superou o problema, pois aceitou retomar a relação com seu marido. Não se sabe, porém, se ela aceitou retomar a relação por ter elaborado o conflito ou por visar à concretização do objetivo de formar uma família.

Hannah, por sua vez, relata, como principal dificuldade, as brigas, não só as suas com o marido, mas também as que o marido tinha com os outros no cotidiano. Em um primeiro momento, Hannah não conseguia encontrar como resolver tais conflitos. Conseguia apenas chorar, levando o marido a se sentir culpado. Com o passar do tempo e com a convivência do casal, Hannah aprendeu a ressignificar os seus problemas encontrando novas soluções. Passar por essas dificuldades fez com que conhecesse uma parte de si que se adapta positivamente a situações adversas. Em face das dificuldades, Hannah foi capaz de se perceber como resiliente e desenvolveu um modo de lidar com os desentendimentos que o marido tinha com outros e com ela mesma. A estratégia de Hannah foi esperar a raiva do marido passar e, só depois, conversar a respeito da briga ou do comportamento que ele havia apresentado no trânsito. Também aprendeu a ignorar as reclamações e impérios do marido com relação aos problemas domésticos e do cotidiano.

As duas principais dificuldades de Miriam foram com relação à solidão e à diminuição da frequência de relações sexuais entre o casal, por falta de libido do marido. Miriam não conseguia conversar com seu marido a respeito de quão sozinha se sentia quando ele viajava para a China e, principalmente, não conseguia conversar sobre a diminuição do desejo sexual do parceiro, culpando-se pelo empobrecimento da vida sexual do casal, o que inclusive chegou a afetar a sua autoestima. Miriam encontrou um caminho para a solução dos seus conflitos na terapia de casal, tomando consciência de que todo o problema estava na falta de comunicação. A experiência com a análise levou o casal à descoberta de novos significados, proporcionando a Miriam e ao marido importantes *insights*. Miriam conseguiu lidar com a vergonha de expor o que sentia e conversar sobre a sua solidão e sobre a falta de libido do casal, elaborando o conflito e resolvendo suas dificuldades.

Esther e Sarah são mulheres que se separaram, porém, ao contrário de Esther, Sarah acredita que a separação foi a forma que encontrou para superar os seus problemas. Sarah teve que lidar com as agressões do marido, que eram constantes e que ela atribui ao fato de ele ser alcoolista. Todavia, continuou nesse casamento durante dois anos, mesmo sabendo, antes de se casar, que o marido era agressivo.

Hawison (2003) acredita que, muitas vezes, o ego se torna rígido quando colocado diante de determinadas experiências, como a separação, que lhe são

desconhecidas e que podem causar sentimentos dolorosos e de ansiedade. Para esse autor, o ego, nesse estado, não consegue acessar o seu potencial criativo para a elaboração de conflitos, e as experiências de vida têm forte impacto sobre o indivíduo. Isso acontece no caso de pessoas que não se permitem refletir com maior profundidade e/ou não têm recursos suficientes para lidar com as emoções provocadas por novas experiências. Esse pode ser o caso de Sarah, que presenciou a violência e o ciúme do marido uma semana antes do casamento e, ainda assim, permaneceu na relação durante dois anos.

Sobre a violência conjugal, Benedito (1995) complementa Hawison (op. cit.), afirmando que o fluxo da libido é estancado e a relação ego-Self, cindida, paralisando o desenvolvimento emocional do indivíduo. Todavia, em algum momento, no caso de Sarah, a dor de se manter no relacionamento afetivo foi maior do que a dor da separação. Enfrentar essa dor foi considerado pela participante sua maior superação, o que pode significar que Sarah pôde acessar, ainda que minimamente, a força de seu animus, que se pôs em ação, fazendo com que ela tomasse a decisão de se separar, mesmo que a solução fosse voltar para a casa da mãe. Entende-se, assim, que, de alguma maneira, ela conseguiu se desenvolver psicologicamente e resolver o conflito. Essa teria sido a forma criativa por meio da qual Sarah enfrentou suas dificuldades.

No caso de Esther, por outro lado, as dificuldades estavam relacionadas ao modo como interpretava o companheirismo no casamento. Para ela, seu marido somente foi companheiro durante o namoro e antes que ela engravidasse. Pode-se supor, com isso, que, inicialmente, na fase de namoro, tenha havido significativa projeção dos aspectos positivos do animus, enquanto que, na fase que se segue ao nascimento da criança, quando começaram as dificuldades, Esther passou a projetar apenas os aspectos negativos, afirmando que seu marido não era companheiro. Esther confere ao termo “companheirismo” um significado totalizante, de preenchimento de todas as suas expectativas. Não há consideração pelas expectativas do parceiro, o que ocasionou as crises no relacionamento, visto que as demandas e objetivos do casal não estavam alinhados. A participante acredita que não houve superação, pois não conseguiu enxergar ganhos com o fim do casamento. Isso pode ser depreendido quando se considera o fato de que, durante a entrevista, ela não mencionou, em nenhum momento, uma melhora significativa de vida e colocou a culpa no parceiro, tanto por não ter atendido às suas expectativas

quanto pela separação, embora tenha admitido, por vezes, não ter lutado por seu casamento. Nesse caso, percebe-se que o discurso valida a cooperação entre o par, como elemento para a constituição da conjugalidade, mas há afirmações – “o companheiro é aquele que vai suprir tudo” – que revelam existirem aspectos inconscientes, como a necessidade infantil que o outro realize os seus desejos. Segundo Benedito (1996), muitas pessoas se casam procurando gratificações que não lhes foram propiciadas na infância e esse parece ser o caso de Esther, cujas exigências alimentaram os conflitos entre o casal. Pode-se supor que sua libido se mantém em estado regredido e ela espera que as soluções para o seu relacionamento venham de forma mágica. A fim de manter um relacionamento genuíno adulto, talvez ela devesse ter sacrificado as expectativas infantis e cooperado, juntamente com o seu marido, para a construção de um relacionamento que lhe permitisse o desenvolvimento psíquico (BENEDITO, 1996).

Sob outra perspectiva, Jacoby (2011) afirma que, em certos tipos de relação, em que não há reconhecimento das próprias necessidades, medos e fantasias, o outro é apenas o portador da projeção da realidade psíquica do parceiro em questão. Jung também refletiu a respeito da ênfase que se dá às expectativas, deixando de lado o real sentido do relacionamento:

Certamente gostaríamos de ter melhores relacionamentos com nossos semelhantes, mas naturalmente sob a condição de que correspondam as nossas expectativas, isto é, de que sejam portadores solícitos de nossas projeções. Mas quando tomamos consciência dessas projeções, estabelece-se facilmente uma maior dificuldade do relacionamento com outra pessoa, pois começa a faltar a ponte da ilusão, sobre qual o amor e o ódio podem fluir de forma libertadora e sobre a qual também todas aquelas virtudes que os outros querem “erguer” e “melhorar” podem ser levadas fácil e libertadoramente ao ser humano. (JUNG, 2005 p. 79)

Ainda para Jung (2005), quando não há o sacrifício das ilusões em prol do sentimento maduro e responsável, há a privação da possibilidade da experiência do amor verdadeiro.

Esther não renunciou às ilusões durante o seu relacionamento, o que também gerou dificuldades e acabou em uma separação. Nesse sentido, teria sido preciso enxergar o seu companheiro de forma total, sem a película das projeções, e reconhecer que é preciso cooperação para o desenvolvimento do casamento.

Em síntese, as dificuldades fazem parte do aprendizado e do processo de individualização do casal, pois cada cônjuge vê no outro aquilo que deve integrar à sua consciência.

Entende-se que algumas, participantes, como Deborah, Miriam e Hannah, estavam preparadas para enfrentar uma nova experiência dentro do relacionamento afetivo e lidar com as diversas situações que se apresentariam a partir do momento em que se envolvessem com as mudanças. Outras, como Esther, não estavam estruturadas para lidar com os sentimentos de frustração advindos do não atendimento às suas expectativas e da evidência de que todo o casamento passa por dificuldades. Sarah, por sua vez, teve um relacionamento marcado pelas agressões de seu marido. Por um tempo, manteve-se psicologicamente presa a esse casamento, porém conseguiu superar as suas dificuldades quando decidiu se separar e não retomar mais o relacionamento.

### **Padrão dos relacionamentos na atualidade – os relacionamentos frágeis influenciados pelos padrões da mídia e das redes sociais.**

No discurso das participantes pode-se identificar o perfil dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. Na visão das cinco entrevistadas, os relacionamentos afetivos estão cada vez menos propícios ao desenvolvimento da conjugalidade e da intimidade. Entre os principais fatores que contribuem para tal situação foram citados: a falta de confiança entre as pessoas, a influência das redes sociais na percepção da realidade das pessoas, o desejo de posse e controle sobre o outro, o medo de se expor ao outro, a falta de foco para a construção de um relacionamento duradouro e o ganho em quantidade versus a perda da qualidade nos relacionamentos.

Seus discursos lembram a visão de Bauman (2004), que aponta para a fragilidade dos relacionamentos na contemporaneidade. Para o autor, as pessoas hoje desejam “estar com alguém” em vez de desejar amar alguém, e isso colabora para a fragilidade dos relacionamentos afetivos. Em suas palavras:

Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer de redes. Fiéis à sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria dos grilhões do amor (BAUMAN, 2004, p. 25).

Assim, as participantes acreditam que as pessoas têm o desejo de conhecer e de experimentar tanto quantos relacionamentos lhe forem permitidos. Todavia, de acordo com Deborah, o desejo genuíno por amor parece estar obsoleto para aqueles que não estão se propondo a amar. Sarah faz eco a Deborah, quando fala que a maioria só quer se divertir e as pessoas estão, cada vez menos, envolvendo-se com compromissos duradouros. Deborah e Sarah igualmente acreditam que muitas mulheres não se “dão ao valor” e se entregam a relacionamentos afetivos sem propósito, rápidos e fáceis. Isso porque hoje a mulher teria maior facilidade para encontrar novos parceiros. Todavia essa facilidade, na opinião das entrevistadas, resulta na banalização dos relacionamentos afetivos e desfavorece a construção da conjugalidade.

Na visão de Esther e Hannah, as experiências que a mídia proporciona não colaboram para uma maior duração dos relacionamentos afetivos, pouco contribuindo para a constituição da conjugalidade. A propagação de imagens felizes e descompromissadas e de uma vida a dois repleta de prazeres é uma das principais fontes da banalização dos relacionamentos contemporâneos (GRAUBART, 2014). De acordo com as participantes, as pessoas procuram cada vez mais um relacionamento que lhes proporcione momentos de prazer e satisfação, à semelhança das fotos divulgadas pelos aplicativos e pelas redes sociais, e, quando se deparam com as dificuldades, rompem o relacionamento. Quando as pessoas veem as fotos, dedicam-se a fantasiar uma vida repleta de prazeres, mas não refletem sobre o outro lado, os problemas que necessariamente surgem no convívio conjugal.

Esther vai além e diz que as pessoas hoje pouco conversam, interagindo mais por aplicativos do que pessoalmente. Cita o exemplo do aplicativo Tinder, que é um facilitador para encontros amorosos via internet, mas que, em sua visão, é um caminho para relacionamentos menos duradouros. Segundo o entendimento das participantes, os relacionamentos afetivos contemporâneos estão carentes de intimidade, já que esta se configura como a comunicação emocional entre o casal,

em um contexto de igualdade interpessoal (GIDDENS, 1993) e os aplicativos se interpõem como uma barreira para a comunicação emocional genuína.

Miriam acredita que as pessoas não sabem como se sentem em relação aos relacionamentos conjugais. Entende que, ao mesmo tempo em que as pessoas desejam um relacionamento afetivo, estão muito fechadas e temerosas, o que, na opinião de Miriam, também favorece os relacionamentos passageiros e sem muito envolvimento afetivo. Acredita que tal atitude provém do medo de expor fragilidades e que, por isso, muitas pessoas se fecham. Para ela, o maior problema dos relacionamentos conjugais, na atualidade, está na imposição social de estar com alguém ou, ainda, de ter um relacionamento esporádico. Acredita que não há problema em ter um relacionamento rápido, desde que seja o desejo genuíno da pessoa e não uma imposição.

### **A visão das mulheres: o homem procura uma bela dona de casa para um relacionamento conjugal.**

A maioria das participantes acredita que, para os homens, a parceira ideal para a construção de um relacionamento conjugal duradouro possui as seguintes características: beleza, submissão ao marido, inteligência e responsabilidade. Deve ainda ser quieta, boa companheira, boa dona de casa e correta em seus comportamentos.

Miriam tem duas visões a esse respeito. Em um primeiro momento, afirma que os homens procuram mulheres legais, parceiras e companheiras, ou seja, aquelas que estão dispostas a transitar facilmente pelo universo masculino. “Eles buscam mulheres que não os condenem por estar assistindo futebol”, declara a participante, deixando claro, porém, que essa é a sua visão particular. Em um segundo momento, pensando em termos sociais, Miriam apresenta uma perspectiva diferente sobre o assunto em questão e diz ainda existir, principalmente nas cidades mais afastadas da capital, uma cultura muito machista<sup>2</sup>, em razão da qual os homens acreditam que a mulher deve servir aos desejos deles. Considera, também, que, na cidade de São Paulo, talvez os homens não se importem com a liberdade feminina, com o fato de a mulher escolher a forma como vai se relacionar, sendo

---

<sup>2</sup> Machismo: ideologia segundo a qual o homem domina socialmente a mulher. (FERREIRA, 2016)

possível que não busquem um modelo específico de mulher. Todavia Miriam acredita que, nas cidades do interior, os homens têm um modelo pré-estabelecido de mulher, que representaria aquela com a qual eles desejam concretizar um relacionamento conjugal. Em suas palavras:

Eu tenho alguns pacientes que são do interior e eu vejo uma mentalidade bem diferente assim do pessoal daqui. É... Eles procuram mulheres mais servis, que sejam donas de casa, mães, ou que se dediquem muito mais a eles; que se dediquem mais à casa e mais a eles. Existe aquela coisa de não deixar a mulher sair sozinha com as amigas. (Miriam)

Na visão de Deborah, Sarah e Esther, uma mulher que tem relacionamentos esporádicos e experimenta o sexo casual talvez não seja a preferida pelos homens para assumir o papel de esposa e mãe de família. Entendem que esse tipo de mulher não tem chances de se envolver em um relacionamento afetivo duradouro, pois não reuniria os requisitos que os homens procuram encontrar naquelas com quem casariam. Hannah reproduz o discurso que ouve de seus colegas de trabalho e reafirma que as mulheres com perfil para esposas são aquelas mais introspectivas e que não têm a pretensão de ter relacionamentos casuais. Sob esse aspecto, Hannah faz eco às outras participantes e afirma que os homens procuram aquelas que acreditam terem qualificações para exercer, com responsabilidade, o papel de dona de casa. Sarah acredita que os homens não desejam amar e que, quase sempre, iniciam relacionamentos sem o propósito de compromisso. Nesse sentido, estabelece uma generalização, atribuindo a todos os homens uma atitude desprovida de afeto e negando que possuam a necessidade de amar e serem amados. É importante considerar, nesse caso, que Sarah terminou um casamento devido às constantes agressões que sofreu do marido. É possível, portanto, que sua opinião a respeito dos homens esteja calcada nessa experiência.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a presente pesquisa cumpriu o objetivo de investigar os aspectos psicológicos da conjugalidade de mulheres adultas, respondendo às indagações da pesquisadora. Com esse estudo também foi possível identificar como a mulher atual lida com as expectativas e dificuldades que se apresentam durante o casamento e verificar os recursos que ela utiliza para enfrentar tais dificuldades. Neste estudo chamamos de superação a maneira como as participantes lidam com as dificuldades apresentadas durante o casamento. Apesar de não ser objetivo deste trabalho, também surgiu a oportunidade de verificar o panorama dos relacionamentos afetivos de forma geral, entendendo como a mulher contemporânea entende a sua configuração.

Não houve muitas dificuldades para encontrar as participantes, pois relacionamentos afetivos e formação da conjugalidade mostraram-se temas bem interessantes aos olhos do público feminino, uma vez que a maioria das mulheres já enfrentou algum percalço nessa área.

De acordo com os achados deste estudo, a conjugalidade para a mulher contemporânea, heterossexual, casada oficialmente ou coabitando, de 32 a 39 anos e grau de escolaridade elevado é a união entre duas pessoas de sexos opostos, que desejam viver a vida juntos, vivendo na mesma casa e construindo uma história de vida juntos. Essa união deveria ser repleta de companheirismo, cumplicidade, respeito e cooperação mútua entre os cônjuges. Nota-se, igualmente, que as participantes demonstraram certa idealização a respeito do tema, pois, quando perguntadas sobre o que é conjugalidade, deixaram de mencionar as dificuldades.

Verificou-se que, para Deborah, Sarah e Esther, o desenvolvimento do campo conjugal é mais importante do que a sua individualidade. Entretanto, Miriam e Hannah entendem que, mesmo estando casadas, necessitam desenvolver a sua individualidade, pois esse é, para elas, tão importante quanto o campo da conjugalidade. Uma vez que se constituem opostos que se complementam e retroalimentam dentro de um relacionamento afetivo, quando não se conhece a própria individualidade, não há como compor a conjugalidade.

Sobre as expectativas das participantes, o estudo revelou que essas estão relacionadas a companheirismo, amor, alegria, felicidade e afeto mútuo entre os cônjuges. É importante salientar que, apesar de citarem a conquista de bens materiais e a construção da família como expectativas importantes, algumas das entrevistadas – Deborah, Sarah e Esther – fazem de objetivos materiais, como a compra de uma casa, a construção de uma família, viagens e a aquisição do automóvel, um caminho para o desenvolvimento de afetos, tais como amor, felicidade e alegria. Miriam destaca-se por divisar, na própria conjugalidade, o caminho para o desenvolvimento dos afetos. Hannah, por sua vez, deseja apenas alcançar os seus objetivos ao lado de seu marido, negando os afetos envolvidos durante a entrevista.

As principais dificuldades encontradas foram a interferência da família de origem, tanto dos maridos quanto a sua própria, o tédio no relacionamento afetivo, a falta de libido nas relações sexuais, problemas de alcoolismo por parte do marido, brigas, ciúmes em relação à família da esposa, ausência de comprometimento do parceiro com o relacionamento, descuido com os filhos, falta de comunicação ou comunicação mal interpretada, grande distância física entre os parceiros, falta de equilíbrio entre a vida familiar e a carreira, dificuldades financeiras e divisão das tarefas domésticas.

Se, para Hannah e Miriam, essas dificuldades se mostram como estimuladoras do amadurecimento, tanto individual quanto da conjugalidade, para Esther e Sarah elas foram apenas entraves para a construção do relacionamento. Deborah nega algumas dificuldades mais dolorosas, como o flerte do marido com outra mulher, talvez como forma de não entrar em contato com a dor. Todavia, essa participante pôde resolver os demais problemas de relacionamento, sabendo usá-los para o seu crescimento pessoal e para a evolução do casamento.

Dessa maneira, entende-se que as dificuldades podem ajudar no crescimento e desenvolvimento, tanto do casal quanto dos integrantes do par, desde que as expectativas sejam elaboradas e as ilusões infantis de um casamento apenas repleto de prazer, descartadas. As dificuldades apontam a necessidade de mudança no modo como os casais conduzem o relacionamento afetivo. No caso das participantes, entende-se que os problemas encontrados propiciaram a integração de aspectos inconscientes, pois, em sua maioria, conseguiram solucionar as dificuldades de forma criativa, conduzindo o relacionamento afetivo de uma nova

maneira. Aceitar retomar uma relação após a traição do marido, tomar a iniciativa de fazer terapia, descobrir-se resiliente, conseguir se separar após dois anos de relacionamento violento são estratégias de superação criativas e, por que não dizer, corajosas. Essas mulheres conseguiram lidar com os mais diversos sentimentos como: vergonha, confusão, culpa, raiva, mágoa. Deborah, Hannah e Miriam escolheram a via do relacionamento afetivo para o seu desenvolvimento psíquico, enquanto Sarah e Esther preferiram seguir outros caminhos.

Este estudo também permitiu compreender algumas questões que parecem compor o cerne dos relacionamentos afetivos contemporâneos e que refletem a visão da maioria das mulheres. Notou-se que algumas das mulheres entrevistadas reivindicam a participação dos homens na realização das tarefas domésticas, o que seria uma evidência de que a mulher está cada vez mais engajada na busca da igualdade entre os gêneros e deseja que os papéis sejam mais fluidos, mais flexíveis.

Hoje, a julgar pelos depoimentos das participantes, as mulheres pretenderiam compartilhar com o parceiro não somente as tarefas domésticas, mas também os gastos financeiros. Por outro lado, as participantes parecem basear-se em estereótipos, ao descreverem o que homem teria em mente como a mulher ideal para casar. A maior parte das entrevistadas estabelece uma diferença entre a mulher que seria candidata a um casamento duradouro e aquela que apenas busca um relacionamento amoroso sem compromisso.

Sobre o panorama dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade, as entrevistadas notam o crescente número de relacionamentos rápidos e sem o propósito de compromisso e desenvolvimento, tanto conjugal quanto psíquico. Também houve menções ao crescente número de relacionamentos afetivos por aplicativos e redes sociais. As participantes igualmente acreditam que as fotos de famílias felizes, propagadas pela mídia, influenciam tanto na construção da conjugalidade, quanto na formação de expectativas, o que, conseqüentemente, influencia as dificuldades.

No âmbito da prática clínica, percebe-se que a maioria das queixas trazidas pelas pacientes está relacionada às suas expectativas com relação ao casamento ou ao relacionamento afetivo. Essas demandas são similares às encontradas por meio deste estudo e geram, na maioria das vezes, grandes dificuldades nos relacionamentos.

Nesse sentido, o trabalho do terapeuta de casal serve como uma ponte para o acesso ao potencial criativo dos integrantes do par relacional, ajudando-os a pensar em estratégias que visem obter soluções mais apropriadas para a resolução dos conflitos ou, ainda, sobre o papel da dificuldade dentro do relacionamento afetivo.

Ressalte-se a escassez, no âmbito da Psicologia Analítica, de pesquisas sobre o tema que seriam de grande relevância para a prática clínica. Há, assim, a necessidade de estudos que, utilizando o referencial teórico junguiano, possam verificar, a partir da coleta de dados com casais, a evolução da conjugalidade e dos relacionamentos afetivos dentro da sociedade. Seria, ainda, de grande interesse, para a comunidade clínica e acadêmica, um trabalho que se propusesse a levantar e compreender as expectativas e dificuldades relacionadas à conjugalidade sob o ponto de vista do homem contemporâneo, pois se percebe que são raros os trabalhos sobre esse tema, envolvendo participantes do sexo masculino. Mais especificamente, seria interessante verificar como os homens entendem as mesmas questões que, neste estudo, foram propostas às mulheres. Espera-se, assim, que este trabalho estimule outros profissionais a se voltarem ao estudo da conjugalidade, de modo a enriquecer tanto a prática clínica quanto a produção acadêmica voltada para o tema.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, S. C. **Infertilidade na relação conjugal: uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com sandplay**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Sandplay therapy with couples within the framework of analytical psychology. **Journal of Analytical Psychology**. v. 60, p. 32-35, 2015a.

\_\_\_\_\_. A conjugalidade na Psicologia Analítica. In: BENEDITO, V. L. Y. **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015b.

ALVARENGA, M. Z. A paixão e seus propósitos. **Junguiana**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, n. 28, p. 13-17, 2010.

ALVEZ-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, jun. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932002000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 9 nov. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENEDITO, V. L. Y. Violência conjugal: um paradoxo a ser investigado. **Junguiana** Revista Latino-americana da Sociedade de Psicologia Analítica – São Paulo, v. 13, p. 56-63, 1995.

\_\_\_\_\_. **Amor conjugal e terapia de casal: uma leitura arquetípica**. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. Abordagem simbólica do conflito conjugal. **Junguiana** Revista Latino-americana da Sociedade de Psicologia Analítica – São Paulo, v. 20, p. 87-94, 2002.

\_\_\_\_\_. Terapia de casal e de família na psicologia analítica brasileira. In: BENEDITO, V. L. Y. (Org.) **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.

BERTAGLIA, P. C. C. **Laços e amarras das relações conjugais: pesquisa qualitativa sobre a excessiva dependência feminina dos vínculos conjugais**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v. 16, n. 3, dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 9 nov. 2014.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega** – Volume 1. São Paulo: Vozes, 2009.

BYINGTON, C. A. B. **A construção amorosa do saber**. São Paulo: Religare, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Linear B, 2008.

CAILLÉ, P. **Um e um são três: o casal se auto-revela**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

CARTER, B.; MACGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida da família: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2015.

COUTINHO, S. M. S.; MENANDRO, P. R. M. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83 – 106, 2010.

CUNICO, S. D.; ARPINI, D. M. Conjugalidade e parentalidade na perspectiva de mulheres chefes de família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 693-703, out./dez. 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 1994.

DUARTE, J. P.; ROCHA-COUTINHO, L. "Namorido": uma forma contemporânea de conjugalidade? **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p.117–135, 2011.

FARIA, D. L. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 nov. 2014.

FÉRES-CARNEIRO, T.; DINIZ-NETO, O. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, v. 20, n. 46, p. 269-278, 2010.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 17 jun. 2017

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, n. 8, p. 31-38, 2003.

FONSECA, S. R. A.; DUARTE, C. M. Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflitos e amor. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 135-143, 2014.

FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GRAUBART, S. Amor efêmero, encontros descartáveis. In: SIMPÓSIO DO IJUSP, IV, 2014, São Paulo. **Alma Brasileira**. Disponível em: <<http://ijusp.org.br/artigos/amor-efemero-encontros-descartaveis/>>. Acesso em: 21 dez. 2015

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O casamento está morto. Viva o casamento**. São Paulo: Edições Símbolo, 1980.

HANNAH, B. **Jung, vida e obra: uma memória biográfica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HART, D. L. A escola junguiana clássica. In: YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (Eds) **Compêndio da Cambridge sobre Jung**. São Paulo: Madras, 2011, p.

HAWISON, D. “O Rose, thou art sick”: anti-individuation forces in the film “American Beauty”. **Journal of Analytical Psychology**, v. 48, n. 5, p. 683-704, 2003.

HEISLER, V. Individuation through Marriage. **Psychological Perspectives**, v. 1, n. 2, fall 1970.

HILLMAN, J. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiame, 1981.

HUMBERT, E. G. **Jung**. São Paulo: Summus, 1985.

HYGINUS Fabulae 50-99. **THEOI TEXTS LIBRARY**. New Zealand, 2000-2017. Disponível em: <<http://www.theoi.com/Text/HyginusFabulae2.html#67>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do Registro Civil**, v. 39, 2012. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2012\\_v39.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2012_v39.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2015.

JACOBY, M. **O encontro analítico**. São Paulo: Cultrix, 2011.

JUNG, C. G. **Sobre o amor**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. O. C. 17. Petrópolis: Vozes, 2011a.

\_\_\_\_\_. O casamento como relacionamento psíquico. In: JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. O. C. 17. Petrópolis: Vozes, 1925/2011b, par. 324-345/324-345.

\_\_\_\_\_. Definições. In: JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. O. C. 6. Petrópolis: Vozes, 1949/2011c.

\_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente**. O. C. 7/2. Petrópolis: Vozes, 1934/2011d.

\_\_\_\_\_. **Símbolos de transformação**. O. C. 5. Petrópolis: Vozes, 1911/2011e.

\_\_\_\_\_. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si mesmo**. O.C. 9/2. Petrópolis: Vozes, 1950/2012.

JUNG, E. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. C. S. Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 679-687, out./dez. 2009.

LEVINSON, D. J. **The seasons of a woman's life**: a fascinating exploration of the events, thoughts, and life experiences that all women share. New York: Ballantine Books, 1996.

LINS, R. N. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias sobre amor e sexo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e evolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **A era do vazio**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. Do útero à adoção: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. **Estudos de Psicologia**, 14(2), p. 113-121, Natal, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a04v14n2.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

MCFARLANE, A. **História do Casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MENEZES, C. **A transição para o casamento**. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS, 2006.

MOORE, T. **Cuide da Alma**. São Paulo: Siciliano, 1992.

MORAES, N. M. **Sapos não viram príncipes**: uma abordagem das perspectivas amorosas das mulheres contemporâneas. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

MORAES, N. M.; NEMIN, F.; LOUREIRO, L. A maldição de Eva: a face feminina da violência contra a mulher. **Psicologia em Revista**, v.16, n.1 & n.2, p. 51-71, 2007.

MORAES, N. M.; NEMIN, F.; LOUREIRO, L.; GUARNIERI, M. Eros e Narciso: A ebulição das forças anímicas. **Psicologia e argumento**, v. 30 n. 69, p. 219-227, 2012.

NEUMANN, E. **A grande mãe**: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo: Cultrix, 2006.

PALACIO, G. J. R. Creando desde Afrodita a Venus uma representación femenina arquetípica del amor, la sexualidade, el cuerpo y la función alquímica de transformación. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**. v. 2, n. 1, p. 104-110, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mulheres adultas que moram em repúblicas e seus relacionamentos íntimos amorosos – um enfoque junguiano**. São Paulo, 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

PEIXOTO M. M.; HEILBORN M. L. Mulheres que amam demais: conjugalgidades e narrativas de experiência de sofrimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24(1), p. 406, janeiro-abril, 2016.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Educ-Fapesp, 2013.

PESSOA, M. S. C. **Elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal-um enfoque junguiano**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

QUALLIS-COBERT, N. **A prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. São Paulo: Paulinas, 1990.

REIS, M. R. Crises conjugais: riscos e oportunidades. **Junguiana Revista Latino-americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo, v. 25 p. 93-101, 2007.

ROTH, W. **Introdução à psicologia de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 1986.

STEIN, M. **Jung, o mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ-SALANT N. **Narcisismo e transformação do caráter**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, P. O. M.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JÚNIOR, A. As representações sociais de conjugalidade entre casais recém-casados. **Estudos de Psicologia**, v. 17(3), p. 435-443, setembro-dezembro 2012.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicologia: teoria e prática (on line)**, v. 15/2, p. 33-45, maio/agosto, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193828216003>>. Acesso em: 21 maio 2016.

STEIN, M. **O mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VARGAS N. S. O casamento e a família como caminho de individualização. **Junguiana Revista Latino-americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo v. 7, p. 101-11, 1989.

\_\_\_\_\_. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. São Paulo: Madras, 2004.

VIEIRA, E. S.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na pós-modernidade. **Aletheia (on line)**. Canoas, n. 32, mai/ago. 2010, p. 147-160. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012)>. Acesso em: 10 jul. 2015

VON-FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 154-224.

VON-FRANZ, M. L.; HILLMAN, J. **A tipologia de Jung: ensaios sobre a psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2016.

WAHBA, L. L. As heroínas. **Núcleo de Estudos Junguianos (on line)**. São Paulo: PUC-SP, [201-?]. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/jung/portugues/publicacoes/artigos\\_heroina.html](http://www.pucsp.br/jung/portugues/publicacoes/artigos_heroina.html)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

YOUNG-EISENDRATH, P. Gênero e contrassexualidade. In: YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (Orgs.) **Manual Cambridge de estudos junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009.

## APÊNDICE A – Roteiro de pesquisa

### 1ª Etapa - Questionário sócio demográfico:

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Estado Civil:
- 4) Profissão:
- 5) Filhos\_\_\_\_\_ Quantos:\_\_\_\_\_
- 6) Religião:
- 7) Quantas vezes foi casada<sup>3</sup>\_\_\_\_\_
- 8) Duração das uniões\_\_\_\_\_

### 2ª Etapa - Aplicação dos Desenhos:

Como parte da coleta de dados é necessário que você desenhe as situações pesquisadas no objetivo desse trabalho. Temos aqui duas folhas de papel. Gostaria que você desenhasse primeiramente as expectativas que você tinha sobre a conjugalidade, antes de se casar. Em seguida, gostaria que você desenhasse as dificuldades conjugais que você enfrentou ou está enfrentando. Não há certo ou errado, bonito ou feio, sintá-se à vontade para fazer o que quiser. Após o término pedirei que você me fale um pouco sobre esse desenho.

### 3ª Etapa – entrevista

Essa entrevista será dividida em duas etapas, nessa primeira etapa eu gostaria que você respondesse sobre os relacionamentos de forma geral, enquanto que na segunda etapa eu gostaria que você respondesse especificamente sobre o seu relacionamento.

#### 1ª etapa

- 1) Como você descreveria os relacionamentos conjugais na atualidade?
- 2) Como você descreveria a mulher ideal que os homens procuram para ter um relacionamento conjugal?

#### 2ª etapa

- 3) Para você o que é conjugalidade?
- 4) Antes de você se casar o que você entendia por conjugalidade?
- 5) Você poderia me falar um pouco sobre as expectativas conjugais que você tinha antes de se casar?
- 6) Após o casamento quais foram as dificuldades que você enfrentou?
- 7) Você conseguiu superar<sup>4</sup> essas dificuldades? Como?

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, esse termo será utilizado para uma união estável, um casamento civil, ou uma união apenas entre duas pessoas de sexos diferentes.

<sup>4</sup> Entende-se por superação a forma como as participantes lidaram com as dificuldades no casamento.

## **APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS  
COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – CEP**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos a senhora para participar da pesquisa: Expectativas e dificuldades da mulher contemporânea frente à conjugalidade – um enfoque junguiano, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Campos Marinho, CRP06/89545 a qual pretende investigar as expectativas e dificuldades da mulher contemporânea frente à conjugalidade.

Sua participação é voluntária e sigilosa e, se dará por meio de uma entrevista semiestruturada que será gravada e, por meio de realização de um desenho que será analisado. A análise e os dados farão parte da dissertação de mestrado da pesquisadora.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos e caso sinta algum desconforto poderá se retirar e, ser encaminhado para atendimento psicológico se desejar. O procedimento de encaminhamento para psicoterapia é realizado mediante um encontro de avaliação feito pela pesquisadora em seu consultório e será feito de acordo com a disponibilidade da participante e do colega colaborador em relação a honorários, tempo e localização.

Caso aceite participar, estará contribuindo para o desenvolvimento de novas teorias e técnicas relacionadas à psicoterapia junguiana de casal, favorecendo, assim, novos pesquisadores, psicólogos e pacientes que se beneficiarão dos conteúdos dessa pesquisa.

A senhora tem o direito de retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa, mesmo que já tenha dado o seu consentimento.

A senhora não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, permanecendo em sigilo. Para qualquer outra informação, a senhora poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Rua Maria Curupaiti nº 163 ou pelo telefone (11) 2232-8344, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/PUCSP, Rua Ministro Godói, 969 -4º andar- sala 4E-05 – São Paulo-SP, telefone: (11) 3070-8521.

## Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ fui informada sobre a pesquisa, sobre minha participação nela e, por que preciso colaborar, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Colaborador:

Assinatura \_\_\_\_\_

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Pesquisadora:

Assinatura \_\_\_\_\_

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Ana Paula Campos Marinho  
RG: 30.934.645-9  
CRP:06/89545

## **APÊNDICE C– Folheto de divulgação da pesquisa**

### **PESQUISA- CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANIEDADE**

Convido para participação em uma pesquisa atual a respeito de conjugalidade, tema de extrema relevância para a compreensão dos relacionamentos na atualidade.

Sou psicóloga clínica e mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e realizo dissertação que visa investigar as expectativas e dificuldades da mulher contemporânea frente à conjugalidade.

Para a concretização de minha dissertação, necessito a colaboração voluntária de mulheres heterossexuais, que possuam idades entre 32 e 39 anos, com ensino superior completo, e tenham tido uma experiência conjugal (casamento ou coabitação).

Se você possui esse perfil ou conhece alguém que o tenha, por favor, entre em contato comigo, Ana Paula Campos Marinho, pelo e-mail: [anapaula.camposmarinho@gmail.com](mailto:anapaula.camposmarinho@gmail.com) ou pelo telefone: (11) 99116-0166. Poderá obter maiores informações a partir desse contato.

Este estudo é totalmente sigiloso, e segue procedimentos éticos de pesquisa. Sua contribuição será importante para futuras pesquisas e tratamentos psicológicos na área da psicologia clínica.

Será um prazer recebê-la em meu consultório para conversarmos sobre relacionamentos.

Atenciosamente,

Ana Paula Campos Marinho  
Psicóloga Clínica – CRP: 06/89545  
Mestranda em Psicologia Clínica no Núcleo de Estudos Junguianos.  
Orientador: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

## **APÊNDICE D – Comunicado de pesquisa**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS  
COMITE DE ÉTICA E PESQUISA – CEP**

Estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), sob orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, cujo objetivo é investigar as expectativas e dificuldades da mulher contemporânea frente à conjugalidade.

Necessito da participação de mulheres voluntárias, de 32 a 39 anos de idade, que já tenham tido uma experiência conjugal (casamento, união estável ou moraram com alguém), para que esse trabalho seja concluído. A participação voluntária consistirá em um encontro de aproximadamente duas horas, que será realizado em consultório psicológico. Nesse encontro, será realizada uma entrevista semiestruturada, com aplicação de um desenho.

Ressalto que essa pesquisa respeita todos os princípios éticos que regulamentam a pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução do CNS (Conselho Nacional de Saúde) nº. 466, de 12 de dezembro de 2012. Portanto, serão garantidas às participantes:

- . acesso a qualquer tempo às informações, procedimentos, riscos e benefícios pertinentes à pesquisa;
- . esclarecimento de quaisquer dúvidas que haja sobre a realização, procedimento, riscos e benefícios deste estudo;
- . informação de que a entrevista será gravada e transcrita, e que os dados serão apagados após análise e resultados concluídos;
- . o esclarecimento de que o material coletado será utilizado na dissertação de mestrado da pesquisadora e que poderá eventualmente ser publicado;
- . liberdade para deixar de participar do estudo, retirando o seu consentimento,
- . informações sobre todos os procedimentos e instrumentos que serão utilizados nessa pesquisa;
- . liberdade para solicitar um encontro individual de até 50 minutos para entrega dos resultados;
- . sigilo e a preservação de sua identidade e das pessoas que aparecerem em seus relatos durante a entrevista;

. encaminhamento para psicoterapia, caso haja alguma mobilização emocional. O encaminhamento será feito após a realização de um encontro de até 50 minutos para suporte, avaliação e esclarecimento das mobilizações emocionais da participante.

Pesquisadora:  
Ana Paula Campos Marinho  
RG: 30934645-9  
CRP:06/89545  
Tel: 99116-0166  
e-mail: [anapaula.camposmarinho@gmail.com](mailto:anapaula.camposmarinho@gmail.com)